



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**INGEBURG HASENACK:
MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA MUSICAL**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Janaína Machado Asseburg Lima

Santa Maria, RS, BRASIL

2013

**INGEBURG HASENACK:
MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA MUSICAL**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

por

Janaína Machado Asseburg Lima

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Linha Educação e Arte, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Luciane Wilke Freitas Garbosa

Santa Maria, RS, Brasil

2013

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Lima, Janaína Machado Asseburg
Ingeburg Hasenack: Memórias de uma educadora musical /
Janaína Machado Asseburg Lima.-2013.
188 p.; 30cm

Orientadora: Luciane Wilke Freitas Garbosa
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, RS, 2013

1. Educação musical 2. História de vida 3. Memória I.
Garbosa, Luciane Wilke Freitas II. Título.

© 2013

Todos os direitos autorais reservados a Janaína Machado Asseburg Lima. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita com autorização por escrito da autora.

Endereço: Av. Clube Recreativo Dores, 600 Casa 88C, Bairro Cerrito, Santa Maria, RS. CEP: 97060-491

Fone: (0xx)55 84465632; E-mail: janinhadse@hotmail.com

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação**

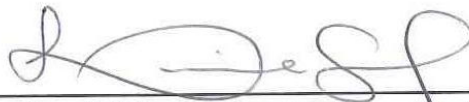
A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
Aprova a dissertação de Mestrado

**INGEBURG HASENACK:
MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA MUSICAL**

elaborado por
Janáina Machado Asseburg Lima

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação

COMISSÃO EXAMINADORA:



Luciane Wilke Freitas Garbosa, Prof^a. Dr^a. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)



Maria Cecilia de Araujo Rodrigues Torres, Prof^a. Dr^a. (IPA/POA)



Helenise Sangoi Antunes, Prof^a. Dr^a. (UFSM)



Cláudia Ribeiro Bellochio, Prof^a. Dr^a. (UFSM)

Santa Maria, 18 de abril de 2013.



**INGEBURG HASENACK:
MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA MUSICAL**

Santa Maria - 2013

*Dedico esta dissertação
à minha querida professora Tante Inge,
que com tanto carinho narrou-me suas histórias,
demonstrando uma paixão pela educação e pelas crianças,
ensinamento que levarei para sempre em minha trajetória.*

Agradeço...

Primeiramente, aos meus pais, Hans Benno e Henriqueta, e meu irmão, Leonardo, que incentivaram meus estudos acadêmicos e musicais, apoiando-me nas minhas escolhas e decisões e contribuindo para esta conquista em minha caminhada. Um agradecimento especial ao meu pai, que durante horas me auxiliou nas traduções em alemão e nos materiais acerca da imigração alemã.

Ao meu esposo, Diogo, que tanto me acompanhou nas horas de estudo e leitura, nas dúvidas, nas incertezas de como começar ou terminar um capítulo. Agradeço pela sua dedicação e amor, e em decidir dividir comigo todos os momentos de nossas vidas e por ter me dado a maior alegria de todas, nosso(a) bebê que está a caminho.

Aos meus outros “pais”, Laércio e Cristina, pelo carinho sempre e por todo o apoio estrutural que recebia quando precisava ficar em Porto Alegre para participar de eventos e viagens. Obrigada por tudo.

À minha querida orientadora, Luciane, pelas horas de orientação, pela paciência, carinho, dedicação e pelo amor à profissão. Agradeço a sua amizade, os ensinamentos durante esses dois anos e o cuidado com que me fez aprender a olhar para as histórias das pessoas.

À querida professora, Tante Inge, por aceitar caminhar comigo durante esses dois anos e confiar a mim sua história de vida. Obrigada pelos encontros regados a risadas, fotografias, conversas, emoções, chazinhos e pão de queijo, esses são momentos que ficarão guardados em minha memória e são muito especiais.

À professora Cláudia, por estar comigo durante essa caminhada do mestrado, auxiliando no que precisava e sendo um exemplo profissional em minha trajetória. Agradeço por aceitar participar dessa conquista comigo.

De igual maneira, agradeço à professora Helenise e ao professor Paulo, por aceitarem participar de minha banca e terem

contribuído imensamente em minha defesa de qualificação. Agradeço à professora Cecília, por participar de minha banca de defesa de dissertação e dividir comigo as alegrias do final dessa caminhada.

Aos colegas, muitos dos quais se tornaram amigos que levarei para a toda a vida e que contribuíram para eu amar cada vez mais a cidade de Santa Maria. Juliane, Gabriela, Kelly, Vanessa, Franciele, Zelmielen, Camila, Ana Paula, Fernanda, obrigada por caminharem comigo durante essa etapa.

Ao meu querido amigo Mateus, que dividiu comigo a estréia como professores substitutos durante esses dois anos. Obrigada pelo carinho, pelas risadas e pelos nossos shows, que com certeza não irão parar por aqui.

Ao PPGE e à UFSM, pela oportunidade de realizar o curso de Mestrado.

Epígrafe

Memória

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão

Mas as coisas findas
muito mais que lindas,
essas ficarão.

(Carlos Drummond de Andrade, 1951, do livro *Claro Enigma*)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

INGEBURG HASENACK: MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA MUSICAL

Autora: Janaína Machado Asseburg Lima
Orientadora: Prof^a Dr^a Luciane Wilke Freitas Garbosa
Santa Maria, 18 de abril de 2013.

A presente proposta, vinculada à linha de pesquisa Educação e Artes - LP4, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria, objetivou compreender a trajetória de vida pessoal e profissional da professora Ingeburg Hasenack. Buscou-se ainda conhecer as práticas de ensino de música desenvolvidas pela professora, além de refletir sobre os professores que fizeram parte de sua trajetória de formação e as implicações de seu trabalho nos contextos em que atuou. Como referencial, utilizou-se os estudos sobre memória de velhos (BOSI, 1994; POLLAK, 1989, 1992) e memória docente (NÓVOA, 1992; GOODSON, 1992; CATANI et al. (2000). Através desses autores apresenta-se a análise da história de vida da professora Ingeburg Hasenack, incidindo sobre os elementos constitutivos da memória, objetos biográficos presentes em sua narrativa, professores que figuraram como modelos docentes em sua trajetória, além de outros elementos apontados durante a pesquisa. No que tange à abordagem metodológica, utilizou-se os estudos (auto)biográficos (ABRAHÃO, 2003, 2004; MEIHY, 2005; ALBERTI, 2004, 2005) e a história de vida como método de investigação (FREITAS, 2006; ALBERTI, 2004, 2005; MEIHY, 2005; FISCHER, 2011), amparando-se nos estudos voltados à memória de velhos (BOSI, 1994). Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se a entrevista de história de vida (ALBERTI, 2004, 2005). A partir dos dados produzidos e das reflexões sobre a trajetória de vida pessoal e profissional da professora Ingeburg Hasenack, foi possível construir, junto à entrevistada, traços de uma trajetória intensa, amorosa e apaixonada, marcada por “práticas afetivas”, contribuindo para uma maior compreensão da carreira docente e da história da área.

Palavras-chave: Educação musical, história de vida, memória.

ABSTRACT

Master Thesis
Postgraduate Program in Educacion
Federal University of Santa Maria

INGEBURG HASENACK: MEMORIES OF A MUSICAL EDUCATOR

Author: Janaína Machado Asseburg Lima
Advisor: Prof^a Dr^a Luciane Wilke Freitas Garbosa
Santa Maria, April 18th 2013.

The present proposal, connected to the research line Education and Arts - RL4, of the Graduation Program in Education at the Federal University of Santa Maria, had intended to comprehend the personal and professional life trajectory of teacher Ingeburg Hasenack. It had been also intended to know the music teaching practices developed by the professor, beside to reflect on the subject of teachers who had made part of her formation trajectory, and implications of her work at the contexts she had acted in. As theoretical references it had been used studies about Elderly People Memories (BOSI, 1994; POLLAK, 1989, 1992) and Teacher Memories (NÓVOA, 1992; GOODSON, 1992; CATANI et al. (2000). Through these authors it is been presented the teacher Ingeburg Hasenack's Life History analysis, focusing upon the fundamental elements of memory, biographical objects found in her narrative, professors who had appeared as teaching models in her trajectory, and other elements pointed out during the research. In relation to the methodological approach, it had been used (auto)biographical studies (ABRAHÃO, 2003, 2004; MEIHY, 2005; ALBERTI, 2004, 2005) and the Life History as the investigation method (FREITAS, 2006; ALBERTI, 2005; MEIHY, 2005; FISCHER, 2011), relied on studies focused on Elderly People Memories (BOSI, 1994). As data collecting instrument it had been used the Life History interview (ALBERTI, 2005). From the generated data and reflections about the personal and professional life trajectory of the teacher Ingeburg Hasenack, it was possible to build with the interviewed teacher traces of an intense, loving, passionate trajectory, characterized by "affective practices", aiming to a better comprehension of the teaching career and this specific field's history.

Keywords: Music Education, Life History, Memory.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1:	Edmund August Burghardt, pai de Ingeburg Hasenack	48
FIGURA 2:	Elfriede Windgassen, mãe de Ingeburg Hasenack	49
FIGURAS 3 e 4:	Casamento de Elfriede e Edmund em meio às diaconisas	50
FIGURA 5:	Ingeburg no pátio de sua residência no Brasil, no ano de 1934	52
FIGURA 6:	Ingeburg no colo de seu pai, no pátio de casa	53
FIGURA 7:	Ingeburg, com 11 meses, entre as flores	54
FIGURA 8:	O mico	55
FIGURA 9:	Elfriede com os filhos enquanto o marido estava na guerra	58
FIGURA 10:	Ingeburg, com o cachorrinho no colo, e suas amigas em Frankena	59
FIGURA 11:	Ingeburg com as amigas e o irmão, na Alemanha	62
FIGURA 12:	Igreja no vilarejo de Frankena	67
FIGURA 13:	Crianças brincando com o tanque de um avião imitando um barco	69
FIGURA 14:	Crianças no vilarejo de Frankena	70
FIGURA 15:	<i>Kinderfest</i> realizada no vilarejo	71
FIGURA 16:	Ingeburg e seu irmão	72
FIGURA 17:	Alemanha dividida em quatro zonas	73
FIGURA 18:	Ingeburg, adulta, visitando sua casa de infância na Alemanha, a qual foi destruída após terem fugido do exército russo	77
FIGURA 19:	Ingeburg com amiga, na Alemanha	78
FIGURA 20:	Última foto na Alemanha	79
FIGURAS 21 e 22:	Família Burghardt, na chegada ao Brasil, em 1949	81

FIGURA 23:	Ingeburg, no Brasil, com uma arara na mão, demonstrando sua paixão pelos animais	82
FIGURA 24:	Instituto Pré-Teológico, no ano de 1930, em São Leopoldo	83
FIGURA 25:	Ingeburg sobre a grama com as amigas, no pátio do IPT	86
FIGURA 26:	Ingeburg com a gaita e as colegas do IPT	88
FIGURA 27:	Apresentação no Theatro São Pedro	89
FIGURA 28:	Coral na apresentação no Theatro São Pedro	90
FIGURA 29:	Professor Max Maschler	91
FIGURA 30:	Família Trapp	94
FIGURA 31:	Crianças do Jardim de Infância	102
FIGURA 32:	Crianças do Jardim de Infância	104
FIGURA 33:	Tante Inge com as crianças do Jardim de Infância	105
FIGURA 34:	Ingeburg com a lanterna que guarda até hoje	106
FIGURA 35:	Ingeburg e Hans Hasenack, na época do namoro	109
FIGURA 36:	Ingeburg saindo da casa dos Maschler, vestida de noiva	110
FIGURA 37:	Hans e Ingeburg cortando o bolo de casamento	111
FIGURAS 38 e 39:	Entrada da Gleba Arinos, em Porto dos Gaúchos	113
FIGURA 40:	Apresentação de fantoches na escola	114
FIGURA 41:	Ingeburg na casa onde moravam, em Mato Grosso	115
FIGURA 42:	Ingeburg com os alunos em frente à escola rural	116
FIGURA 43:	Ingeburg com o coral de alunos apresentando-se em um palco feito no meio do mato	119
FIGURA 44:	Coral dos alunos de Ingeburg no MT	119
FIGURA 45:	Índias e suas crianças	120
FIGURA 46:	Índios	121
FIGURA 47:	Índios voltando da caçada	122
FIGURA 48:	Colégio Sinodal sendo construído, em 1936	123

FIGURA 49:	Grupo “Rodinha Alegre” fazendo teatro	126
FIGURA 50:	Crianças da “Rodinha Alegre” lanchando	127
FIGURA 51:	Encenação do musical “João Felpudo”	130
FIGURA 52:	Cena do musical “João Felpudo”	131
FIGURAS 53 e 54:	Peças teatrais e musicais de alunos de Ingeburg no Sinodal	132
FIGURA 55:	Flautas de taquara e madeira feitas por alunos	135
FIGURA 56:	Turma de alunos utilizando a flauta doce na aula de música	136
FIGURA 57:	Alunos de Ingeburg brincando no pátio da Casa da Juventude, em Gramado	141
FIGURA 58:	Turma de alunos em Gramado	143
FIGURA 59:	Grupo de danças folclóricas no Asilo Pella Bethânia	144
FIGURA 60:	Ingeburg e os alunos do grupo de danças folclóricas	145
FIGURA 61:	Professores do Seminário na Alemanha	148
FIGURA 62:	Alunos na primeira viagem para a Alemanha, em 1986	149
FIGURA 63:	Ingeburg e os alunos na Alemanha	150
FIGURA 64:	Encontros de Conjuntos Instrumentais	151
FIGURA 65:	Irineu Krüger trabalhando com o Conjunto	152
FIGURA 66:	Tante Inge mostrando o pano que pintaram e levaram ao aeroporto	153
FIGURA 67:	Recepção ao casal Maschler no aeroporto, em Porto Alegre	154
FIGURA 68:	Lema do Conjunto Instrumental <i>Sonoridad</i>	155
FIGURA 69:	Conjunto Instrumental <i>Sonoridad</i> em 2003, divulgando seu trabalho	157
FIGURA 70:	Apresentação em Frankena, Alemanha	158
FIGURA 71:	Ingeburg, eu e o prefeito de Frankena	159
FIGURAS 72 e 73:	Cartas de alunos recebidas por Ingeburg	161

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	4
AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	8
ABSTRACT	9
LISTA DE FIGURAS	10
SUMÁRIO	13
INTRODUÇÃO: A ESCOLHA DO TEMA E A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA	15
1. OS PROFESSORES E SUAS HISTÓRIAS: POSSIBILIDADES DE PESQUISA	22
1.1. Estudos sobre a vida de professores	22
1.2. A mudança de referencial teórico: como se deu o processo	29
1.3. A abordagem (auto)biográfica e as histórias de vida: os caminhos da pesquisa	33
1.3.1 Estudos (auto)biográficos	33
1.3.2 Histórias de vida	35
1.3.3 Memória	37
1.3.4 Os encontros com a professora	40
2. <i>PEGUEI A GAITA FELIZ DA VIDA, SUBI NA ÁRVORE E COMECEI A TOCAR... TODOS OS AMIGOS VIERAM!:</i> MEMÓRIAS DE INFÂNCIA E FORMAÇÃO INICIAL	48
2.1. O início de uma história: traços que ligam a Europa ao Brasil	48
2.2. Lembranças de infância: o período na Alemanha	56
2.2.1 A Escola e seus professores	59
2.2.2 Histórias da guerra: alegrias e tristezas	67

2.2.3 Fim da Guerra? Histórias para contar	72
2.3. De volta ao Brasil: lugares de aprendizagem e modelos docentes	77
2.4. O estudo de Economia Doméstica	96
3. E O QUE FAZÍAMOS? MÚSICA!: ENTRELAÇANDO A HISTÓRIA FAMILIAR E A CONSTRUÇÃO DA TRAJETÓRIA DOCENTE	100
3.1. Os primeiros anos como professora: Jardim de Infância do Morro do Espelho	100
3.2. Uma paixão para toda a vida: casamento e mudanças como uma experiência marcante	108
3.3. Consolidação da carreira docente: Experiências no Colégio Sinodal	123
3.3.1 Memórias de aulas e experiências com alunos	128
3.3.2 Excursões artísticas	140
3.3.3 O Conjunto Instrumental <i>Sonoridad</i>	150
3.4. Caminhos trilhados e novas expectativas	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
REFERÊNCIAS	173
APÊNDICES	179
Esboço de roteiro para entrevista narrativa	180
Carta de cessão	182
ANEXOS	183
Reportagens	184
Entrevista	187

INTRODUÇÃO:

A ESCOLHA DO TEMA E A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Então chegou um homem um dia [risos], me lembro dele com chapéu, tinha essa gaita que estava ali nas costas, 32 baixos, não era bem grande, mas era uma Klingenthal, uma gaita boa. Ahhhh, eu vi aquilo, aí ele disse: “Eu quero que troque um quilo de manteiga, porque meus filhos passam fome”. Aí eu fui de casa em casa, ninguém tinha. Eu fui atrás dele, mas depois eu pensei: “Não vou atrás dele, eu vou fazer uma coisa”. Peguei uma colherinha de chá e fui de casa em casa [risos] e pedi que cada um me desse um pedacinho assim de manteiga [risos], que loucura né?! No fim, cada um deu um pouquinho e eu tinha um bolo grande assim de manteiga. E, onde é que está o homem? Não achei, aí eu chorei, chorei, chorei, mas aí eu pensei, eu sou sempre persistente, sempre, eu não largo tão fácil. Fui toda a vila para baixo, para cima, outro lado e na última casa, antes da estação que ia para Berlim, abri a porta e o homem saiu com a gaita. Eu disse: “Hier, hier¹, aqui, aqui, a manteiga, aqui, aqui!!!” E ele chorando disse: “Kind, Kind², era para ti, tu precisas ter essa gaita e eu preciso da manteiga”. Nós trocamos e eu peguei a gaita, a minha mãe nem acreditava, voltei longe, longe, fui até em casa e tinha uma cerejeira com frutas, foi no verão até, eu subi em cima, eu era um macaco, gostava de subir em árvores, e em cima peguei a gaita e comecei a tocar. Feliz da vida, todos os amigos vieram, então atrás fizemos uma casa de galhos e tudo mais, era nosso encontro, eu tocava, eles cantavam [risos]. Sempre fizemos festa.³

É com a mesma emoção com a qual a professora Ingeburg Hasenack relatou-me esta história de infância, que inicio a escrita deste trabalho, narrando um pouco de minha história de vida musical, que se entrelaça à história da professora Ingeburg Hasenack. Trago ainda os motivos que me levaram a realizar esta pesquisa. Assim como Ingeburg narra esse acontecimento que marcou sua trajetória de vida, com a figura do homem que levava a gaita, e de seus amigos festejando sobre a grande árvore que ficava no pátio de sua casa, as lembranças dos acontecimentos, pessoas e lugares fazem parte da constituição de nossa memória (POLLAK, 1992). Pessoas que marcaram nossa trajetória, lugares de infância e adolescência, experiências únicas de acontecimentos em nossa vida constroem, juntos, a singularidade do percurso de cada um de nós, sendo que caminhos podem se cruzar, conduzindo a

¹ Aqui, aqui.

² Criança, criança.

³ Entrevista em 26/05/2012.

memórias coletivas nas quais pessoas que um dia conhecemos passam a fazer parte de nossa história de vida. Foi assim, através desse entrecruzamento de experiências de vida, que conheci a professora de música Ingeburg Hasenack, de quem fui aluna por cerca de cinco anos. Portanto, para poder explicar a temática da presente pesquisa, não poderia deixar de contar um pouco de minha trajetória musical, a qual faz parte de toda essa história.

Por vir de uma família de origem alemã e ter sido criada no Rio Grande do Sul, em São Leopoldo, cidade berço da colonização alemã, a música permeou vários momentos da minha vida. A influência da colonização alemã na cidade é visível em várias atividades culturais que ocorrem até hoje, pois a música se faz presente e viva desde a chegada dos imigrantes na cidade. Meu pai, de origem alemã, teve sua formação no Instituto Pré-Teológico (IPT) em São Leopoldo, com aulas de música nesse curso, corroborando para que esta linguagem artística fizesse parte de minha formação. Minha mãe, oriunda do Piauí, também teve aulas de música em sua formação, aprecia essa linguagem artística e apoiou meus estudos musicais. Portanto, nasci em um contexto familiar que valoriza a música e cresci em uma cidade onde a prática musical faz parte do cotidiano da comunidade.

Lembro com muito carinho das comemorações de Natal em família, que, especialmente quando éramos crianças, simbolizava um momento de união, reflexão e de se fazer música. Meu irmão e eu tocávamos canções natalinas na flauta doce e meus pais nos acompanhavam cantando as melodias. Como é de costume na Igreja Luterana, comemorávamos o advento com as quatro velas acesas até o dia do Natal, sendo que nos reuníamos nos quatro domingos que antecediam a noite de Natal, geralmente ao redor da mesa. Então meu pai lia uma passagem bíblica e meu irmão e eu, tocávamos. Quando passávamos o Natal com minha avó e meu avô paternos, na Colônia Witmarsum⁴ no Paraná, essa comemoração era ainda mais intensa, pois todos os parentes se reuniam. Possivelmente o que mais tenha deixado marcas até hoje foi a convivência em família nessas celebrações, os cantos

⁴ Colônia fundada em julho de 1951, fazendo parte do município de Palmeira (PR). A Colônia *Witmarsum* “[...] resultou de um movimento colonizador espontâneo, realizado por reimigrantes menonitas, membros de um grupo religioso protestante surgido no século XVI na Europa”. Inicialmente “[...] a colônia foi organizada no sistema de vida comunitária e de terras comunais, porém atualmente as propriedades são individuais, com lotes rurais de 50ha. em média. Sua base econômica reside na agro-pecuária, desenvolvida sobretudo no setor da pecuária leiteira”. (<http://www.acmpw.com.br>) <Acesso em: 17 mar. 2012>

em conjunto, a árvore iluminada com velas, muito mais que os presentes embaixo da árvore de Natal.

Desde os cinco anos, quando comecei a estudar flauta doce, não parei mais com a música, aprendendo posteriormente teclado, violino, piano e flauta transversal, aprendizagem essa, incentivada pela família. Estudei em colégios luteranos ligados à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB⁵), onde o contato com a música era valorizado de forma intensa. No ano de 2001 iniciei o curso de Magistério em nível de ensino médio. Nesse curso pude vivenciar experiências musicais e pedagógicas únicas, que influenciaram minha escolha tanto acadêmica, quanto profissional. Foi durante o ensino médio, no ano de 2003, que conheci a professora de música Ingeburg Hasenack, momento que ingressei no Conjunto Instrumental *Sonoridad*⁶, coordenado pela professora. Ingeburg logo cativou-me com seu jeito animado e extrovertido de conduzir os ensaios do grupo, demonstrando não só conhecimento de vida e experiência pedagógica, mas uma energia e um carisma que constituíam sua maneira de ser. Durante os cinco anos que participei do grupo, tive experiências positivas, principalmente no que tange ao fazer musical em conjunto, vivência que não experimentara de forma tão intensa em minha educação musical, até então. Guardo em minha memória os amigos que conheci, as viagens que fizemos, a tão esperada viagem para a Alemanha, as gravações dos CDs, os encontros e jantares na casa de Ingeburg, os quais eram regados com um toque de carinho e grande alegria.

Em meio a esse tempo, precisei escolher que trajetória acadêmica seguir, optando, então, pelo curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Através dessa formação pude unir o gosto pela música, adquirido durante minha trajetória de vida, com a paixão que tenho pelo ensino e por crianças. Durante minha graduação precisei deixar de participar do Conjunto Instrumental, fato esse que não me afastou dos amigos e da professora. Segui a construção de minha vida profissional, ingressando, no ano de 2011, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria

⁵ A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), com sede em Porto Alegre-RS, tem sua origem na reforma da igreja iniciada por Martinho Lutero no século 16. [...] O luteranismo chegou ao Brasil em 1824 junto com a imigração alemã e, embora tenha permanecido mais concentrado no Sul e Sudeste do Brasil por mais de um século, hoje há comunidades luteranas espalhadas em todos os estados brasileiros. (<http://www.luteranos.com.br/ieclb.html>) <Acesso em: 08 fev. 2012>

⁶ Conjunto Instrumental fundado e coordenado pela professora de música Ingeburg Hasenack. Ao longo do trabalho será explicada toda a história do grupo.

(UFSM), em nível de Mestrado, na Linha de Pesquisa Educação e Artes (LP4). Nessa Linha pude continuar estabelecendo relações significativas entre esses dois campos que me acompanham desde a infância. Conheci minha orientadora, a professora Luciane Wilke Freitas Garbosa, e com ela tive os primeiros encontros, marcados por dúvidas e incertezas quanto ao tema do projeto. Após conversas, sugestões e ideias, descobrimos algo que nos encantou, o fato de conhecermos a professora Ingeburg Hasenack, a qual colaborou para a realização de sua tese de Doutorado, finalizada no ano de 2003. A professora Luciane Garbosa mostrou-se curiosa, queria saber meu envolvimento com a professora, o que sabia sobre sua história de vida, como eram os ensaios do grupo. Senti então uma alegria com a possibilidade de escrever sobre algo que realmente me tocava e fazia parte de minha história, mas, para tanto, precisava conhecer melhor este campo de pesquisa, como proceder com a escrita de uma história de vida. Comecei a fazer leituras indicadas por minha orientada e me apaixonei por essa forma de escrita. Assim, após contato com a professora Ingeburg Hasenack e a resposta positiva, decidi pela realização deste trabalho.

Quando penso em minha trajetória de vida e de formação tanto pessoal quanto profissional, vejo Ingeburg Hasenack como uma das professoras que me influenciou a escolher a carreira de professora de música. Diferente de outras profissões, nós, docentes, convivemos com profissionais da nossa área desde muito cedo, sendo que esses profissionais nos acompanham desde o primeiro dia que entramos na escola até quando saímos da Universidade com o diploma na mão. Dentro dessa trajetória escolar, guardamos em nossa memória figuras de professores que nos marcaram e que, muitas vezes, nos serviram de exemplos a serem seguidos (NÓVOA, 1992; GOODSON, 1992). Nossas vivências cotidianas, as experiências com educadores que nos deixam marcas, os exemplos profissionais que queremos seguir, são elementos que influem na construção de nossa identidade profissional.

Assim, penso na figura de Ingeburg como alguém que carrega um conhecimento singular, que vai além dos conteúdos musicais adquiridos através de anos de experiência no magistério com o ensino de música, através de suas vivências de formação na família, na igreja e em outros espaços. Recordo-me de olhar para a Ingeburg e ficar curiosa sobre sua trajetória como professora de música. Em alguns ensaios, Ingeburg comentava sobre a época em que dava aulas de

música no Colégio Sinodal, sobre gerações de alunos que ensinou, sobre os quase 50 anos que lecionou e se dedicou à Instituição. A curiosidade levou-me então aos questionamentos que originaram essa pesquisa; Como a música começou a fazer parte da vida de Ingeburg Hasenack? De que forma a educação que teve durante sua trajetória de vida influenciou sua forma de pensar a docência? Existem professores que ficaram em sua memória, constituindo modelos docentes para sua formação? Porque mencionava que nascera no Brasil por acaso? Qual a implicação do trabalho de Ingeburg Hasenack na cidade de São Leopoldo? Essas e outras questões me inquietavam e foram propulsoras para a escolha e realização da pesquisa. Através das narrativas da professora, busquei respostas às questões e tantas outras que surgiram no decorrer do trabalho.

Assim, através da pesquisa, foi possível refletir juntamente com a professora “[...] sobre o seu percurso de vida, [...] suas ideias, alegrias, tristezas, incidentes, ambições, objetivos [...]” (FERREIRA, 2008, p.18). Através da trajetória pessoal e profissional da professora, pude compreender como o ensino de música permeou e marcou não só sua vida, mas a história musical dos contextos em que atuou. Conseqüentemente, este estudo volta-se à história de vida da professora Ingeburg Hasenack, refletindo sobre sua infância, adolescência, casamento e filhos, assim como a construção e consolidação de sua carreira profissional.

Destaco que a pesquisa sobre a trajetória de vida da professora permitiu-me compreender melhor o contexto da educação musical presente na cidade de São Leopoldo, nos anos de 1959 a meados de 2008, assim como o atual cenário existente na cidade. Dessa forma, a história musical da cidade de São Leopoldo relaciona-se a histórias de pessoas que participaram dessa construção, sendo que um cruzamento de vidas resulta em um contexto social que marca os costumes e atividades característicos da região.

Escrever sobre um professor, buscar fatos que contem a sua história e narrem as suas experiências são elementos valiosos para a comunidade docente como um todo. Que pessoas melhores senão os professores, com suas experiências de vida, para contar seus fatos e até mesmo clarear ideias de quem está iniciando na profissão? Segundo Abrahão, investigar a história de vida de professores “[...] traz um manancial de conhecimentos que auxiliam na formação de novos professores ao proporcionar a reflexão sobre a vida de destacados educadores” (ABRAHÃO, 2008, p. 18). Ao ler as histórias dos mais velhos, podemos, muitas

vezes, ver nossas próprias angústias ali descritas, assim como alternativas de trabalho e experiências singulares desses professores.

Neste sentido, o foco do estudo é a história de vida de uma educadora musical que viveu e atuou em contexto histórico brasileiro, marcado pela cultura germânica, como possibilidade para uma maior compreensão sobre o passado e o presente. A partir da narração das experiências de vida da professora, através de suas memórias, foi possível conhecer suas histórias e a história da área, cuja subjetividade não se encontra registrada nos livros.

Assim, propus como objetivo geral desta pesquisa, compreender a trajetória de vida pessoal e profissional da professora Ingeburg Hasenack. Busquei também conhecer sobre as práticas de ensino de música desenvolvidas pela professora, além de refletir sobre os professores que fizeram parte de sua trajetória de vida e conhecer as implicações de seu trabalho nos contextos em que atuou.

No que tange à organização da dissertação, três capítulos compõem o trabalho. No primeiro capítulo explicito o campo teórico no qual se insere a dissertação, refletindo sobre o campo de estudos que trata do professor, envolvendo vida, carreira e percurso profissional. Nesta seção exponho acerca da mudança de referencial teórico, necessário à análise das entrevistas, contando como se deu esse processo. Além disso, discorro sobre os caminhos que conduziram a pesquisa, refletindo e justificando as opções pelos estudos (auto)biográficos, incidindo ainda sobre história de vida e memória. Nesta discussão, contemplo autores como Abrahão (2003, 2004), Souza (2007, 2008, 2011), Alberti (2004, 2005), Meihy (2005), Bosi (1994), Pollak (1989, 1992) e Catani et al. (2000). Apresento o instrumento de produção de dados da pesquisa, além de explicitar como se deram os encontros com a professora e os procedimentos de análise utilizados para a construção da dissertação.

O segundo capítulo se constitui na apresentação da história de vida de infância e adolescência de Ingeburg Hasenack, englobando sua trajetória de formação. O terceiro capítulo apresenta o entrelaçamento das memórias pessoais e profissionais da professora, envolvendo o início da profissão, a história familiar, a construção e consolidação de sua trajetória docente, culminando com o afastamento da sala de aula e a aposentadoria. No terceiro capítulo, trago ainda apontamentos sobre minhas memórias acerca da professora Ingeburg Hasenack, entrelaçando as histórias da professora e da aluna.

Por fim apresento as considerações finais do trabalho, apontando uma retrospectiva sobre os principais acontecimentos da história de vida de Ingeburg, assim como possibilidades de continuidade desse trabalho. Nesta seção trago ainda algumas percepções acerca do trabalho, angústias, descobertas e aprendizagens que pude vivenciar através da pesquisa.

Com esta pesquisa, espero contribuir com as áreas de Educação e Educação Musical, visto que trago personagens, acontecimentos, lugares e objetos que compuseram a história de vida de Ingeburg Hasenack, professora de música que atuou não só no contexto sul do país, mas também no Mato Grosso, cujo trabalho deixou marcas naqueles que com ela conviveram. Assim, o legado de memória deixado por professores que construíram a Educação do país, também pode ser um propulsor para pensarmos e revermos nossas práticas de ensino.

1. OS PROFESSORES E SUAS HISTÓRIAS: POSSIBILIDADES DE PESQUISA

1.1. Estudos sobre a vida de professores

Os estudos sobre a vida de professores, seus conhecimentos ou saberes vêm crescendo desde meados dos anos 1980. Anteriormente, grande parte das pesquisas eram voltadas ao estudo da maneira como os alunos aprendiam, ficando a investigação acerca do professor em segundo plano (BETTI, MIZUKAMI, 1997). Em meados da década de 1980, estudos que tematizavam a vida de professores, o trabalho docente no âmbito de sua vida profissional, bem como reflexões sobre a construção dos seus saberes, começaram a surgir como possibilidade de contribuição à formação de novos profissionais. Mas foi no ano de 1984, a partir da publicação do livro *O professor é uma pessoa*, de Ada Abraham, que a emergência desses estudos acerca do profissional docente vieram à tona (NÓVOA, 1992).

Desde então, a literatura pedagógica foi invadida por obras e estudos sobre *a vida dos professores, as carreiras e os percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes* ou *o desenvolvimento pessoal dos professores*; trata-se de uma produção heterogênea, de qualidade desigual, mas que teve um mérito indiscutível: recolocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação. (NÓVOA, 1992, p. 15)

Conforme Nóvoa (1992), a partir desse período o professor aparece como figura central em pesquisas e estudos educacionais. Algumas questões sobre a trajetória de vida pessoal e profissional desse professor começam a surgir e a fazer parte das pesquisas sobre o profissional docente. De que forma cada sujeito construiu sua trajetória docente e se tornou professor? Porque fez essa escolha? Como as ações didáticas de cada professor são influenciadas por sua trajetória de vida pessoal e profissional? (NÓVOA, 1992, p. 16) De que forma professores que tivemos podem figurar como modelos docentes em nossa trajetória profissional? (GOODSON, 1992).

A partir dessa perspectiva, surgem os estudos de Goodson (1992), Nóvoa (1992), Huberman (1992), entre outros, os quais conduzem ao desenvolvimento de investigações que buscam dar *voz ao professor* (GOODSON, 1992).

Ouvir a voz do professor devia ensinar-nos que o autobiográfico, 'a vida', é de grande interesse quando os professores falam do seu trabalho. E, a um nível de senso comum, não considero este facto surpreendente. O que considero surpreendente, se não francamente injusto, é que durante tanto tempo os investigadores tenham considerado as narrativas dos professores como dados irrelevantes. (GOODSON, 1992, p. 71)

Para o autor, até então não eram valorizadas suficientemente o quanto as histórias dos professores poderiam contribuir com os estudos educacionais através das narrativas de suas experiências de vida pessoais e profissionais. Portanto, através de estudos mais recentes passou-se a resgatar as histórias de vida desses docentes, em virtude de que

Os estudos referentes às vidas dos professores podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação com a história do seu tempo, permitindo-nos encarar a intersecção da história de vida com a história da sociedade, esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções que se deparam ao indivíduo. (GOODSON, 1992, p. 75)

Através desta perspectiva, penso o professor como agente no processo de construção de conhecimentos, tornando-se o ato de ouvi-lo uma possibilidade de compreensão mais ampla de um determinado contexto social, histórico e cultural, no qual viveu e atuou. Através dos estudos que utilizam-se das histórias de vida, podemos conhecer o olhar de um professor acerca de acontecimentos sociais vividos por ele, além de compreender como sua trajetória de vida está em constante intersecção com sua construção profissional e com o entorno.

Os estudos sobre histórias de vida podem dividir-se em nove tipos, os quais surgem a partir de dois eixos, os objetivos da pesquisa e as dimensões da mesma (NÓVOA, 1992). Segundo Nóvoa (1992, p. 20), esses nove tipos de estudo “[...] não devem ser encarados como ‘categorias exclusivas’, mas apenas uma forma de compreender os aspectos que são objeto de uma maior atenção”. O autor considera três dimensões para essa categorização, a pessoa do professor, suas práticas e a profissão docente. A partir dessas dimensões surgem os objetivos de cada pesquisa, os quais podem ser voltados a pesquisas relacionadas à formação; a

pesquisas essencialmente teóricas, voltadas à investigação; e a investigações relacionadas à pesquisa-formação (NÓVOA, 1992). A partir dessa perspectiva, surgem os nove tipos de estudos, correlacionando as três dimensões com os três objetivos. A partir dessa categorização, esses três objetivos são, respectivamente,

[...] aqueles que visam unicamente favorecer o processo de formação do professor utilizando-se do recurso às histórias de vida como instrumento de educação continuada; aqueles que se exprimem por uma preocupação essencialmente investigativa, quer seja como forma de obter conhecimento sobre aspectos da formação dos docentes, quer seja sobre as práticas pedagógicas; e aqueles que visam simultaneamente favorecer práticas de formação contínua e a investigação de processos aí envolvidos. (BUENO, 2002, p. 24)

A autora complementa mencionando que

Em qualquer dessas perspectivas, o método autobiográfico apresenta-se como alternativa que oferece possibilidades várias para se repensar e renovar as formas de educação de adultos, abrindo também, dessa forma, a possibilidade de se construir uma teoria sobre essa formação. (BUENO, 2002, p. 23)

Segundo Bueno (2002), precisamos pensar a vida do professor como o seu maior campo de aprendizagem, pois é no viver diário que ele constrói suas aprendizagens e seus espaços de formação. Assim, o método (auto)biográfico pode ser pensado como uma possibilidade de exploração da vida, em uma perspectiva educacional.

Os estudos de formação ocorrem quando se faz uso das histórias de vida dentro de um contexto de formação de professores e são estudos que buscam “[...] colocar o sujeito em contato com suas experiências formadoras”, trabalhar através da história de vida de cada professor, de modo a refletir sobre seus processos formativos e (re)construir suas práticas através desse processo (SOUZA, 2007, p. 4).

A pesquisa-formação constitui-se em uma abordagem que “[...] prioriza o papel do sujeito na sua formação, o que quer dizer que a própria pessoa se forma mediante a apropriação de seu percurso de vida, ou do percurso de sua vida escolar” (BUENO, 2002, p. 22). A autora coloca, então, a história de vida como um dispositivo de formação, enfatizando que

[...] é preciso pensar a formação do professor como um processo, cujo início se situa muito antes do ingresso nos cursos de habilitação – ou seja, desde os primórdios de sua escolarização e até mesmo antes – e que depois

destes tem prosseguimento durante todo o percurso profissional do docente. (BUENO, 2002, p. 22)

Segundo Bueno, o professor está em constante formação sendo o agente principal desse processo (BUENO, 2002) e, dessa forma, as histórias de vida de docentes tornam-se ricas dentro de um contexto de pesquisa-formação. Essa ramificação dos estudos com histórias de vida têm Marie-Christine Josso (2008) como expoente. Segundo a autora, a reflexão biográfica através do dispositivo de pesquisa-formação permite “[...] explorar em cada um de nós as emergências que dão acesso ao processo de descoberta e de busca ativa da realização do ser humano em *potencialidades inesperadas*” (ibid., p. 18). Portanto, através da reflexão que esse tipo de pesquisa possibilita, a pessoa retoma sua construção pessoal e profissional e através disso, busca novas perspectivas de aprendizagem e de formação.

O ramo que se intitula pesquisa dentro dos estudos sobre histórias de vida engloba trabalhos que buscam compreender a trajetória de professores dentro de um contexto histórico e cultural, realizando o estudo com os próprios professores, seus alunos e ex-alunos, assim como parentes e familiares (ABRAHÃO, 2001, 2008; FISCHER, 2011). Essa ramificação dos estudos com histórias de vida também busca, em alguns casos, investigar as práticas de determinado profissional dentro de um contexto social específico, ou também, através da sua narrativa de vida, compreender como se deu seu processo de formação. Essas pesquisas são importantes na medida em que conduzem a uma maior compreensão sobre determinado fato social vivido. Através da ótica da vida de uma pessoa, podemos enxergar com outros olhos os acontecimentos sociais de um contexto macro, sendo essa uma das grandes possibilidades que o trabalho com história de vida nos concede.

Analisando os estudos que tratam de histórias de vida, narrativas de professores e demais trabalhos sob essa perspectiva, verifica-se um crescimento dessas pesquisas a partir da década de 1990 (BUENO et al., 2006). Em artigo intitulado “*Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003)*”, Bueno et al. (2006), fazem uma retrospectiva desses estudos desde 1985 em diversos espaços de publicação da área de Educação. Segundo as autoras,

Entre os trabalhos publicados na década de 1980, em cinco deles (dos seis periódicos que já existiam na época) predominam contribuições baseadas em relatos orais e escritos, com vistas a complementar e/ ou articular-se a informações obtidas em outras fontes. Ressaltam-se investigações que buscam reconstruir trajetórias de formação e trajetórias profissionais de professores. Tal constatação anteciparia a marca de interesse que determinados grupos de pesquisadores viriam a mostrar no decorrer da década de 1990 e que podem ser conhecidos por registros de congressos e eventos, por exemplo, no que tange tanto ao grupo de Minas Gerais como o do Rio Grande do Sul. (BUENO et al., 2006, p. 389)

Conforme afirmam as autoras, há um crescente interesse no campo das histórias de vida e narrativas de professores. Bueno et al. (2006) destacam publicações da década de 1990 que se tornaram bases teóricas para esse tipo de pesquisa, assim como destacam alguns trabalhos realizados no Brasil até meados dos anos 2000.

A partir deste estudo, destaco os trabalhos desenvolvidos por Souza (2007, 2008, 2011), vinculados ao Grupo de Pesquisa GRAFHO (Grupo de Pesquisa Autobiografia Formação e História Oral) por ele coordenado. O referido autor trabalha com pesquisa (auto)biográfica, formação e profissionalização, com o estudo das memórias e escritas de si dentro de um contexto de pesquisa de histórias de vida. Dentre os trabalhos produzidos pelo autor, assinalo o artigo intitulado *“Territórios da escrita do eu: pensar a profissão - narrar a vida”* (2011), o qual

[...] apresenta reflexões sobre possíveis aproximações entre memória, formação e profissionalização, para discutir percursos pessoais e coletivos de educadores [...]. Discute como imprimiram marcas no tocante à história da profissão docente, a partir da discussão teórica sobre entrevistas narrativas realizadas com educadores baianos que exerceram fortes influências no cenário educacional da Bahia entre os anos 1940 e 1980 e ainda exercem, atualmente, um ‘ofício’ profissional. O eixo central deste trabalho consiste em discutir questões concernentes à história da profissão e da profissionalização docente, no país, e a aspectos teórico-metodológicos das entrevistas narrativas. (SOUZA, 2011, p. 213)

Conforme aponta o autor, a partir deste estudo buscou-se aproximar aspectos da profissionalização docente com os percursos sociais e pessoais de cada professor, através de entrevistas narrativas. A pesquisa possibilitou aos professores um contar-se constante, para, a partir daí, visualizar o cenário educacional da Bahia de uma época, através da ótica de cada docente.

Tomando como contexto o estado do Rio Grande do Sul, destaco, entre outros pesquisadores, Abrahão (2001, 2003, 2004, 2008), a qual trabalha com

estudos sobre histórias de vida de educadores, narrativas de professores, autobiografias e memórias. É autora e organizadora de livros que englobam a temática, como *História e histórias de vida - destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense* (2001); *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria* (2004); além de artigos como “*Memórias, narrativas e pesquisa autobiográfica*” (2003); entre outros. Na mesma temática, destaco Fischer (2011), a qual desenvolve pesquisas acerca de histórias de professores além de memórias de docentes sobre suas trajetórias escolares. Dentre as produções, assinalo *Tempos de Escola - Memórias* (2011), em dois volumes. Nesse material a autora traz uma coletânea de artigos de diversos professores do ensino superior do Brasil, os quais falam sobre suas trajetórias escolares, suas memórias de escola e de infância.

No contexto da Universidade Federal de Santa Maria, Oliveira (2004a), Antunes (2011) e Corrêa (2008), são alguns pesquisadores que vêm se debruçando sobre os estudos com histórias de vida.

Oliveira (2004a) é coordenadora de diversos projetos que têm como tema memórias de professores, histórias de vida, estudos sobre o imaginário social, questões sobre o dispositivo do grupo no processo de formação de professores, entre outros temas. A autora desenvolve algumas de suas pesquisas na perspectiva das histórias de vida, utilizando-se da pesquisa-formação, tendo como referencial os estudos de Marie-Christine Josso (2008). A pesquisadora faz uso da narrativa como dispositivo de investigação, na qual o professor (re)constrói sua trajetória de vida pessoal e profissional a fim de refletir sobre sua formação e atuação docente, construindo, dessa forma, uma nova formação sobre a sua trajetória de vida.

Antunes (2011) trabalha com estudos voltados ao professor rural, história e memória, assim como histórias de vida. Destaco o trabalho, orientado pela referida professora, de autoria de Farias (2010), intitulado “*O que duas professoras que atuaram no ensino rural têm para nos contar? Lembranças de vida, histórias sobre alfabetização e trajetórias pessoais e profissionais*”. A pesquisa buscou

[...] estabelecer uma aproximação com as histórias de vida de duas professoras que atuaram no ensino municipal rural do município de Santa Maria - RS, a fim de (re) contar duas histórias de atuação no ensino rural, perpassando pelas lembranças de escola, pelos processos formativos e pelas trajetórias educacionais. (FARIAS, 2010, p. 64)

A investigação possibilitou “ouvir” o professor através de sua narrativa, de sua história pessoal e profissional, de como foi seu processo de constituição docente, apontando como resultados o importante trabalho desenvolvido pelas professoras para a região em que atuaram, mostrando-se como lideranças docentes, assim como professoras empreendedoras. As professoras são lembradas por alunos e colegas como pessoas marcantes, envolvidas, que amavam a sua profissão e lutavam por melhorias no ensino rural.

Corrêa (2008) também se destaca com os estudos de histórias de vida, pesquisas sobre memórias de infância de professores, assim como a constituição do profissional docente. Assinalo a dissertação de mestrado orientada pelo professor e elaborada por Freitag (2008), intitulada *“Tecendo os fios das memórias de infância no processo criativo docente: um estudo com professoras de Artes Visuais da Casa de Cultura de Santa Maria”*. Nessa pesquisa, a autora procurou “investigar, descrever e analisar as memórias de infância relatadas por professoras de Artes Visuais contribuindo como subsídios no processo criativo docente e com isso, nas reflexões sobre suas práticas educativas” (FREITAG, 2008, p. 19). A autora fez uso da história de vida, discutindo sobre a memória. Freitag (ibid.) pôde concluir que nem sempre as memórias de infância são as lembranças mais agradáveis que carregamos, marcadas, muitas vezes, por uma incessante luta dos pais para oferecer boas condições econômicas aos filhos. Além disso, as lembranças são marcadas por dificuldades familiares e pelo medo que muitas sentiam dos pais e de sua autoridade (ibid.). Outro ponto a destacar diz respeito ao rememorar da infância, cujo processo pôde contribuir como dispositivo criativo para as professoras repensarem suas práticas, criarem em atividades lúdicas, além de compreenderem a construção do seu próprio processo criativo.

Ainda referente aos estudos com histórias de vida, destaco Ferla (2009), com a dissertação intitulada *“Helma Bersch e o ensino de música no contexto da Imigração Alemã Católica do Vale do Taquari”*. Nessa pesquisa a autora teve como objetivo “analisar a trajetória pessoal e profissional de uma professora que dedicou sua vida ao ensino de música, no período de 1932 a 1981, na comunidade de Dona Rita, deixando suas marcas neste contexto” (FERLA, 2009, p. 16). A autora se utiliza das histórias de vida, trazendo como resultados a influência dessa professora no contexto musical da cidade, através do ensino de harmônio, registrando a

importância de uma vida dedicada ao ensino, destacando o papel feminino na constituição da docência, no período.

No que tange aos estudos com narrativas sobre o contexto teuto-brasileiro, destaco Garbosa (2003, 2011), cuja tese de doutoramento intitulou-se *“Es tönen die Lieder... Um olhar sobre o ensino de música nas escolas teuto-brasileiras da década de 1930 a partir de dois cancioneiros selecionados”* (2003). No referido trabalho a professora analisa dois livros didáticos elaborados por dois professores que atuaram com o ensino de música no estado do Rio Grande do Sul, na década de 1930. A tese apresenta alguns aspectos do contexto da imigração alemã no Brasil, o surgimento das primeiras escolas, assim como a contextualização de como acontecia o ensino de música na época. Através de entrevistas com esposa, ex-alunos, parentes e demais pessoas que vieram a contribuir com o trabalho, a pesquisadora registrou aspectos da trajetória de vida desses dois professores e como seus ensinamentos e materiais didáticos influenciaram gerações de alunos e o contexto musical da época.

Conforme mencionado, os estudos acerca do profissional docente e de sua trajetória pessoal e profissional vêm sendo ampliados. Assim, a partir dessas perspectivas, coloco minha proposta de pesquisa, a qual irá discorrer sobre a trajetória pessoal e profissional de uma professora de música, como se deu esse processo de constituição da docência, angústias na carreira, satisfações, alegrias, tristezas e dilemas.

1.2. A mudança de referencial teórico: como se deu o processo

Descrevo, nesta seção, o processo de alteração do referencial teórico inicialmente previsto para a pesquisa, o qual configurou-se como um ponto importante a ser relatado na dissertação, tendo em vista as primeiras tentativas de análise das entrevistas realizadas com a professora Ingeburg Hasenack.

O referencial teórico inicialmente previsto consistiu dos estudos sobre ciclo de vida profissional, propostos por Huberman (1992). Quando do início dessa pesquisa, acreditava que investigando o ciclo de vida profissional de uma educadora, poderia trazer contribuições acerca de sua constituição como docente, assim como refletir de que maneira o percurso de vida e as escolhas pessoais influenciaram na trajetória

profissional (NÓVOA, 1992). A partir dessa perspectiva optei pelos estudos sobre o ciclo de vida humano e seu desenvolvimento, que datam de meados do século XX, sendo que os estudos sobre o ciclo de vida profissional de professores só começaram a aparecer recentemente (FERREIRA, 2008). No intuito de se compreender o que é ser professor, suas angústias e certezas, suas crises e conquistas, assim como o contexto em que atua, surgiu esta perspectiva de investigação.

A partir desses estudos, constatou-se que ao analisar a trajetória de vida profissional de professores podem-se identificar determinados fatos que ocorrem durante suas caminhadas pessoais e docentes em certos momentos. Segundo Souza,

[...] a identidade profissional docente é uma elaboração que perpassa a vida profissional em diferentes e sucessivas fases, desde a opção pela profissão, passando pela formação inicial e, de resto, por toda a trajetória profissional do professor, construindo-se com base nas experiências, nas opções, nas práticas, nas continuidades e descontinuidades, tanto no que diz respeito às representações, como no que se refere ao trabalho concreto [...]. (SOUZA, 2008, p. 42)

A partir dessa abordagem, Huberman (1992) destaca-se como expoente nos estudos sobre o ciclo de vida profissional de professores. “Conceitualmente, há diversas maneiras de estruturar o ciclo de vida profissional dos professores” (ibid., p. 37). Conforme afirma o autor, dentro da carreira profissional docente pode haver várias sequências de acontecimentos que caracterizam os indivíduos que escolheram a profissão. No entanto, tais sequências não precisam ocorrer sempre na mesma ordem e nem com todos os profissionais da área (HUBERMAN, 1992).

O desenvolvimento de uma carreira é, assim, um processo e não uma série de acontecimentos. Para alguns, este processo pode parecer linear, mas, para outros, há patamares, regressões, becos sem saída, momentos de arranque, descontinuidades. O fato de encontrarmos sequências-tipo não impede que muitas pessoas nunca deixem de praticar a exploração, ou que nunca estabilizem, ou que desestabilizem por razões de ordem psicológica (tomada de consciência, mudança de interesses ou de valores) ou exteriores (acidentes, alterações políticas, crise econômica). (HUBERMAN, 1992, p. 38)

Como centro destes estudos está a carreira docente, “a carreira daqueles que, ao longo das suas vidas (ou até o momento em que os interrogamos), viveram

situações de sala de aula, apresentando-se, antes de mais, como professores” (HUBERMAN, 1992, p. 38). Huberman, portanto, divide a carreira do professor em sete Fases ou Temas de Carreira: *A entrada na carreira; A fase de estabilização; A fase de diversificação; Pôr-se em questão; Serenidade e distanciamento afetivo; Conservantismo e lamentações; O desinvestimento*. Cada uma dessas fases, segundo o autor, apresenta algumas características específicas que podem ser encontradas em uma quantidade significativa de profissionais do ensino. A divisão proposta pelo autor ocorre a partir do tempo de profissão de cada professor. No entanto, Huberman (1992) enfatiza que se faz necessário não pensar de forma linear, como se todos os profissionais passassem pelas mesmas “crises” e conquistas em períodos idênticos, mas sim de forma global e integrada ao contexto sócio-cultural no qual cada indivíduo se insere.

Inicialmente, acreditei que conseguiria traçar um paralelo entre o referencial proposto por Huberman e as Fases da carreira da professora Ingeburg Hasenack. No entanto, ao longo dos encontros com a professora, fui percebendo que tal referencial se tornava limitado para a quantidade e a natureza dos dados que eram produzidos durante as entrevistas. Neste momento, passei a perceber que teria dificuldades em descrever a trajetória profissional da professora visto que a perspectiva de Huberman apresentava um esquema estrutural para a descrição da trajetória profissional do professor, o qual engessava o que porventura poderia ser construído. Tal esquema, mesmo permitindo uma certa flexibilidade, não atendeu às necessidades da pesquisa, de modo que se fixasse a análise somente no ciclo de vida profissional, “ocultaria”, de uma certa forma, a riqueza das vivências presentes nas narrativas de vida pessoal e profissional da professora. Optei, portanto, em utilizar não somente algumas perspectivas da análise profissional, envolvendo Huberman, Antunes (2011) e Bolívar (2002), mas também autores que tratam da construção docente. Busquei ainda outros referenciais que pudessem amparar a análise das entrevistas de Ingeburg, os quais puderam ser utilizados sem prejudicar a espontaneidade da narrativa da professora, conferindo uma base teórica aos acontecimentos da vida da colaboradora. Segundo Guedes-Pinto et al.

O trabalho com a rememoração bem como as próprias interpretações que dele fazemos podem ser comparados a diferentes pedaços de tecidos que formam uma colcha composta por esses retalhos que foram reunidos através de fios que os uniram, que, em função das combinações possíveis

no contexto de sua costura, produziram uma coerência. (GUEDES-PINTO et al., 2008, p. 22)

Assim, procurei autores que pudessem compor esta *colcha de retalhos* e produzir uma coerência com a narrativa da professora. Para tanto, trago Bosi (1994), com os estudos sobre a memória de velhos, nos quais a autora apresenta reflexões sobre a memória individual dentro de um contexto social coletivo, assim como sobre os marcos da memória quando da narrativa de sua história passada. A autora busca ainda trazer os objetos biográficos presentes na narrativa de velhos, assim como a casa e lugares de infância rememorados com clareza. A figura materna e paterna, cada uma presente nas lembranças de forma diferente, além do estudo sobre a *paisagem sonora* de lugares da memória. Corroborando com a autora, destaco os estudos de Pollak (1989, 1992), os quais também tratam da análise da rememoração através da narrativa. Pollak apresenta reflexões sobre os três elementos constitutivos da memória, os quais dizem respeito aos acontecimentos, pessoas e lugares, assim como o conceito de enquadramento da memória. O autor também discute ainda a questão da memória seletiva, afirmando “que a memória é um *fenômeno construído*” (POLLAK, 1992, p. 203), sendo dessa forma elaborada a narrativa.

Após as leituras das entrevistas realizadas com a professora, também busquei autores que tratam da memória docente, dos quais destaco Nóvoa (1992), Goodson (1992), Holly (1992) e Moita (1992). Os referidos autores abordam a ação dos professores, a constituição do ser professor a partir da prática, assim como o processo de formação do professor durante suas experiências de vida. Outra questão que mostrou-se importante durante a análise das entrevistas foi a utilização de um referencial que abarcasse a discussão sobre os modelos docentes, professores que marcaram nossa infância e adolescência e que figuram como modelos em nossa prática de ensino. Para tanto, amparei-me nos estudos de Goodson (1992) e Catani et al. (2000), autores que investigaram essa temática em suas pesquisas.

Em paralelo a esses referenciais, tendo como ponto de partida a história de uma imigrante alemã, trago estudos voltados ao contexto teuto-brasileiro de imigração na região sul do Brasil (SEYFERTH, 1997; MEYER, 2003), reflexões acerca da nacionalidade e identidade do imigrante (RAMBO, 1994; DACCACHE,

2007), assim como autores que tratam do surgimento das primeiras escolas comunitárias, a influência da cultura germânica na educação, e as escolas de formação de professores que surgiram na região sul (DROSTE, 1996; WITT, 1996; DREHER, 2004). Por fim, trago ainda estudos que discutem a música no contexto teuto-brasileiro do sul do país (GARBOSA, 2003, 2011; FERLA, 2009).

Portanto, a partir dos estudos sobre memória de velhos, memória docente e o contexto teuto-brasileiro na região sul do Brasil, foi possível realizar a análise das entrevistas da professora Ingeburg Hasenack, valorizando sua espontaneidade e singularidade, cuja história se faz recheada de momentos, lugares, pessoas e objetos marcantes.

1.3. A abordagem (auto)biográfica e as histórias de vida: os caminhos da pesquisa

Sendo esta uma pesquisa de cunho qualitativo, a abordagem (auto)biográfica se tornou adequada por contemplar a totalidade de uma vida, respeitando a subjetividade contida na narrativa. Por conseguinte, a pesquisa vincula-se à história da educação musical, no sentido de que a história de vida de uma pessoa faz parte de um macro contexto histórico e social de determinada época e sociedade. Para desenvolver metodologicamente a pesquisa buscou-se apoio nos estudos de Abrahão (2003, 2004), Souza (2007, 2008, 2011) e Passeggi et al. (2006) quanto à utilização da abordagem (auto)biográfica, e em Meihy (2005), Alberti (2004, 2005) e Fischer (2011) nos estudos sobre história de vida. Evidencia-se ainda, no que tange à abordagem metodológica, o apoio nos estudos sobre memória (BOSI, 1994; POLLAK, 1989, 1992) no momento em que trato da questão da memória como um dispositivo para a (re)construção da trajetória de vida da professora.

1.3.1 Estudos (auto)biográficos

A abordagem (auto)biográfica “[...] permite a compreensão de um modo global e dinâmico das interações que foram acontecendo entre várias dimensões de uma vida” (PAULA, CAMPOS; 2011, p. 27). Conforme as autoras, a abordagem

(auto)biográfica abre um leque de possibilidades de informação, na medida em que abrange toda a história de vida de uma pessoa e não somente aspectos pontuais de sua caminhada. Nesse sentido, entende-se por (auto)biográficos os estudos que utilizam as histórias de vida como elemento de construção de dados para uma pesquisa (BUENO, 2002). Para Passeggi et al. (2006)

Ancorado na formação do adulto e tentando responder às suas necessidades de formação, o método (auto)biográfico repousa no reconhecimento não apenas do saber formal, externo aos sujeitos, mas também naquele de saberes subjetivos, não formais, tecidos nas suas experiências de vida e nos contextos socioculturais onde agem e interagem. (PASSEGGI et al., 2006, p. 260)

As autoras consideram a abordagem (auto)biográfica como constituinte do processo de formação docente, pois através da narrativa de sua trajetória de vida, tanto pessoal quanto profissional, o professor toma consciência dos aspectos significativos de sua caminhada docente.

A abordagem biográfica é metodologicamente virtuosa na medida em que permite um exercício aprofundado de exploração e captação da informação. Assim, o relato (auto-biográfico) sobre a história de vida do sujeito é desenvolvido numa lógica interpretativa, permitindo tanto ao entrevistado como ao entrevistador a construção de um diálogo, em que ambas as partes vão (re)construindo a inquirição e a narrativa, respectivamente. Pode então afirmar-se que a história de vida é uma biografia indirecta, em que existe a intervenção de uma segunda pessoa que coloca questões e faz interpretações. (PAULA; CAMPOS, 2011, p. 27-28)

Sendo assim, a abordagem (auto)biográfica permite a construção de uma narrativa conjunta entre entrevistador e entrevistado, permeada por uma teia de diálogos criados pelo pesquisador no momento da elaboração da narrativa final da história de vida do entrevistado. Abrahão e Frison afirmam que

As narrativas (auto)biográficas constituem-se de relatos ou registros produzidos por solicitação do pesquisador, com a intencionalidade de (re)construir a memória, pessoal ou coletiva, contextualizando o narrado segundo o período sócio-histórico-cultural em que se inserem os fatos objeto da narração e estabelecendo interação e intercâmbio entre pesquisador e entrevistado, no decorrer do processo de investigação. (ABRAHÃO; FRISON, 2010, p. 191)

Destaco aqui a importância da relação entre pesquisador e entrevistado em trabalhos que utilizam a abordagem (auto)biográfica, visto que o entrevistado confia

sua narrativa ao pesquisador, repartindo sua vida e suas histórias com essa pessoa. Moita complementa assinalando que a relação entre pesquisador e entrevistado é caracterizada “[...] pela colaboração, pela partilha, pela escuta empática, por uma atitude que reflete uma situação de paridade” (MOITA, 1992, 118). Por fim, resalto que os trabalhos que fazem uso da abordagem (auto)biográfica podem vir a ser instrumentos valiosos de pesquisa, no momento em que entrevistador e entrevistado têm a oportunidade de (re)construir juntos um diálogo em que ambos visitam no presente, através da narrativa, trajetórias passadas, trazendo questões muitas vezes guardadas unicamente na memória. Moita conclui, assinalando que a abordagem (auto)biográfica é “[...] mais do que uma metodologia coerente com a problemática construída. É a via de acesso à sua exploração” (MOITA, 1992, p. 117).

1.3.2 Histórias de vida

A presente pesquisa, de cunho qualitativo, constitui-se em um estudo (auto)biográfico, a qual utiliza como método de investigação a história de vida. Cada vez mais a história de vida vem ganhando espaço no cenário das pesquisas em educação e história no Brasil (FREITAS, 2006; ALBERTI, 2004, 2005; MEIHY, 2005; FISCHER, 2011), caracterizando-se como uma linha de investigação que vem a somar na tradição da pesquisa histórica, a qual baseia-se, na maioria das vezes, essencialmente em documentos oficiais (MEIHY, 2005).

Através da história de vida pode-se captar o que acontece na intersecção do individual com o social, assim como permite que elementos do presente fundam-se a evocações passadas. Podemos, assim, dizer, que a vida olhada de forma retrospectiva faculta uma visão total de seu conjunto, e que é o tempo presente que torna possível uma compreensão mais aprofundada do momento passado. (PAULILO, 1999, p. 140-141)

Segundo Meihy (2005), a história de vida trata da narrativa do conjunto das experiências de vida de uma pessoa. Essa narrativa torna-se rica, na medida em que é a própria pessoa que se narra e conta sua história, os momentos e experiências marcantes de sua vida, tanto profissional quanto pessoal, fazendo com que o vivido torne-se uma (re)construção, reinventando a vida através da narração no presente. Conforme Abrahão, quando a pessoa conta a sua história, ela articula

seu passado com o contexto presente e também com suas perspectivas de futuro (ABRAHÃO, 2010, p. 191). Na medida em que a pessoa narra sua trajetória, torna-se impossível que não fale dos acontecimentos de sua vida pessoal e familiar, os quais não só permeiam, mas influenciam ou mesmo determinam a trajetória profissional. Conforme Souza,

[...] a história de vida ultrapassa os limites da narrativa, tornando-se um estudo de caso acerca da vida e da obra de uma pessoa, ou grupo de pessoas, seja pela via de relatos ou de qualquer outro tipo de informações e/ou documentações que permitam o enriquecimento da pesquisa em questão. (SOUZA, 2008, p. 43)

Para Moita

Só uma história de vida permite captar o modo como cada pessoa, permanecendo ela própria, se transforma. Só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos. Numa história de vida podem identificar-se continuidades e as rupturas, as coincidências no tempo e no espaço, as 'transferências' de preocupações e de interesses, os quadros de referência presentes nos vários espaços do cotidiano. (MOITA, 1992, p. 116-117)

Uma história de vida é única, sendo que o ato de narrar sua própria história permite a quem o faz, refletir sobre sua trajetória de vida, tanto pessoal quanto profissional, tornando esse também um processo de formação. Ao recordar sua história, a pessoa traz à tona memórias coletivas que marcaram sua trajetória de vida, suas escolhas profissionais, momentos familiares e, a partir disso, (re)pensa e (re)constrói sua trajetória de vida.

Ao pedirmos para alguém falar sobre sua trajetória de vida, de uma sociedade, do lugar onde cresceu, ela recorre à memória para temporalizar os eventos e significá-los segundo suas emoções e sentimentos. Porém, essa memória não é resultado apenas de experiências individuais, mas do meio social onde ela se desenvolveu, participando de uma rede de disputas que pode ou não ser reconhecida por este e outros grupos. (SOUZA; CRIPPA, 2010, p. 75)

Assim, a história coletiva é construída através de memórias compartilhadas, memórias essas que são “[...] fortemente marcada[s] pelas relações sociais e grupos nos quais nos inserimos” (SOUZA; CRIPPA, 2010, p. 75). Na construção da nossa trajetória de vida somos influenciados pelo contexto no qual nascemos, crescemos,

onde e com quem estudamos, pelas perdas e ganhos que tivemos, aspectos esses que se evidenciam em um trabalho de história oral e memória. Desse modo, o rememorar não deve ser visto unicamente como uma experiência individual, mas sim como uma construção individual permeada por vivências sociais únicas, “[...] mostrando o indivíduo como parte do coletivo e não como resultado” (SOUZA; CRIPPA, 2010, p. 78). Através da memória, a pessoa (re)constrói seu passado (FREITAS, 2006, p.51), o qual se torna vivo. O trabalho com metodologias e fontes (auto)biográficas, faz com que

[...] o pesquisador conscientemente adot[e] uma tradição em pesquisa que reconhece ser a realidade social multifacetária, complexa, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e interrelacionado, em que as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento. (ABRAHÃO, 2004, p. 203)

Evidencia-se, portanto, uma história social, coletiva, na qual o indivíduo constrói suas experiências individuais através das constantes interações com o meio. Também através das histórias de vida, o professor busca na memória vivências formativas, além de saberes construídos a partir de experiências de vida, que constituíram e constituem sua prática educativa. Através dessa perspectiva, no trabalho com história de vida podemos encontrar relatos e experiências que não encontraríamos em livros de história e outros documentos oficiais.

Assim, esta pesquisa insere-se no campo dos estudos (auto)biográficos, utilizando como método de investigação a história de vida. A partir desse método, o trabalho foi construído em conjunto, envolvendo pesquisadora e professora colaboradora, cujas narrativas possibilitaram “a autocompreensão, o conhecimento de si, àquele que narra sua trajetória” (ABRAHÃO, 2004, p. 203) e à área de Educação Musical.

1.3.3 Memória

Em um trabalho com história de vida, a memória não pode ser deixada de lado, pois no momento em que rememoramos fatos, estamos mexendo com nossas lembranças de maneira intensa. Conforme Freitas (2006), o trabalho com memória pode vir a ser instigante, pois “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir,

repensar, com imagens e ideias de hoje”, pois “o passado não sobrevive ‘tal como foi’, tendo em vista que o tempo transforma as pessoas em suas percepções, ideias, juízos de realidade e de valor” (FREITAS, 2006, p. 65). Quando lembramos, fazemos isso através da nossa percepção de mundo do presente, com as experiências que carregamos e sempre com um olhar diferente daquele com o qual vivemos os acontecimentos no passado. Em função disso

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p. 47)

Neste sentido, entendo a memória como “lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais” (MEIHY, 2005, p. 63). As memórias mexem com nosso imaginário, nosso subjetivo, nossas lembranças, de modo que vamos tecendo uma relação entre passado e presente quando recorremos a elas. Assim, a história de vida se constitui a partir da memória, no sentido de que tem um papel de “[...] mediadora entre uma solução que se baseia em documentos escritos (história) e outra (memória) que se estrutura, quase que exclusivamente, apoiada na fluidez das transmissões orais” (ibid., p. 62-63).

A memória de um indivíduo está atrelada a todo um contexto social, não podendo ser analisada isoladamente ou fora do contexto na qual está inserida, “[...] depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1994, p. 54). Conforme a autora, a memória de um indivíduo vem carregada de significados sociais dos quais faz parte. Assim, no momento em que trabalhamos com essas lembranças, não podemos deixar de considerar aspectos sociais vinculados a um contexto mais amplo, no qual se insere esse indivíduo e ao qual se refere quando busca no passado suas lembranças vividas. Conforme Taschetto (2009, p. 20-21), “a memória é única e pertence individualmente a cada um de nós”. Mesmo fazendo parte de uma sociedade onde a cada dia nos relacionamos com pessoas, o significado que cada um dá aos acontecimentos vividos é visto de forma diferente através da percepção

de mundo de cada um (TASQUETTO, 2009). Para a autora, “[...] as nossas memórias estão constantemente sendo construídas, por meio de suas relações com os outros, como um depositário de informações, o qual frequentemente é ativado, fazendo-nos recordar fatos” (TASQUETTO, 2009, p. 22). Desta forma, as memórias estão em constante construção e (re)construção através das interações de cada indivíduo com o meio que o cerca.

Quando nos referimos ao passado, muitas vezes nos vêm à cabeça nossos avós, parentes e pessoas idosas com as quais convivemos, cada um com sua história de vida e experiências que carregam, entremeadas de significados ainda vivos em suas memórias. Segundo Bosi, nas pessoas idosas

[...] é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade. (BOSI, 1994, p. 60)

Estudos voltados às memórias de pessoas idosas tornam-se instrumentos ricos de análise de acontecimentos, fatos sociais e pessoais visto que diferentemente do jovem ou do adulto, o idoso se interessa mais pelo passado, busca fatos em sua memória, sente prazer em reviver e contar histórias antigas. O jovem, por outro lado, está mais ligado ao presente, pensando seguidamente no seu futuro e no que ainda tem a fazer. Segundo a autora, o idoso pensa mais conscientemente no seu passado, como substância da sua vida, ao passo que o adulto recorre ao passado como uma fuga das suas atividades corriqueiras, como um descanso do cotidiano (BOSI, 1994). Para Abrahão, a memória

[...] é componente essencial na característica do(a) narrador(a) na construção/reconstrução de sua subjetividade. Esta também é componente essencial com que o pesquisador trabalha para poder (re)construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de seu objeto de estudo, ao tentar articular memória e conhecimento, procurando edificar uma ‘arqueologia da memória’. (ABRAHÃO, 2004, p. 202-203)

Sob esta perspectiva, é evidenciada a memória como elemento essencial na construção das narrativas como material que produz conhecimento. É fato essencial a articulação proposta entre memória e conhecimento, colocando a narrativa como

propulsora para a construção, no contexto macro, de uma história pessoal vivida em um contexto social único. Abrahão enfatiza ainda a memória como um ato de criação, onde pesquisador e pesquisado vão compartilhando acontecimentos e narrativas, sendo que o pesquisador precisa reinterpretar os fatos narrados, o que possibilita à memória ser vista como um ato de criação (ABRAHÃO, 2004, p. 211).

Assim, na área de Educação, os estudos envolvendo memória trazem a possibilidade de ressignificação dos fatos vividos por docentes durante suas trajetórias, pessoal e profissional, trazendo à tona elementos de uma prática pedagógica, de uma vida, que não poderia ser conhecida sem o contato próximo, conduzindo à compreensão de um contexto maior. No campo dos estudos da docência, as pesquisas que evocam a utilização da memória de docentes possibilitam a percepção do ambiente em que viveram e trabalharam, de forma que as experiências podem ser revisitadas com o olhar do presente, permeadas por reflexões advindas do exercício de narrar-se (TASQUETTO, 2009, p. 27).

1.3.4 Os encontros com a professora

Como instrumento de produção de dados foi utilizada a entrevista de história de vida ou entrevista narrativa. As entrevistas “[...] de história de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou [...]” (ALBERTI, 2005, p. 38). Conforme a autora, a entrevista de história de vida tematiza a trajetória vivencial em si, não se centrando em um único aspecto da vida do pesquisado. Essa forma de entrevista geralmente é extensa, tornando-se, contudo, mais completa em virtude de sua abrangência.

A recolha de uma história de vida, é uma entrevista livre, que privilegia a não directividade. Esta caracteriza-se pela existência de um guião previamente formulado que serve como eixo orientador ao desenvolvimento da entrevista, não exigindo uma ordem rígida nas questões efectuadas, e o decorrer da entrevista, vai-se adaptando ao entrevistado. Tem a vantagem de falar dos assuntos que se quer falar com maior liberdade para o entrevistado. (PAULA; CAMPOS, 2011, p. 33)

Em um trabalho que tem como foco a história de vida de uma educadora, fica evidente a necessidade de um instrumento de produção de dados mais aberto, menos rígido, de modo que o entrevistado sinta-se à vontade para narrar suas experiências. Conforme Landskron e Sperb (2008, p. 159), a entrevista narrativa tem “[...] como objetivo propiciar a fala livre, espontânea e sem direcionamentos”, cabendo ao entrevistador conduzir esse processo. A entrevista narrativa está intimamente ligada ao ato de contar histórias, narrar acontecimentos. Através dessa perspectiva, situo a entrevista narrativa como instrumento que possibilita a compreensão da vida de uma pessoa de modo global e não através de divisões. Esse tipo de entrevista possibilita ainda que o entrevistado fique livre para falar sobre o que julga importante em sua trajetória, o que o marcou em determinados períodos. A partir dessas perspectivas foram realizadas as entrevistas narrativas com a professora, em um ambiente de trocas entre pesquisadora e professora.

No que tange à produção dos dados da pesquisa, discorro agora sobre as entrevistas e encontros realizados com a professora, desde o contato inicial até o fechamento da produção de dados para a pesquisa. Destaco que, em virtude de ter sido aluna de Ingeburg, o primeiro contato, que muitas vezes torna-se difícil para o pesquisador, foi tranquilo. Através de contato telefônico, realizado no dia 18 de maio de 2011, agendei uma visita à professora no intuito de apresentar a proposta da pesquisa. A professora ficou feliz e emocionada com o fato de ser figura central de minha dissertação. Expliquei que o estudo seria sobre sua trajetória de vida, envolvendo o trabalho como professora de música, suas experiências como fundadora e regente do conjunto instrumental, dentre outras questões.

Assim, no dia 23 de agosto de 2011, foi realizado o primeiro encontro na casa da professora, localizada na cidade de São Leopoldo/RS. Nessa visita conversamos sobre a pesquisa, detalhando o trabalho. Na oportunidade foi realizada uma conversa inicial, de forma que Ingeburg pôde falar livremente sobre aspectos que marcaram sua trajetória de vida. Sem seguir um roteiro de perguntas, conduzi a conversa, a qual foi gravada e posteriormente transcrita. A partir desse primeiro contato, pude perceber que não poderia estipular um número exato de entrevistas, ficando essa decisão condicionada ao andamento do trabalho e à produção dos

dados. Saliento que todas as entrevistas foram realizadas na casa de Ingeburg, ambiente confortável, aconchegante, o qual possibilitou à mesma narrar-se livremente e efetuar uma viagem por suas memórias.

As entrevistas narrativas, mesmo apresentando caráter amplo, seguiram um roteiro prévio, mas flexível, o qual caracterizou-se como um guia para a condução da investigação (Apêndice 1). Mediante a perspectiva teórica inicialmente adotada, elaborei um esboço desse roteiro, o qual foi marcado pelas diferentes fases da vida da educadora, incluindo: Vivências de infância; Formação musical; Início da carreira docente; Construção dos anos dedicados ao magistério; Fundação do grupo musical; Prática profissional em sala de aula; A comunidade de São Leopoldo; A hora de se afastar. Saliento que a condução das entrevistas foi permeada pelo direcionamento conferido pela professora, ou seja, outras questões de interesse da pesquisada foram integradas às entrevistas. Além disso, destaco que apesar do roteiro de questões ter sido elaborado dentro da perspectiva teórica inicialmente selecionada, a partir dos dados verificou-se que se continuássemos com as fases ou etapas da carreira (Huberman, 1992), muito da riqueza expressa nas narrativas seria perdida. Assim, optou-se pela busca de outros referenciais que fundamentassem a pesquisa e valorizassem os dados.

No que diz respeito à análise das entrevistas, após a transcrição das narrativas, os documentos passaram por mais dois momentos antes da elaboração do texto final, a textualização e a transcrição (MEIHY, 2005). Na etapa da transcrição absoluta, as palavras são colocadas conforme ditas pelo entrevistado. As perguntas e respostas são mantidas, assim como erros, repetições, sons, ruídos e vícios de linguagem (ibid.). No momento da textualização, as perguntas são eliminadas, assim como os erros gramaticais e os vícios de linguagem, sendo a entrevista colocada na forma de texto (ibid.). Por fim, na etapa da transcrição, o texto é trabalhado nos seus detalhes (ibid.). Após essas etapas, o material retornou para a professora, sendo revisado, complementado e autorizado através da carta de cessão (Apêndice 2) para utilização no trabalho e publicação.

Em se tratando dos procedimentos de análise dos dados, o material das entrevistas narrativas foi analisado com base nos referenciais teóricos que tratam acerca dos estudos sobre memória e memória de velhos (POLLAK, 1989, 1992; BOSI, 1994), além das pesquisas que envolvem a memória docente, dentre os quais destaco Nóvoa (1992), Goodson (1992), Holly (1992) e Moita (1992). Estudos sobre

modelos docentes também foram importantes na construção da análise dos dados, utilizando-se Goodson (1992) e Catani et al. (2000) como referência para análise. Além desses referenciais, também utilizei autores que abordam a trajetória profissional de professores e a construção docente. Nesse ponto conversei com Huberman (1992), Bolívar (2002) e Antunes (2011). A partir desses referenciais foram abordados os aspectos marcantes da vida da professora quanto à sua formação, envolvendo sua trajetória pessoal e profissional; como aconteceu o processo de escolarização, a influência das pessoas e dos locais onde morou, os modelos de professores que aparecem em sua trajetória escolar, assim como o início de sua carreira docente, a busca por formação complementar e a construção de sua forma de trabalho de ensino de música, realização profissional quanto à escolha da profissão e o processo de afastamento da docência, com a aposentadoria. Através desses grandes blocos, busquei trazer à tona os dilemas enfrentados pela professora, as realizações e frustrações com/na docência, bem como momentos marcantes vivenciados durante os anos dedicados ao magistério. Saliento que essas categorias não eram fixas, de modo que a partir das narrativas de Ingeburg, outros elementos foram ou deixaram de ser tomados como pontos de análise. Destaco ainda que acontecimentos pessoais da vida da professora aparecem entrelaçados às memórias profissionais, visto que, segundo Nóvoa, “a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino” (NÓVOA, 1992, p. 17)

É importante ressaltar ainda que a partir do primeiro encontro com a professora e de contato telefônico posterior, Ingeburg já iniciou a busca por fotos, artigos e materiais que foram utilizados como auxiliares na construção da pesquisa. Ressalto que esses materiais não foram analisados a partir de teorias documentais, e sim serviram como suporte, como complementação para as narrativas, sendo utilizados ainda como *disparadores da memória* (GUEDES-PINTO et al., 2008), com o objetivo de evocar lembranças de determinados acontecimentos, constituindo-se em ilustrações para a dissertação. Segundo as autoras, “a rememoração é disparada pelas situações atuais, pelos objetos e lembranças concretas que temos à disposição e que nos são ativados pelas relações com o outro” (GUEDES-PINTO et al., 2008, p. 43). Destaco que na presente dissertação utilizo o termo *disparadores da memória*, para identificar “[...] os objetos que evocam de algum modo o passado e auxiliam os sujeitos no processo de rememoração” (ibid.).

A respeito das fotografias, um dos materiais disponibilizados pela professora, Oliveira et al. (2004b), questiona

Qual a importância da fotografia dentro de projetos de pesquisa? O que se pode obter de informações de uma fotografia que a faça valer como um documento? O que se extrai de um momento congelado no espaço e no tempo e que, concomitantemente, faz com que a memória recorde e ressignifique as histórias contidas na mensagem de um instantâneo? (OLIVEIRA et al., 2004b, p. 176)

Respondendo a essas questões, as autoras afirmam que

O uso de *imagens fotográficas* como documento testemunhal em projetos de pesquisa se tornou uma necessidade indiscutível. As fotografias de família, as imagens sociais que falam das cidades e de seus espaços físicos, os costumes de épocas em que não estávamos presentes, mas que nos interessa saber, os móveis, as roupas, os tipos de moradia e as estruturas políticas, econômicas e sociais são partes da história da humanidade. (OLIVEIRA et al., 2004b, p. 175)

As fotografias tornaram-se, portanto, um complemento rico para a dissertação. Como viajar pelas memórias da professora, conhecer sua casa de infância, visualizar sua fisionomia quando criança e a dos seus pais e familiares? Como imaginar as crianças brincando durante o período da guerra? Com uma grande quantidade de fotos disponíveis, pude adentrar em sua história, conhecendo detalhes de sua vida e de seu tempo. Para as autoras,

É importante ressaltar que uma fotografia sem legenda, títulos ou depoimento oral é um meio que produz informação e que pode ser usado enquanto dado para projetos de pesquisa, desde que, naturalmente, esteja inserido dentro do contexto e do objetivo da pesquisa. Porém, quando se consegue extrair de um depoente um relato que é despertado por uma imagem fotográfica e, portanto, tem-se então mais um dado informativo, há um material completo que engrandece os caminhos e os resultados de um trabalho científico, tornando-o gerador de novas informações. (OLIVEIRA et al., 2004b, p. 177)

Enfatizo que durante as entrevistas foram utilizadas fotografias como disparadores da memória, tanto por mim quanto pela própria professora, de modo que as narrativas fluíram despertadas pelas imagens. De igual maneira, conforme colocam as autoras, no decorrer do trabalho constam fotografias cedidas pela professora, que contemplam os objetivos da pesquisa e que se somam às narrativas da vida da entrevistada.

Finalmente, antes de iniciar a apresentação da história de vida da professora, conto ainda sobre como se deram os encontros, momentos esses recheados de surpresas e que foram registrados através das anotações no diário de campo.

A produção dos dados da presente pesquisa deu-se através de quatro entrevistas narrativas realizadas com a professora Ingeburg Hasenack, nos dias 26 e 27 de maio e 08 e 09 de junho de 2012. As entrevistas foram realizadas na casa da professora, em meio a lanches, xícaras de chá, muitas fotografias e objetos biográficos marcantes na trajetória de vida de Ingeburg. Inicialmente estava um pouco ansiosa para a realização da primeira entrevista, mas esse sentimento logo se esvaiu, quando a professora abriu a porta de sua casa com alegria, e disposta a contar sobre sua vida.

As entrevistas tiveram uma duração média de 1h30min a 2h, fato que mostrou-se extremamente positivo para uma pesquisa que versa sobre a história de vida de uma professora. Por ser uma pessoa comunicativa, Ingeburg não se sentiu acanhada com o gravador e discorreu durante o tempo sobre os acontecimentos marcantes de sua trajetória pessoal e profissional. A emoção permeou muitos dos encontros, marcados por lembranças de momentos marcantes, mas também de memórias dolorosas.

Finalizadas as entrevistas, iniciei o processo de transcrição, textualização e transcrição do material, que voltou para a professora para autorização do material e utilização na pesquisa. Retornei ainda algumas vezes à casa de Ingeburg, sempre recolhendo fotos e outros materiais que pudessem complementar a análise das entrevistas. Ingeburg mostrou-se disposta a ajudar a todo instante, não medindo esforços na busca de materiais e memórias que pudessem complementar a pesquisa. Foi através desse esforço e dedicação pela pesquisa que a professora presenteou-me com duas aquarelas pintadas pelo artista Miguel Proença especialmente para compor as páginas dessa dissertação. Emocionei-me com o carinho demonstrado por Ingeburg e, portanto, faço uso dessas aquarelas para abrir os dois capítulos que tratam de sua história de vida. A primeira aquarela escolhida faz referência a um fato que muito marcou a professora em sua infância, mostrando o primeiro instrumento musical que conquistou. Já a outra aquarela, escolhida para

iniciar o segundo capítulo, contempla aspectos referentes à sua atuação docente, trazendo uma mistura de cores, imagens, lugares e pessoas que marcaram a trajetória da professora.

Assim foram realizadas as entrevistas com a professora, em um clima de troca de experiências, de alegrias e de surpresas, demonstrando uma intensa entrega para a pesquisa por parte de Ingeburg. Então? Pronto para embarcar nessa história?



**2. PEGUEI A GAITA FELIZ DA VIDA, SUBI NA ÁRVORE E COMECEI A
TOCAR... TODOS OS AMIGOS VIERAM!:
MEMÓRIAS DE INFÂNCIA E FORMAÇÃO INICIAL**

2. PEGUEI A GAITA FELIZ DA VIDA, SUBI NA ÁRVORE E COMECEI A TOCAR... TODOS OS AMIGOS VIERAM!:

MEMÓRIAS DE INFÂNCIA E FORMAÇÃO INICIAL

2.1. O início de uma história: traços que ligam a Europa ao Brasil

O início da trajetória de vida de uma pessoa, por onde começar? Que caminhos seguir? Como dividir? Essas e outras questões me acompanharam por algum tempo enquanto decidia o caminho a seguir, pois estava tratando da vida de uma pessoa que através de narrativas expressam uma vivacidade única, a singularidade de alguém. Foi então que decidi iniciar a história de vida de Ingeburg Hasenack a partir da história de seus pais, da origem dessa vida que aqui lhes conto.



Figura 1: Edmund August Burghardt, pai de Ingeburg Hasenack

A minha mãe era diaconisa, Elfriede Windgassen, e o meu pai era pastor, Edmund August Burghardt. Meu pai [...] falava alemão. Depois veio aquela história dos comunistas, e como eles [os pais de Edmund] eram muito ricos, eles perderam tudo. [...] O pai [...] queria ir para a Alemanha porque os parentes dele estavam na Alemanha. [...] A minha mãe trabalhava em Wuppertal e andava naquele Wuppertalbahn⁷, pendurada, e o pai era pastor lá e eles se encontraram [risos]. Depois casaram, que eu tenho fotos até. Acho que foi o primeiro casamento, tão bonito, no meio de tantas diaconisas, uma noiva e um pastor do lado.⁸

⁷ Teleférico de Wuppertal.

⁸ Entrevista em 26/05/2012.

Ingeburg conta que seu pai, Edmund, nascido na Ucrânia, viveu com a família a Revolução Russa, a qual iniciara no ano de 1917, simultaneamente ao final da I Guerra Mundial, em 1918. O cenário social da Ucrânia no início da década de 1920 passava por profundas transformações, especialmente para famílias proprietárias de terras ou com um elevado poder aquisitivo, sendo o caso da família Burghardt, que foi, como inúmeras outras, perseguida pelo regime comunista instaurado nos países que posteriormente integrariam a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1922. Devido a esta situação, Edmund fugiu da Ucrânia e buscou refúgio na Alemanha, onde possuía parentes.



Figura 2: Elfriede Windgassen, mãe de Ingeburg Hasenack

Após fazer o curso de Teologia, Edmund passou a atuar como pastor em Wuppertal, cidade onde conheceu Elfriede, uma diaconisa atuante na localidade, que viria a ser sua esposa e mãe de seus dois filhos. Conforme Ingeburg, o casamento foi realizado no local onde as diaconisas trabalhavam, sendo o retrato do evento a única lembrança que foi possível guardar desse acontecimento.



Figuras 3 e 4:
Casamento de
Elfriede e Edmund
em meio às
diaconisas

Ingeburg relata que o pai gostava de jovens e, portanto, tinha facilidade no trabalho como pastor, sendo reconhecido por sua dedicação. Mas foi em meados de 1930 que Edmund foi convidado a assumir a pastoral de uma comunidade luterana no Brasil, na cidade de Carazinho/RS. Após relutar um pouco, principalmente por já estar instalado na Alemanha e possuir alguns familiares perto, Edmund e Elfriede decidiram vir morar no Brasil com a seguinte convicção: “*Se Deus chama, nós temos*

*que ir*⁹. A vinda de pastores alemães para assumir o trabalho em comunidades no Brasil era comum na época, visto que fazia parte do denominado “protestantismo de imigração”.

Segundo Wilhelm Wachholz,

A atual Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) origina-se do assim denominado “protestantismo de imigração”. Os imigrantes evangélicos, em sua maioria de língua alemã, passariam a aportar no Brasil de forma mais sistemática a partir de 1824. Através da fundação de comunidades, a espiritualidade e confessionalidade encontraram expressão. (WACHHOLZ, 2009, p. 182)

Segundo o autor, a imigração alemã iniciou de forma mais sistemática no Brasil no ano de 1824, sendo São Leopoldo, cidade do Rio Grande do Sul, uma das primeiras localidades a receber os imigrantes europeus, que desembarcaram no dia 25 de julho daquele ano. Todo esse processo migratório foi impulsionado, basicamente, a partir de duas políticas brasileiras da época,

[...] a ocupação de territórios da fronteira, constantemente ameaçados por invasões dos países platinos, no sul do País, e o estímulo ao desenvolvimento de uma agricultura voltada para a produção de gêneros alimentícios destinados ao abastecimento do mercado interno, num sistema que deveria basear-se em pequenas propriedades e na força do trabalho familiar. (MEYER, 2003, p. 187-188)

Outra questão a destacar diz respeito à bagagem cultural trazida pelos alemães que aqui chegaram no início do século XIX, visto que o imigrante vinha de um país onde praticamente o analfabetismo havia sido erradicado, dentro de uma tradição que valorizava a educação assim como a profissionalização dos seus cidadãos. A partir daí podemos entender a grande valorização que esses imigrantes conferiam à escola, à igreja e à imprensa, as quais eram vistas como elementos essenciais na constituição de uma comunidade, pois era através dessas instituições que se propagava e mantinha a cultura trazida de tão distante.

Esperava-se de qualquer teuto-brasileiro que soubesse ler, escrever, fazer contas, ter noções sólidas de religião, conhecimento da história sagrada, conhecimento de elementos de geografia, de história, estar informado sobre os acontecimentos locais, regionais e o quanto possível nacionais e internacionais. (RAMBO, 2003, p. 60)

⁹ Entrevista em 26/05/2012.

Portanto, o povo alemão que aqui se instalou encontrou, muitas vezes, condições adversas àquelas que conheciam na Europa. No entanto, nem por isso deixaram de se empenhar em um trabalho de valorização da sua cultura e manutenção das tradições. Através da igreja e da escola as tradições e costumes puderam ser cultivados e mantidos até os dias de hoje, podendo ser identificados a partir de escolas no Rio Grande do Sul ligadas às comunidades luteranas de origem alemã, além das congregações religiosas. Muitas dessas comunidades ainda cultivam a tradição dos cultos em alemão, mantendo, dessa forma, a língua, um dos principais elementos da cultura deste povo.

Foi a partir deste contexto migratório da Igreja Luterana que Edmund e Elfriede Burghardt vieram para o Brasil e assumiram o trabalho na comunidade de Carazinho/RS, atuando como pastor e como enfermeira da comunidade, respectivamente. Em Carazinho, Edmund e Elfriede tiveram sua primeira filha, Ingeburg Elfriede Burghardt, que nasceu em 13 de dezembro de 1933.



Figura 5: Ingeburg no pátio de sua residência no Brasil, no ano de 1934

E por isto meus pais vieram para o Brasil. [...] Eu nasci, eu sempre digo, por acaso em Carazinho, no Brasil, porque meus pais são alemães e estiveram aqui no Brasil. Meu pai foi mandado da Alemanha para cá, como pastor. Minha mãe era enfermeira de alto padrão e por isso ela podia ajudar muito aqui. Eu sempre digo “nasci por acaso”, porque eu me lembro mais da minha infância e juventude da Alemanha. Porque Brasil?! É tão difícil dizer se a minha pátria é aqui ou é lá, é dividido. Quando eu estou aqui estou com saudades de lá e quando eu estou lá estou com saudades daqui. Mas era o que Deus quis.¹⁰

Ingeburg traz em sua narrativa de infância o amor pelos dois países, a ponto de não definir como pátria nenhum dos contextos. Para Ingeburg, o sentimento de “dupla-pátria” (DACCACHE, 2007, p. 1) foi determinante em sua história de vida no momento em que construiu sua identidade a partir das vivências nas diferentes culturas. Segundo Daccache (2007, p. 2), “[...] a constituição subjetiva do indivíduo e de sua personalidade ocorre por meio da internalização e simbolização de suas experiências vividas ao longo de seu desenvolvimento”. Ainda, segundo a autora, “[...] há a necessidade de um meio social estável para que o processo transcorra de maneira positiva” (DACCACHE, 2007, p. 2). A partir do relato de Ingeburg, noto o carinho com que fala de ambos países, o que demonstra vivências positivas tanto no



Figura 6: Ingeburg no colo de seu pai, no pátio de casa

¹⁰ Entrevista em 26/05/2012.

Brasil quanto na Alemanha, de modo que a saudade é um sentimento ligado às duas pátrias.

Ao ser questionada sobre as lembranças de infância no Brasil, Ingeburg menciona que não possui muitas memórias desse período, justificando sua narrativa de que nasceu no Brasil por acaso. Segundo Guedes-Pinto et al., “ao lembrar optamos por esquecer certas lembranças dos eventos que nos acometeram. Em outras palavras, podemos dizer que o esquecimento também é constitutivo do processo de rememoração dos sujeitos” (GUEDES-PINTO et al, 2008, p. 53). O fato de ter vivido somente o início de sua infância no Brasil, de 1933 a 1939, deve ser considerado quando Ingeburg menciona que lembra pouco do período. Apesar disso, Ingeburg recorda de que gostava de subir em árvores, correr pela mata, além de adorar os animais do Brasil e de ser um pouco “arteira”. Mas o que carrega mais presente em sua memória é o amor pela música. Conta que nunca deu importância, mas agora, através das lembranças de seu passado, lembra-se de que a mãe lhe dizia que aos 11 meses já assoviava e cantarolava melodias. Ingeburg narra ainda que onde havia música, lá estava ela, curiosa, observando, já demonstrando uma



Figura 7: Ingeburg, com 11 meses, entre as flores

paixão que mais tarde a levaria à escolha profissional. Ingeburg também menciona que “*tinha um macaco pequeno, do mato, [que] não saía mais de perto de nós. Ele sempre brincava comigo [risos]*”¹¹. Menciona ainda que brincou muito com o Mico, como era carinhosamente chamado. Brincava de esconder dentro de casa com o mico e sua mãe ficava brava, mas no final entrava na brincadeira também.



Figura 8: O mico

*Quando eu era pequena de dois anos, antes já, eu sempre gostava de música. A minha mãe tinha problemas porque eu também fugia, onde tinha um som de música eu ia. Lá eles tocavam muito violão. [...] Quando tinha festa da comunidade, tinha 20 comunidades, aos domingos tinha churrasco, todo mundo se [encontrava], ensaiavam teatro, [cantavam].*¹²

Fazendo parte de uma comunidade luterana e participando das atividades na igreja, visto que seu pai era pastor, Ingeburg tinha experiências musicais que eram inerentes à cultura alemã, pois a música possuía uma forte presença na liturgia dessas comunidades religiosas. O imigrante alemão trazia consigo uma cultura e costumes marcantes, nos quais a música, na maioria das vezes, estava presente de forma intensa na vida e no dia-a-dia das pessoas. Canções alemãs eram cultivadas em família, associações e nas igrejas, tendo um papel essencial na ligação dos imigrantes à sua terra natal, auxiliando também na preservação do folclore

¹¹ Entrevista em 26/05/2012.

¹² Entrevista em 26/05/2012.

característico desse povo. A música esteve presente, principalmente na Igreja e nas casas dos imigrantes, através de cantos folclóricos entoados em alemão (GARBOSA, 2003).

Foi neste cenário de imigração alemã no Rio Grande do Sul e inseridos em uma comunidade luterana que unia a tradição cultural germânica e a brasileira, que Ingeburg e sua família viveram até o ano de 1939, quando então, com cinco anos de idade, retornaram à Alemanha.

2.2. Lembranças de infância: o período na Alemanha

No ano de 1939, após uma doença da mãe e sua recuperação positiva, a família teve que voltar à Alemanha, o que era comum na época para os pastores que vinham em missões, visto que a permanência em solo brasileiro era temporária. Os pastores e suas famílias retornavam à pátria para exames médicos, atividades espirituais e, depois de avaliações, poderiam ou não regressar à comunidade em que atuavam.

[...] depois de seis anos no Brasil, os pastores e a família tem que voltar para a Alemanha para fazer um exame de novo, de corpo, espírito e alma, doenças e tudo mais, se esse casal está pronto para voltar novamente ao Brasil ou não. Aí minha mãe ficou doente, [...] então não voltamos em seis anos, só depois de sete anos. Então eu já tinha um irmão que tinha nascido. Ele é três anos mais novo que eu, eu sou a mais velha.¹³

Ingeburg e a família chegaram à Alemanha em maio de 1939, permanecendo na cidade de Tübingen para a realização dos exames médicos. Finalizados os exames, o pastor e sua família estavam aptos para retornar ao Brasil e continuar seu trabalho, visto que a comunidade de Carazinho/RS já reclamava a ausência do pastor.

Então estávamos com nossas malas, tudo pronto para partir. Era 1º de setembro de 1939. Estávamos em Bad Berleburg, perto de Fredeburg, nos meus padrinhos. De repente veio um grito lá fora, ouviu-se fora da janela: “Krieg, Krieg, Krieg¹⁴!” Esta palavra eu não conhecia. Eu tinha então quase

¹³ Entrevista em 26/05/2012.

¹⁴ Guerra, guerra, guerra!

*cinco anos. A mãe começou a chorar e disse: “Ingelein, Ingelein”¹⁵, agora temos que ficar aqui”.*¹⁶

Segundo Vizentini, “a tradição historiográfica e política consagrou a invasão da Polônia pela Alemanha, em 1º de setembro de 1939, como o início da Segunda Guerra Mundial” (VIZENTINI, 1996, p. 9). Para Cytrynowicz (2000), a história da Europa do século XX está atrelada ao período de guerras, sendo que esses períodos

[...] não apenas marcam uma certa cronologia, dividindo tempos e tentando compreender fases dentro deles, mas tornam-se chaves da periodização deste século e definem categorias de pensamento, conceito que definem uma forma de pensar a história e a cultura. (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 14)

As duas Guerras Mundiais, portanto, ocupam um lugar central na história da Europa, sendo que a Segunda Grande Guerra é vista como uma luta global, que abrange os anos de 1939 a 1945, pois acabou envolvendo praticamente todos os Estados independentes do mundo, os quais formaram duas alianças militares: os Aliados (Império Britânico, França, Estados Unidos e União Soviética) e o Eixo (Alemanha, Itália, Japão). A II Guerra Mundial foi uma luta que mobilizou uma média de 100 milhões de militares, configurando-se como a mais abrangente da história, sendo a única em que foram utilizadas armas nucleares, tendo como vítimas mais de 70 milhões de pessoas. A II Guerra ainda foi marcada pelo personagem de Adolf Hitler, que fundou o Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores e liderou toda a atuação da Alemanha durante a guerra. Foi no ano de 1945 que a guerra terminou com a vitória dos Aliados, resultando em mudanças significativas nas relações internacionais, e configurando-se como um marco histórico para todas as nações.

Edmund, o pai de Ingeburg, que era pastor, fora mandado para a guerra como oficial, pois falava bem a língua russa. Ingeburg, por sua vez, ficara com a mãe e o irmão no vilarejo de Frankena, situado no nordeste da Alemanha, ao sul de Berlim.

¹⁵ Ingezinha, Ingezinha.

¹⁶ Entrevista em 26/05/2012.

Este foi o período da infância e juventude mais presente na narrativa de Ingeburg, cuja memória é clara e detalhada sobre os anos de 1939 a 1949,



Figura 9: Elfriede com os filhos enquanto o marido estava na guerra

tempo em que permaneceu na Alemanha com a família. Da época em que morou na Alemanha, Ingeburg carrega memórias recheadas de vivacidade infantil, mas também marcas dolorosas de um período de perdas causadas pela II Guerra Mundial. Através das lembranças, noto como as memórias pessoais carregam um significado social e estão atreladas a um contexto mais amplo que não pode ser desconsiderado em um trabalho com história de vida.

Por isso, em pesquisas de história da educação é necessário levar em conta que as lembranças e as imagens dos depoentes estão relacionadas ao grupo social a que pertencem. A lembrança de qualquer pessoa vai estar ligada à construção histórica e à identificação com o grupo que a constituiu, pois as relações sociais e culturais dos grupos são marcantes na formação destas memórias coletivas. Neste sentido, se a memória é um processo individual e social, também é importante perceber as formas do grupo se relacionar e se identificar, em especial, nos processos históricos educativos. (FISCHER, 2011, p. 20)

No momento em que relata sobre a época em que viveu na Alemanha, Ingeburg traz em sua narrativa uma carga de emoções vinculadas a acontecimentos sociais, a partir da sua visão de mundo, tornando esse relato possibilidade de compreensão de um contexto sócio histórico mais amplo.

2.2.1 A Escola e seus professores na Alemanha

Arelada às lembranças de guerra, Ingeburg carrega a alegria de ter estudado em escolas na Alemanha, nas quais os professores apresentavam formação específica e puderam proporcionar-lhe vivências positivas e marcantes. Ingeburg lembra de seu primeiro professor de música que tocava violino, cantava nas aulas, brincava no pátio com as crianças e do fato de que na escola não faltavam recursos didáticos. Através da narrativa, percebo o quão fortes são as memórias sobre a escola e o convívio com as outras crianças e pessoas da vila de Frankena, pois toda vez que narra fatos da guerra, interpõem lembranças de sua infância escolar na Alemanha.

Eu não entendia o que era Krieg, nem sabia o que era guerrear, porque também as pessoas lá eram muito queridas, eu nem sabia o que era isto. Então meu pai foi mandado para Frankena, perto de Berlim, como pastor, mas, foi a intenção assim, o pai falava bem russo e foi para a guerra como oficial. Agora vem uma época não muito boa. Eu tinha o melhor colégio, que até hoje agradeço, eu acho que foi um milagre grande que eu pude ter tudo isto lá, porque no Brasil talvez eu não teria nada disto. E este colégio era die Dorfschule¹⁷, era de primeira a quinta série. O professor lá havia estudado em Dresden ou em Leipzig, era Universitário, ele devia saber tudo. Ele tocava violino, tocava instrumentos, ele cantava. [...] Então não percebi, no início, a guerra tão forte como foi depois. Nessa escola era o professor Albin. Hoje eu sei que ele era um grande artista também de dar aula. Como amar o aluno, conhecer cada um. Acho que aqui foi a base para minha vida futura.¹⁸



Figura 10:
Ingeburg, com o cachorrinho no colo, e suas amigas em Frankena

¹⁷ A escola da aldeia.

¹⁸ Entrevista em 26/05/2012.

Durante o rememorar da sua infância e juventude, noto o “fenômeno da memória seletiva” (POLLAK, 1992). Segundo o autor, “a *memória é seletiva*. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (ibid., p. 203), ficando clara esta questão na fala da entrevistada. Quando relata “*agora vem uma época não muito boa*” e em seguida não conta o que passou, mas sim lembranças positivas que guarda de sua escolarização na Alemanha, Ingeburg demonstra uma clara organização da memória durante a vida e a seleção natural do que lembrar ou não. Ainda segundo Pollak

A memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. (POLLAK, 1992, p. 204)

A memória, portanto, aparece como uma (re)construção viva de um passado presente na história de vida de Ingeburg. A organização da memória, conforme afirma Pollak (1992), é o que realmente demonstra a espontaneidade do narrar-se, apontando o incrível trabalho de estruturação dessa história. Guedes-Pinto et al., complementam apontando que

Certos aspectos da memória de nossas experiências passadas, por diferentes motivos, ficam temporariamente esquecidos e permanecem perenes em seus silêncios. O esquecimento pode ser entendido como um modo de resistência às nossas vivências difíceis ou traumáticas. Assim, o processo de rememoração é seletivo, vindo à tona somente aqueles acontecimentos que são deflagrados no contexto específico de cada entrevista. (GUEDES-PINTO et al., 2008, p. 53)

No intuito de evitar situações de extrema dor, Ingeburg utiliza-se desta importante ferramenta da memória, o esquecimento, o qual “[...] exerce um papel importante nos trabalhos que envolvem a memória [...]” (GUEDES-PINTO et al., 2008, p. 54), ajudando no processo rememorativo.

Como criança, Ingeburg não conseguiu compreender logo de início a amplitude e as repercussões da guerra. Lembra que as pessoas eram queridas e solidárias com as famílias vizinhas. À medida em que narra fatos traumáticos da guerra, como a ausência do pai que havia sido mandado para a guerra, Ingeburg busca em sua memória lembranças positivas da infância na Alemanha, de maneira a contrapô-las a esses sentimentos.

Ingeburg lembra de seu primeiro professor de música na Alemanha, professor Albin, destacando o fato de não somente ensinar a matéria, mas ser exemplo para seus alunos no que tange à forma de ensinar, de tratá-los e de amá-los, fato que Ingeburg carrega como sendo a base para sua aprendizagem e para a forma como viria a constituir-se como docente. Ingeburg traz as lembranças desse professor como um incentivador do fazer musical, pois além de tocar instrumentos e cantar com os alunos, Albin ficou na memória como referência para sua vida futura. Segundo Abrahão e Frison (2010),

A escolha de 'ser professor' parece estar atrelada a opções e motivos desencadeados pelas vivências ocorridas durante o período de escolarização. [...] [Assim como] existem múltiplos fatores que influenciam a escolha de ser professor, entre eles as características da profissão, bem como o local, a carga horária de trabalho, o mercado, custos da formação, história pessoal/escolar, influências familiares, além de modelo de professor, idealizado ou descoberto durante a escolarização. (ABRAHÃO; FRISON, 2010, p. 200-201)

A experiência escolar de infância como propulsora para a escolha profissional é destacada pelas autoras como elemento significativo do processo de construção do 'ser professor'. A partir dessas experiências escolares, alguns professores tornam-se marcantes em nossa caminhada, constituindo-se em modelos que buscamos seguir, seja pelas aulas que ministravam, pelo empenho dedicado à profissão, pelo conhecimento que demonstravam ou ainda pela forma como se relacionavam com os alunos (ABRAHÃO; FRISON, 2010, p. 204). Assim, Ingeburg avalia o quão válida foi a educação e as experiências que teve na Alemanha com esse professor, reconhecendo-as como 'as bases para a sua vida futura' e para a vida docente. Possivelmente, as vivências escolares em meio aos amigos e ao professor Albin seja um dos fatores pelos quais Ingeburg não se ressentir de sua infância ou das experiências no período da guerra.

Ainda sobre as lembranças de seu primeiro professor e da vida na escola, Ingeburg narra que os alunos faziam brincadeiras em grupo, atividades práticas envolvendo movimento corporal, além de entoarem canções de roda folclóricas alemãs. A escola possuía um pátio grande, no qual os alunos brincavam de esconde-esconde, de queimada, além de realizarem brincadeiras com bolas e atividades físicas.

Nesta escola aprendemos muito a cantar, a brincar no pátio. Tinha um pátio enorme. [Fizemos] muitas canções de roda, Fùßchen zeig meine Schuhe¹⁹, mas muita, muita coisa, ou de se esconder, da drinnen abschlagen, não sei dizer em português²⁰. [...] É uma coisa de rir até não parar mais. E com bolas, tínhamos bolas grandes, Medizinball²¹ se chamavam [...]. Gostávamos disso, eram pesadas. Todas as brincadeiras eram na escola. Nos sábados nós tínhamos um grande terreno de mato, bem longo. A gente caminhava a pé 1Km e lá tinha um lugar para fazer esporte. Ai, como eu gostava! Jogávamos bola e outras coisas, chamava Völkerball, não sei como é que se diz²². [...] Eu era boa em ginástica. [risos] [...] E lá não tinha nada disto de sentir inveja, de ficar bravo com outro, isto eu não conhecia. A gente ajudava um ao outro. Tínhamos bicicletas, [andávamos] muito lá fora [...]. Foi uma vida muito bonita.²³



Figura 11: Ingeburg com amigas e o irmão, na Alemanha

Destaco na fala de Ingeburg o processo educativo dirigido às crianças europeias na época, década de 1940, havendo uma preocupação quanto às atividades oferecidas, as quais englobavam o lúdico, o brincar na vida da criança, o movimento corporal, ou seja, o aprender brincando. Segundo Joly

¹⁹ Pezinho, mostra os teus sapatos.

²⁰ Talvez como a brincadeira do 'Caçador'.

²¹ Bolas de fisioterapia e ginástica.

²² Queimada.

²³ Entrevista em 26/05/2012.

Com a ajuda dos exercícios de movimento a criança experimenta o contato com seu meio-ambiente e amplia desta forma seu espaço de experiências. [...] A criança pequena tem um forte ímpeto de movimento e atividade. [...] a rapidez do desenvolvimento motor depende especialmente de possibilidades de exercícios oferecidos e dos estímulos de movimentos. (JOLY, 2011, p. 18-19)

Conforme Ingeburg, uma de suas brincadeiras preferidas na escola alemã era subir em árvores. Pelo fato de já ter tais vivências na natureza brasileira, destacava-se nas atividades práticas e brincadeiras que envolviam movimento. Ingeburg relata ainda que na Alemanha o companheirismo prevalecia entre os colegas da turma, não havendo inveja ou brigas na escola, mas sim respeito pelas diferenças existentes no grupo. Ingeburg enfatiza as experiências com teatro e musicais que teve nessa escola, envolvendo as três linguagens, ou seja, música, artes plásticas e o próprio teatro, lembrando-se de apresentações que realizavam quando crianças.

Muito teatro! Nós ensaiamos também a peça de Theodor Storm²⁴, a Regentrude²⁵, não sei dizer em português. Não chovia, não chovia, porque a Trude, aliás, chuva-Trude, ela adormeceu e o homenzinho do fogo não acordou. Ele se espalhou. Isso eram coisas difíceis para aquela época, mas para nós foi tudo normal.²⁶

A partir de seu olhar sobre o passado, Ingeburg enfatiza a dificuldade das peças realizadas quando criança, ficando claro que construiu tal visão a partir de experiências que promoveu junto a seus alunos, posteriormente, e de sua prática como professora de música, na qual realizava peças teatrais com as crianças e musicais. Ingeburg carrega em sua fala os anos de experiência docente nos quais realizou inúmeras atividades musicais com seus alunos, algumas delas baseadas nas vivências escolares que teve na Alemanha durante sua escolarização.

Terminando a escolarização de primeira a quarta-série, Ingeburg foi para a cidade de Kirchhain continuar seus estudos.

[...] então eu terminei mais cedo essa escola [e] eu fui para Kirchhain, na Oberschule²⁷, e lá eu tive sorte [novamente]. Todos os professores eram Oberstudienrat²⁸, ou eram doutores e haviam vindo de Berlim.²⁹

²⁴ Hans Theodor Woldsen Storm (14/09/1817 - 04/07/1888), escritor alemão.

²⁵ Chuva-Trude. Dir-se-ia: Trude da chuva.

²⁶ Entrevista em 26/05/2012.

²⁷ Escola Secundária.

²⁸ Professor Sênior.

²⁹ Entrevista em 26/05/2012.

Novamente Ingeburg enfatiza a importância da escolarização na Alemanha, pois constantemente a avalia como positiva e destaca as aprendizagens que contribuíram para sua construção docente. Ingeburg também recorda-se de outro professor de música, o professor von Brekow, que era um excelente pianista e que juntamente com o professor Albin foi um dos professores que proporcionou-lhe experiências e aprendizagens musicais que serviram como pilares para sua posterior construção enquanto docente. *“Ele (von Brekow) ensinava facilmente e entusiasmado. Foi assim, e a gente cantou com uma alegria, ele mexia com a alma, com o corpo, mente e tudo. E a pessoa dele, tão sincera, ele era música viva. Isto me marcou muito”*³⁰.

Ingeburg gostava de música e tinha desenvoltura nas atividades dessa área que eram realizadas na escola, o que era percebido por seus professores.

*[...] os professores de música de lá disseram: “A Inge não pode ficar aqui, ela tem que ir para Dresden, na Kunsthochschule”³¹. [...] E lá eu estava matriculada para estudar Música, Teatro, Artes. Era tudo o que eu queria na vida. Dresden era famosa, era a ‘Cidade da Arte’.*³²

Indicada para estudar em Dresden, Ingeburg centraria sua formação especificamente no campo das Artes, então sua maior paixão. Contudo, Ingeburg precisou interromper este sonho em consequência da guerra que acontecia.

*Foi [no final] da guerra. Eu estava na nossa casa em Frankena, olhei para cima e vieram bastantes aviões carregados, [zum, zum, zum], cheio de bombas, era de dia. Pensei: “Onde é que eles vão agora?” Passaram por cima de Frankena. Pensei: “O que eles querem destruir ainda?” [pausa] Destruíram toda a cidade de Dresden, meu sonho se foi [...]. Aí eu não queria mais viver, eu não queria mais viver..., foi muito triste, muito...”*³³

No início de 1945, a II Guerra Mundial já apontava para a rendição da Alemanha que vinha perdendo forças no combate, quando o Império Britânico e os Estados Unidos comandaram o bombardeio à cidade de Dresden, capital do estado da Saxônia/Alemanha, a 97 quilômetros de Frankena. A investida militar liderada pelas duas superpotências aliadas deixou profundas marcas na cidade, provocando a morte de milhares de pessoas, entre civis e militares. Aquém do levantamento do

³⁰ Entrevista em 27/05/2012.

³¹ Escola Superior de Artes.

³² Entrevista em 26/05/2012.

³³ Entrevista em 26/05/2012.

impacto destrutivo do bombardeio, a data do evento traz consideráveis questionamentos acerca da relevância do ataque para a vitória dos Aliados sobre o Eixo, uma vez que a guerra estava em sua fase final, e a nação liderada por Hitler mostrava claros sinais de enfraquecimento nos primeiros meses do último ano de guerra.

A partir da narrativa da professora, destaco o entrelaçamento da memória com os acontecimentos sociais e históricos que vivenciamos ao longo de nossa trajetória de vida. A caminhada escolar de Ingeburg precisou ser modificada em decorrência dos acontecimentos da guerra. Além disso, saliento a emoção com a qual Ingeburg se recorda deste momento de sua juventude, precisando interromper a fala em alguns instantes, em virtude dos sentimentos guardados que fazem parte de sua história.

Ainda sobre a escola, Ingeburg menciona que

[...] inventava músicas, ninguém sabia que eu inventava e guardava tudo. Eu não escrevia as notas. E nós dançamos isto [risos] e cantamos. Na escola fomos incentivados também. Muita, muita música, muito canto. Eu tive que cantar muito solo às vezes, muitos. Lá era assim. E fizemos as lendas alemãs que nem eu fiz aqui as lendas brasileiras.³⁴

Peças como 'João e Maria' eram realizadas pelas crianças na escola em forma de musicais, congregando as diferentes linguagens artísticas para a realização de uma peça. Quando menciona isso, Ingeburg recorda que também realizou, posteriormente, com seus alunos no Brasil as lendas brasileiras em forma de teatros e musicais, tornando uma experiência escolar positiva em exemplo para sua prática docente.

Ingeburg também fala sobre os materiais didáticos disponíveis nas escolas alemãs e as atividades artísticas desenvolvidas para os jovens.

Os jovens eram tudo, música e cultura aos montes. De Berlim vieram grandes concertos. Nós fizemos bonecos de fantoches e [apresentamos] peças difíceis. Nós tínhamos arte sempre e também fui à Berlim. Era pertinho. Assisti a muitos concertos, teatros. E para crianças tinha muitos teatros. Eu gostava muito da biblioteca. [Pegava] a minha bicicleta e buscava dois, três livros e trazia para casa. Lia em cima de uma árvore, se era verão, [...] e depois [voltava e] buscava outros [risos]. Eu li muito, li demais. Mas o Hitler, eu não posso falar coisas ruins dele, porque nós não sabíamos o que ele [fazia].

³⁴ Entrevista em 26/05/2012.

Ingeburg ressalta a importância conferida aos jovens pelo governo de Adolf Hitler, enfatizando as oportunidades e experiências que tinham para construir sua trajetória, tanto escolar quanto não escolar. Em contrapartida, relata que não sabiam o que o ditador fazia com os milhares de judeus presos durante a guerra, demonstrando claramente o trabalho de enquadramento da memória, descrito por Pollak

[...] o trabalho de enquadramento da memória pode ser analisado em termos de investimento. Eu poderia dizer que, em certo sentido, uma história social da história seria a análise desse trabalho de enquadramento da memória. Tal análise pode ser feita em organizações políticas, sindicais, na Igreja, enfim, em tudo aquilo que leva os grupos a solidificarem o social. (POLLAK, 1992, p. 206)

Segundo o autor, o trabalho de enquadramento da memória se dá, mais especificamente, no âmbito da memória coletiva, funcionando como um processo de cristalização de uma memória que se quer guardar (OLIVEIRA, et. al, 2004b, p. 173). A imagem passada ao povo alemão a respeito do político Adolf Hitler durante a II Guerra, caracterizou-se como uma memória enquadrada, visto que muitas pessoas não faziam ideia das mortes de judeus que aconteciam sob suas ordens. Segundo Dietrich,

A importância da juventude para o regime nazista é inegável. Em diversos momentos, Adolf Hitler se voltou às crianças e jovens alemães. Ele acreditava que representariam o futuro da raça ariana, porque os adultos já estariam "velhos" e "gastos". (DIETRICH, 2011, p 1)

Principalmente os jovens, como era o caso de Ingeburg, tinham os olhos ofuscados pelas oportunidades que eram oferecidas pelo ditador, vivendo unicamente com a imagem de um bom político, visão, essa, que o Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores se empenhava para que ficasse para a história.

Foi neste contexto histórico e social que Ingeburg Hasenack construiu suas aprendizagens de infância e início de juventude, carregando experiências que constituíram e influíram em sua trajetória pessoal e profissional.

2.2.2 Histórias da guerra: alegrias e tristezas

Ingeburg também traz em sua narrativa memórias tristes e dolorosas marcadas pela guerra. Conta que no vilarejo de Frankena eram realizados cultos na Igreja em homenagem aos soldados e oficiais alemães que não retornavam para casa.



Figura 12: Igreja no vilarejo de Frankena

Cada vez que alguém morria na guerra, às vezes jovem, era colocada uma coroa em cima, onde estava o órgão, uma ao lado da outra. E foi [colocada] uma cruz, o Hitler-Hakenkreuz³⁵, bem grande, cheia de velas. Isto podia ser acendido. Foi aceso. Então para mim, eu não via eles voltar, só que eu vi que todo mundo chorava e estava em preto.³⁶

Conforme Pollak (1992) existem três elementos constitutivos da memória, acontecimentos, personagens e lugares. Destaco a fala de Ingeburg a partir de um acontecimento vivido, marcada por personagens que não necessariamente possuíam um vínculo próximo, mas que se tornaram uma lembrança clara em seu recordar, recordando até mesmo as cores das roupas que vestiam. Detalhes da cena, assim como a descrição do órgão da igreja e das velas acesas na 'cruz

³⁵ Cruz suástica de Hitler.

³⁶ Entrevista em 26/05/2012.

suástica de Hitler' enfatizam lugares de memória, mostrando o quanto o espaço da igreja tornou-se marcante nas lembranças dos lugares da infância. A partir dessa perspectiva, Ingeburg apresenta sua visão de mundo da época, trazendo junto às lembranças de infância, fatos tristes da guerra, dentre os quais os amigos, familiares e parentes que não voltaram. As lembranças destacam as memórias das vestimentas das pessoas, da comunidade em luto, além do fato de que como criança não conseguia compreender o contexto maior da guerra, mencionando por vezes que a mãe tentara preservá-la o quanto foi possível, mas assim que alguns colegas de aula também foram mortos, a realidade tornara-se inevitável.

Durante a guerra, cada turma, cada sala de aula, em Kirchhain, na Oberschule³⁷, tinha o seu Bunker³⁸. E quando a sirene tocava, "Uh uhu uhuhuh", era: Cuidado! Vem aviões de dia! Então cada um [ficava] em alerta. Arrumávamos nossas coisas na escola. Quando vem "Uhhhhh uhuuuuu", então rápido, cada um ia para o subterrâneo. Cada turma sabia o seu lugar. Então as bombas caíram e eu lembro que nunca tinha medo. Eu não sabia o que era medo. E nesse [momento], um colega da minha aula, o Hartmut, e uma colega, Annelore, eles morreram... Ela não foi junto para o Bunker, foi para casa e na frente da casa caiu uma bomba e o ar puxou ela para fora. Morreu... E o Hartmut, ele foi pego direto. Eu vi até o buraco lá. Isso foi difícil...³⁹

Lembranças tristes se entrelaçam às histórias que Ingeburg carrega e que narra com emoção, envolvendo amigos e amigas que perderam a vida ainda crianças por consequência da guerra. Através da narrativa, verifico que

Nas lembranças mais próximas, aquelas de que guardamos recordações pessoais, os pontos de referência geralmente apresentados nas discussões são [...] de ordem sensorial: o barulho, os cheiros, as cores. [...] roncos dos aviões, explosões, barulho de vidros quebrados, gritos de terror, choro de crianças. Assim também com os cheiros: dos explosivos, de enxofre, de fósforo, de poeira. (POLLAK, 1989, p. 11)

Vivo na memória de quem narra estão os sons, o cheiro da sala, o ruído dos aviões, mais do que a lembrança de datas específicas de um determinado acontecimento. Esse é o caráter espontâneo da narrativa, produzido no momento da entrevista, quando o narrador visita suas lembranças e traz à tona a história guardada. A sirene da escola avisando que aviões estavam chegando aparece na narrativa de Ingeburg como um claro ponto de referência em suas recordações

³⁷ Escola Secundária.

³⁸ Abrigo subterrâneo.

³⁹ Entrevista em 26/05/2012.

escolares, assim como o barulho das bombas caindo e dos aviões carregados que sobrevoavam o vilarejo. Ingeburg enfatiza ainda que na escola as crianças tinham aulas para aprender a se defender de bombas e tanques, aprendendo até mesmo a utilizar *Panzerfaust*, que eram bazucas anti-tanques utilizadas na época. Treinavam para se esconder no *Bunker* de cada turma, assim como aprendiam o que fazer se estivessem caminhando ou andando de bicicleta e aparecessem aviões.

*Eles vieram de cima, os aviões, caçadores, para baixo. E se alguém estava em pé, "titititi", matavam. Nós aprendemos logo a jogar a bicicleta e a deitar no chão. Porque se tu ficas assim, de pé, eles te pegam e deitado passam por cima.*⁴⁰

Apesar das lembranças difíceis, Ingeburg, enquanto criança, enxergava a realidade com olhos infantis.



Figura 13: Crianças brincando com o tanque de um avião imitando um barco

*[...] a nossa escola estava dentro do rio. Se tu pulavas para fora, podia pular na água [risos]. E nesse rio caiu uma bomba. Eles queriam, acho, que estragar a ponte. E caiu uma bomba e era um buracão daqueles. Para nós era um lugar de pular da ponte no buraco enorme e nadar [risos].*⁴¹

⁴⁰ Entrevista em 26/05/2012.

⁴¹ Entrevista em 26/05/2012.

Ingeburg, juntamente com outras crianças do vilarejo de Frankena, sofria com as consequências da guerra, mas, apesar disso, brincava e fazia dessa realidade uma possibilidade de criação infantil. Outra recordação de infância diz respeito às vezes em que encontrava tanques de combustível de aviões que caíam nas redondezas e isso se transformava em um barco que servia para as brincadeiras das crianças.



Figura 14: Crianças no vilarejo de Frankena

Em paralelo às lembranças de guerra, Ingeburg recorda das festas para as crianças que eram realizadas em cada vilarejo.

No verão, era bonito! Em cada vila tinha um Kinderfest⁴², uma festa de criança. Aí se montavam arcos - isso eu aprendi a fazer - com florzinhas na frente, na cabeça. A gente se enfeitava com vestido branco. Eu tinha um carrinho com quatro rodinhas, Wagen⁴³, pequeno. Na frente tinha dois cabritos que me puxavam e cantávamos todo o dia por toda a vila, todos atrás, de uma vila para outra. Isso tinha lá no verão em cada vila, a cada 2Km tinha outra vila, fomos lá e isto foi a grande coisa. De tarde tinha festa lá nos Hamitsch. Aí se ganhava bolo, a gente brincava. Bem cedo, já acordávamos também. Os sinos batiam, e o sino eu gostava, eu sempre pegava embaixo e subia até em cima com a corda [risos!]. Ahhh... Tem lembranças...⁴⁴

⁴² Festa da criança.

⁴³ Carrinho.

⁴⁴ Entrevista em 26/05/2012.



Figura 15: *Kinderfest* realizada no vilarejo

Ingeburg busca em suas memórias momentos alegres, utilizando-se de uma memória seletiva ligada ao ato de narrar-se. Segundo Guedes-Pinto et al., através desse processo, a colaboradora faz

[...] tanto uma seleção mental do que deve ser lembrado - [afinal] as escolhas são necessárias entre tantos caminhos a percorrer pela memória - quanto protege os sujeitos de entrar em contato novamente com situações de extrema dor e difíceis de suportar. (GUEDES-PINTO et al., 2008, p. 54)

No que tange às festas na comunidade, constato que existe uma valorização das crianças no contexto em questão, existindo um dia para cada vila festejar o seu *Kinderfest* e proporcionar a elas um divertimento e uma interação com as crianças de outras vilas.

Em paralelo, a guerra acontecia e Ingeburg juntamente com seu irmão e a mãe passaram anos sem receber notícias do pai, Edmund, que servia como oficial na II Guerra. “O pai estava na guerra. [Foi] a mãe [que] nos criou né. Não sabíamos se ele ia voltar um dia”⁴⁵. Conviver com a ausência de notícias, informações sobre parentes que estavam em batalha, era uma realidade comum às pessoas que



Figura 16: Ingeburg e seu irmão

viveram a guerra, estando a todo momento submetidas ao sentimento de angústia proporcionado por esse vazio.

Com o término da II Guerra Mundial, no ano de 1945, ocorreu a divisão territorial da Alemanha entre os quatro países Aliados, Império Britânico, França, Estados Unidos e União Soviética, período esse que Ingeburg também guarda vivo em suas memórias de infância.

2.2.3 Fim da Guerra? Histórias para contar

Com o término da II Guerra Mundial, ocorreu a “a entrada dos russos”⁴⁶, cujas consequências envolveram a divisão territorial da Alemanha. É importante mencionar que o vilarejo de Frankena estava localizado na zona soviética, entre Berlim e Leipzig, sendo esse período rememorado como “a entrada dos russos”.

⁴⁵ Entrevista em 26/05/2012.

⁴⁶ Entrevista em 26/05/2012.

Iniciava então a chamada Guerra Fria, que envolveu as duas grandes potências mundiais da época, Estados Unidos e União Soviética, que disputavam questões tanto políticas, ideológicas e econômicas, quanto militares, apesar de não haver um conflito propriamente dito entre as duas potências, do ponto de vista militar. A Guerra Fria iniciou em 1945, com o final da II Guerra Mundial, tendo o seu término em 1991, com a extinção da União Soviética. Ingeburg, portanto, viveu os anos iniciais da Guerra Fria na Alemanha, até o ano de 1949, quando retornou ao Brasil.



Figura 17: Alemanha dividida em quatro zonas

Após a guerra tudo acabou, as bombas também, era um silêncio que eu achei muito estranho. A gente podia caminhar, mas tinha os russos, o pior foi a entrada dos russos [...]. Passaram anos, passamos fome, e a fome foi muito difícil. A mãe às vezes chorava e dizia: “Kinder⁴⁷, não sei mais o que fazer”. Ninguém tinha nada para comer, aí íamos onde eles colhiam e [colhíamos] espigas de grãos, às vezes caía uma espiguinha, já tinha máquinas naquela época, eu [ia] lá [e colhia]. Se eu achava um, dois, às vezes tinha uma mão cheia de grãos. Levei para casa, moemos, a mãe botou água, cozinhou e era a nossa sopinha. Então tínhamos isso para comer.⁴⁸

A falta do que comer foi uma realidade presente na vida de Ingeburg após o término da II Guerra Mundial, sendo que a busca por alimento aparece em sua narrativa quando relembra sua juventude. Portanto, na zona soviética houve um

⁴⁷ Criança.

⁴⁸ Entrevista em 26/05/2012.

esvaziamento nas cidades. Fábricas foram fechadas, alimentos eram escassos, estradas de ferro e demais instalações que eram utilizadas na Alemanha foram desmontadas e levadas para a União Soviética. Ingeburg lembra com clareza de quando, com 14 anos, teve que desmontar partes do trilho do trem, que iria ser removido do território alemão. *“Eu tive que desmontar os trilhos do trem, foi tudo para [a] Rússia, eu tive que desmontar isso com 14 anos”*⁴⁹. Ingeburg também conta sobre casas que eram arrombadas, das quais as tropas russas levavam móveis, suprimentos, louças e algumas eram completamente destruídas. Apesar disto, sua família permaneceu em segurança.

*E nossa casa, número 27, ficou salva. [...] Então, de repente estava na frente de casa um oficial, um russo, que tinha um papel, assim, na mão. Pensei: “Ih, agora é nossa vez”. E como eu falava russo, eu não tinha medo dele, e eu perguntei: “O senhor procura alguma coisa?” Ai ele disse: “Aqui é a casa 27”. “Sim, aqui nós moramos”. “É, esta casa não vai ser nunca assaltada, porque aqui tinha uma Fasch-Mutti”⁵⁰, ela cuidava, tratava bem os nossos prisioneiros”.*⁵¹

Elfriede, a mãe de Ingeburg, era enfermeira e sabia como cuidar dos ferimentos de guerra de soldados que chegavam feridos e era exatamente isso que fazia, tanto com soldados alemães, quanto com soldados russos. Ingeburg relembra a figura materna através do trabalho da mãe, descritos através da coragem e das lições morais e de vida que ensinava aos filhos (BOSI, 1994, p. 427). Além de tratar os ferimentos, Elfriede preocupava-se com o bem estar dos soldados.

*A mãe sempre os ajudava um pouquinho [soldados russos]. Eles vinham de noite, se escondiam atrás daquela porta só para conversar um pouquinho, no fim já sabiam alemão. E [no] Natal foi difícil. [...] Ninguém podia levar alguém para dentro de casa, [mas] minha mãe fez [isso]. E Natal, escondido, eles festejaram conosco. E nós aprendemos a ficar quietos.*⁵²

Mesmo em um ambiente hostil como a guerra, existiam sentimentos de solidariedade entre as diferentes nações, através de pessoas como Elfriede e sua família que “desrespeitavam” as ordens do governo e ofereciam um pouco de paz e alegria aos soldados. Essa atitude positiva fez com que, anos mais tarde, com a

⁴⁹ Entrevista em 26/05/2012.

⁵⁰ Mãe-enfermeira.

⁵¹ Entrevista em 26/05/2012.

⁵² Entrevista em 26/05/2012.

ocupação russa, a casa da família de Ingeburg fosse preservada, não havendo arrombamentos ou saques durante o período em que estavam residindo naquele endereço, no vilarejo de Frankena. Ingeburg menciona que essa atitude de sua família resultou em boas ações por parte de soldados russos na época da falta de alimentos.

E quando [os soldados russos] ganhavam pão com manteiga ou [outra] coisa boa, eles [vinham] atrás no jardim e [diziam]: “Inge, hier⁵³”, e [davam] para nós o pão, o pão de lá era grande, as fatias. Então eles [davam] para nós porque eles não precisavam comer, tinham comida que chega, e assim foi, uma troca, assim.⁵⁴

Apesar das dificuldades da época, também houve momentos de alegria e de conquistas. Neste sentido, Ingeburg narra o retorno do pai e a conquista de uma gaita.

E agora aconteceu uma coisa, não tínhamos nada para comer e naquela noite a vizinha tinha nos dado quatro ovos. A mãe cozinhou e nós sentamos à mesa, a cozinha [era] lá embaixo. Sentamos lá e olhamos: “Vamos comer ou não?” Sabe, isso era um tesouro. Então a minha mãe disse: “Ah, se o pai estivesse aqui ia dar um ovo para ele”. E nós rezávamos, agradecemos e ficamos ainda sentados lá: “Vamos ou não vamos comer?!” [risos] [...] De repente [alguém] bateu [na porta dos fundos]. Eu [...] achei estranho. Então minha mãe disse: “Ingelein, eu sinto que não é nada, não são russos, não vão nos atacar. Eu sinto, tu podes ir lá e abrir a porta”. E eu disse: “Mas eu não quero abrir a porta”. “Ingelein, tu vais abrir a porta, não tenha medo, eu sinto isto”. Aí eu fui lá na porta e tentei só saber quem é, não abri, e ouvi falarem russo, duas pessoas falavam em russo. Aí eu voltei e disse: “Mutti⁵⁵, são russos”. Ela disse: “Eu sinto que não querem nada de ruim. Abre!” Eu abri, olhei e era meu pai...(se emocionou). O pai fugiu da Rússia. Ele ficou na prisão, mas conseguiu fugir [...]. E foi aquele reencontro, eu não sei te explicar como.⁵⁶

O retorno do pai foi um acontecimento que marcou a história da família Burghardt. Em uma época em que a comunicação era escassa, Elfriede, Ingeburg e seu irmão passaram vários meses sem notícias, sendo que o retorno do pai ao lar foi uma festa que ficou marcada na lembrança da filha, que recorda com clareza os acontecimentos desse dia. Destaco aqui o caráter pessoal e único da história oral, a qual possibilita recuperar o passado através dos relatos e da memória, experiências,

⁵³ Aqui.

⁵⁴ Entrevista em 26/05/2012.

⁵⁵ Mãezinha.

⁵⁶ Entrevista em 26/05/2012.

muitas vezes, que se perderiam no tempo. Conforme Alberti (2004), a história oral carrega

[...] uma vivacidade, um tom especial, característico de documentos pessoais. É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu [...] as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes. (ALBERTI, 2004, p. 14)

É importante salientar ainda outro aspecto da narração, a espontaneidade do relato. No momento em que a pessoa fala sobre si, sobre suas experiências de forma mais livre, seu depoimento vem carregado de espontaneidade, com um caráter mais despreocupado, livre e, na maioria das vezes, com informações caras ao pesquisador. É também com essa vivacidade que Ingeburg narra a conquista de sua gaita, instrumento esse que a acompanhou em sua viagem de retorno ao Brasil, anos mais tarde.

Então chegou um homem um dia [risos], me lembro dele com chapéu, tinha essa gaita que estava ali nas costas, 32 baixos, não era bem grande, mas era uma Klingenthal, uma gaita boa. Ahhhh, eu vi aquilo, aí ele disse: “Eu quero que troque um quilo de manteiga, porque meus filhos passam fome”. Aí eu fui de casa em casa, ninguém tinha. Eu fui atrás dele, mas depois eu pensei: “Não vou atrás dele, eu vou fazer uma coisa”. Peguei uma colherinha de chá e fui de casa em casa [risos] e pedi que cada um me desse um pedacinho assim de manteiga [risos]. Que loucura né?! No fim, cada um deu um pouquinho e eu tinha um bolo grande assim de manteiga [risos]. E, onde é que estava o homem? Não achei. Aí eu chorei, chorei, chorei, mas aí eu pensei, eu sou sempre persistente, sempre, eu não largo tão fácil. Fui toda a vila para baixo, para cima, outro lado e na última casa, antes da estação que ia para Berlim, abri a porta e o homem saiu com a gaita. Eu disse [ansiosa]: “Hier, hier, aqui, aqui, a manteiga, aqui, aqui!!!” E ele chorando disse: “Kind, Kind, era para ti, tu precisas ter essa gaita e eu preciso da manteiga”. Nós trocamos e eu peguei a gaita. A minha mãe nem acreditava, voltei longe, longe, fui até em casa e tinha uma cerejeira com frutas, foi no verão até. Eu subi em cima, eu era um macaco, gostava de subir em árvores, e em cima peguei a gaita e comecei a tocar. Feliz da vida. Todos os amigos vieram, então atrás fizemos uma casa de galhos e tudo mais, era nosso encontro, eu tocava, eles cantavam [risos]. Sempre fizemos festa.⁵⁷

Não posso deixar de mencionar a importância dessa história na vida de Ingeburg, pois foi o momento em que ganhou seu primeiro instrumento musical, o qual tornou possível uma maior aproximação à música e aos estudos na área, mesmo que à época, em virtude da guerra, não conseguisse fazer aulas de

⁵⁷ Entrevista em 26/05/2012.

instrumento com um professor. O acontecimento despertou essa paixão e, posteriormente, não lhe faltaram oportunidades para desenvolver estudo em Música.

Ingeburg e a família agora tinham a companhia do pai, Edmund, vivenciando momentos de alívio e alegria, mas ao mesmo tempo, de apreensão e cuidado, visto que a família não estava mais segura em território alemão.

2.3. De volta ao Brasil: lugares de aprendizagem e modelos docentes

Foi em 1949 que Ingeburg e sua família retornaram definitivamente ao Brasil, pois Edmund fugira da Rússia e agora era procurado pelo exército russo em virtude do que sabia sobre a guerra.

O pai sabia muita coisa e eles [exército russo] [iriam nos] matar. [...] Nós fomos, sem nada, fugimos de trem, [...] deixamos tudo, tudo, tudo lá. [...] E disso foi feita uma poesia bem grande, um caderno, tu viste, a minha amiga escreveu [em alemão], sobre toda a minha história. Isso eu posso te dar.⁵⁸



Figura 18: Ingeburg, adulta, visitando sua casa de infância na Alemanha, a qual foi destruída após terem fugido do exército russo

⁵⁸ Entrevista em 26/05/2012.

Segundo Daccache,

Vários são os motivos que levam as pessoas a emigrar. Geralmente, a imigração ocorre por motivação pessoal, em busca de melhores condições de trabalho, por fuga de perseguições, dominações, discriminações. As pessoas também o fazem por questões políticas ou religiosas. (DACCACHE, 2007, p. 1-2)

Para proteger sua família, Edmund decidira voltar ao Brasil, fugindo sem aviso e deixando toda uma história na Alemanha. Ingeburg guarda até hoje a poesia escrita por sua amiga Eloni, natural daquele país, a qual narra histórias da família em Frankena. Eloni conviveu com Ingeburg durante a infância até seu retorno ao Brasil. Na poesia, Eloni conta que ela e outras amigas não entenderam a partida sem despedidas da família Burghardt. Somente anos mais tarde vieram a compreender a situação. Para Ingeburg, deixar a Alemanha foi o acontecimento mais difícil pelo qual precisou passar durante a juventude, pois assim como sua amiga, também não fazia ideia da complexidade da situação na qual sua família estava envolvida.



Figura 19: Ingeburg com amiga,
na Alemanha



Eu estava com 15 anos, assim como nessa foto. Essa tu podes levar. Isso foi feito na Alemanha antes de eu sair. Isto eu não ia aconselhar para ninguém. Essa é a pior fase de mudar de um país para o outro. Hoje eu perdooo meu pai, mas eu ainda não consigo aceitar por que ele fez isto comigo. Eu voltei para o Brasil com eles, [...] mas eu não queria, eu estava tão bem. Deixar isso tudo [para trás], foi horrível. Eu rezava dia e noite para que o navio não viesse, mas ele veio. Então a vinda para cá foi um choque tão grande, eu tenho fotos, posso te mostrar. O choque de cultura foi muito grande. Essa foi a pior coisa que fizeram comigo.⁵⁹

Figura 20: Última foto na Alemanha

Para Ingeburg, o processo de adaptação ao Brasil não foi fácil, visto já ter uma identidade germânica construída a partir das vivências naquele país, envolvendo tanto o contexto familiar quanto o contexto social mais amplo. Apesar de existirem vários estudos e buscas de conceituações para o termo “identidade”, Daccache traz a seguinte explicação.

De maneira “objetiva”, a identidade é formulada pela genealogia, pelo sexo, inserção social, familiar, cultural e através da condição humana de sua universalidade, é a identificação do “exterior”; correspondente à identidade social. A segunda noção de identidade é a subjetiva, e diz respeito a percepção que o sujeito tem de sua individualidade, ou seja, noções da consciência e definição de si; conjunto de sentimentos, representações, etc. normalmente chamada de identidade pessoal. (DACCACHE, 2007, p. 7)

A partir de uma identidade construída no contexto cultural germânico, Ingeburg sofreu com a adaptação ao Brasil, principalmente pelo fato de não falar português. “Eu não sabia nada de português, eu fui vista como uma estranha no

⁵⁹ Entrevista em 26/05/2012.

*ninho*⁶⁰. Segundo Rambo, “a realização prática do conceito de nacionalidade, não raro, vale-se da língua como elemento definidor mais importante” (RAMBO, 1994, p. 44). Ingeburg era uma adolescente que não pertencia à nação brasileira, o que gerou dificuldades para sua adaptação ao Brasil.

Apesar dessas lembranças, Ingeburg narra os momentos que vivenciou durante a viagem de navio para o Brasil.

A música eu levei comigo, junto. No navio [...] ficamos com brasileiros que tinham violão, eu tinha a gaita, e cantamos. A primeira canção em brasileiro que cantei foi: “Mamãe eu quero, mamãe eu quero...”⁶¹ [risos!!!]. [...] Depois nós cantamos todas as canções, eram quantas mil pessoas lá em cima, cantamos toda a noite. Foi a noite mais linda, a lua no meio do mar, e cantamos em várias vozes, sem medo. Isto foi o coral mais lindo que eu já vi no mundo. Eu recém ia fazer 15 anos. [...] Nós cantamos todas [as canções] em alemão, [...] imagina, eu senti uma emoção tão grande, foi tão bonito que eu nem sabia, eu achava que estava no céu.⁶²

Ingeburg e os demais imigrantes que integravam os passageiros do navio buscavam, através da música e do canto, uma aproximação à cultura na qual iriam se inserir e também a manutenção de laços com a pátria que deixavam para trás. Destaco novamente o papel da língua como elemento definidor de uma nacionalidade (RAMBO, 1994), no momento em que os passageiros do navio entoavam uma famosa marchinha carnavalesca⁶³, composta na primeira metade do século XX, “Mamãe eu quero”.

⁶⁰ Entrevista em 26/05/2012.

⁶¹ **Mamãe eu Quero** (Vicente Paiva - 1937)

Mamãe eu quero, mamãe eu quero

Mamãe eu quero mamar!

Dá a chupeta, ai, dá a chupeta

Dá a chupeta pro bebê não chorar!

Dorme filhinho do meu coração

Pega a mamadeira e vem entra no meu cordão

Eu tenho uma irmã que é fenomenal

Ela é da bossa e o marido é um boçal

Eu olho as pequenas, mas daquele jeito

E tenho muita pena não ser criança de peito

Eu tenho uma irmã que se chama Ana

De piscar o olho já ficou sem a pestana

⁶² Entrevista em 26/05/2012.

⁶³ Segundo Tsutsui e Souza, “o Carnaval [é visto] como fenômeno contribuinte para a formação da nacionalidade brasileira” (TSUTSUI; SOUZA, 2002, p. 1). Ainda segundo as autoras

A origem do Carnaval está na Europa, mas foi no Brasil que ele obteve uma adaptação e expansão inesperadas, jamais atingidas em sua região de origem. A partir da incorporação de elementos característicos da cultura popular brasileira, a manifestação sofreu modificações; transformou-se em símbolo da identidade nacional. (TSUTSUI; SOUZA, 2002, p. 2)



Figuras 22 e 23: Família Burghardt, na chegada ao Brasil, em 1949



Chegando ao Brasil, Ingeburg e a família instalaram-se na cidade de Santa Rosa/RS. *“Eu chorei dia e noite, queria voltar, fugir. Aqui não tinha nada, eles não tinham cultura, não sabiam canções, não sabiam nada. Eu pensava: Como é que os jovens podem viver assim, como é que pode, como é que pode?”*⁶⁴ Tudo era diferente do que conhecia na Alemanha. Além disso, Ingeburg sentia-se deslocada do contexto social da cidade em virtude de não entender o português, o que contribuiu para afirmar que os jovens não tinham cultura, pois compreendia as

⁶⁴ Entrevista em 26/05/2012.

manifestações culturais brasileiras e não conseguia comunicar-se com os demais. Mas foi na natureza e nos animais, que tanto gostava que Ingeburg buscou refúgio.



Figura 23: Ingeburg, no Brasil, com uma arara na mão, demonstrando sua paixão pelos animais

Quando eu cheguei no Brasil, foi horrível. Eu tinha outros trajes, quando íamos para o centro eles diziam para mim: “Ah, a alemoa”. Eu [não] me senti bem aqui, porque eu era uma alemã. [...] Não foi fácil. [...] Eu me senti muito ruim, me senti sempre deprimida: “Você não é nada, você é uma alemã, você não é daqui”. [...] Isto foi um conflito muito, muito, muito grande.⁶⁵

Segundo Seyferth,

A presença de grupos étnicos formados no curso do processo imigratório [no Brasil], concentrados de forma expressiva nos quatro estados mais ao sul do país, suscitou diversas manifestações de xenofobia no âmbito dos discursos nacionalistas mais radicais. (SEYFERTH, 1997, p. 95-96)

Convivendo com essa realidade, os pais de Ingeburg decidiram matricular a filha no Instituto Pré-Teológico (IPT), em São Leopoldo/RS, no ano de 1949.

⁶⁵ Entrevista em 26/05/2012.

Aí então fui [para o] IPT. Fui mandada para cá, no Pré-Teológico. E aqui no IPT foi difícil, porque esses que estudavam aqui não tinham essa vivência que eu tinha antes. Então só a turma que eu encontrei de novo, que veio no mesmo navio, aí nós [nos achamos]. Então eu estudei aqui e encontrei o Maschler⁶⁶. Meus pais ficaram lá em Santa Rosa e eu fiquei aqui no Internato, vim sozinha para cá, imagina. [...] [E aqui encontrei] mais gente do mesmo navio, amigos meus que voltavam [para o Brasil], nos encontramos aqui.⁶⁷



Figura 24: Instituto Pré-Teológico, no ano de 1930, em São Leopoldo

Foi no IPT que Ingeburg encontrou um novo caminho a seguir, sendo também a escola onde conheceu Max Maschler, o professor de música que viria a ser seu “segundo pai” no Brasil, ajudando-a em sua adaptação à nova cultura e também na construção de seu conhecimento.

O Instituto Pré-Teológico faz parte da história de São Leopoldo como uma conquista importante para os imigrantes alemães que aqui no Rio Grande do Sul iniciaram sua caminhada, no ano de 1824, sendo necessária uma retrospectiva para uma melhor compreensão do contexto. Portanto, destaco que, no intuito de conservar as tradições culturais trazidas da Alemanha, os colonos que vieram para o Brasil preocuparam-se com o ensino das crianças e jovens da cidade. Assim, após a

⁶⁶ Professor Max Maschler.

⁶⁷ Entrevista em 26/05/2012.

chegada ao país, começaram a criar as primeiras escolas de imigração alemã. A escola para o imigrante alemão “[...] tinha como objetivo a formação de bons cristãos, predominando o motivo religioso na educação formal” (GARBOSA, 2003, p. 16), pois era vista como tendo um papel singular para a vida em comunidade, responsável também pelo cultivo das tradições, dos bons costumes, da crença religiosa e pela construção do aprendizado. Assim, “os imigrantes criaram as *Gemeindeschule*⁶⁸, escolas comunitárias, decididos a manter a tradição cultural e religiosa de seus ancestrais, ajustando-as, contudo, às exigências locais” (GARBOSA, 2003, p. 16). Inicialmente, eram os próprios imigrantes que atuavam como professores em suas escolas, tendo como preocupação primeira o cultivo das tradições. Posteriormente, começaram a chegar ao Brasil professores vindos da Europa, fato que mostra o interesse do governo alemão na preservação das tradições de seu povo que aqui se instalava.

A partir de 1875, o número de escolas da imigração cresceu de maneira significativa na região Sul, sendo que nesse processo as Igrejas Católica e Luterana tiveram um papel importante, visto que as escolas eram, na sua maioria, ligadas às instituições religiosas. Assim, por vezes, os próprios padres e pastores ministravam as aulas às crianças. Com o aumento do número de alunos e de trabalho para os pastores/professores, houve a necessidade de pessoas que pudessem assumir esta tarefa, compreendendo o contexto social e cultural da imigração alemã. Viu-se, então, a necessidade de criação de uma escola que pudesse formar professores para atuar nas *Gemeindeschule* das diferentes regiões. Após esforços de toda a comunidade e de duas figuras importantes para a concretização desses projetos, os pastores Wilhelm Rotermund e Hermann Dohms, foram criados o *Deutsches Evangelisches Lehrerseminar* e o *Evangelisches Proseminar*, respectivamente Seminário Evangélico de Professores e Instituto Pré-Teológico. O Seminário para a formação de professores foi criado no ano de 1909 e o Instituto Pré-Teológico (IPT) em 1921, esse último na cidade de Cachoeira do Sul, sendo que no ano de 1927 foi transferido para São Leopoldo (DREHER, 2004), e em 1930 para o Morro do Espelho, bairro da cidade de São Leopoldo, cuja inauguração ocorreu em 3 de março de 1931, iniciando as aulas daquele ano nas novas dependências da escola

⁶⁸ “As *Gemeindeschule* foram as escolas comunitárias criadas e mantidas pelos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul” (GARBOSA, 2003, p. 15).

(WITT, 1996). Após a organização dessas instituições, o trabalho foi sendo sistematizado e pouco a pouco desenvolvido.

O Instituto Pré-Teológico carregava os seguintes objetivos, no ano de sua criação, em 1921,

Assumir a tarefa de oferecer aos seus alunos uma formação humanística, com especial atenção para o posterior estudo de Teologia, ou seja, oportunizar especialmente o aprendizado das línguas antigas [...]; Possibilitar formação para aquelas pessoas que já se encontravam em atividade nalguma comunidade do Sínodo [...]; Possibilitar aos pastores recém-chegados da Alemanha uma oportunidade de tomar contato com a realidade eclesial no Brasil, bem como de aprimorar seus conhecimentos da língua portuguesa, antes de assumir um campo de trabalho específico. (WITT, 1996, p. 20)

Ingeburg narra que estudou grego e latim no IPT. Nas aulas de alemão e inglês era liberada por já falar as duas línguas fluentemente. As disciplinas que faziam parte da organização curricular do IPT, a partir do ano de 1931, eram Religião, Alemão, Português, Latim, Grego, Inglês, História, Geografia, Matemática, Ciências, Desenho, Canto, Ginástica (rapazes) e Trabalhos Manuais (moças). Anteriormente, a escola seguia a escolha das disciplinas a partir do sistema alemão de ensino, de modo que precisou adaptar seu currículo ao sistema de ensino brasileiro a partir dos anos 1930 (WITT, 1996).

Nesta época, o Brasil começava a viver a chamada “campanha de nacionalização”, implementada pelo então presidente Getúlio Vargas, cujo movimento atingiu o auge nos anos de 1937 a 1945. O IPT estava inserido neste contexto político, precisando adaptar seu currículo de ensino às exigências do governo.

O primeiro ato de nacionalização atingiu o sistema de ensino em língua estrangeira: a nova legislação obrigou as chamadas “escolas estrangeiras” a modificar seus currículos e dispensar os professores “desnacionalizados”; as que não conseguiram (ou não quiseram) cumprir a lei foram fechadas. (SEYFERTH, 1997, p. 97)

Neste cenário, mais de cem escolas alemãs da região sul do Brasil, que faziam parte do sistema de ensino teuto-brasileiro, foram fechadas (SEYFERTH, 1997, p. 116), sendo que o IPT pôde continuar aberto no momento em que atendeu as solicitações do governo quanto ao ajuste das disciplinas e das normas da

instituição como um todo “[...] ao sistema de ensino oficial no país” (WITT, 1996, p. 33).

Juntamente com as disciplinas curriculares a serem seguidas, os alunos participavam de “algumas atividades extracurriculares, como o ensaio de canto coral [...], aulas de zoologia [...]” (WITT, 1996, p. 24-25). Além disso, participavam da orquestra, faziam aulas de instrumentos musicais, realizavam peças teatrais, entre outras atividades.

Neste contexto, em uma escola de origem germânica, Ingeburg pôde reencontrar um pouco das vivências que havia experimentado na Alemanha e



Figura 25:
Ingeburg sobre a
grama com as
amigas, no pátio
do IPT

aprender mais sobre uma nova cultura, que passou a ser, a partir desse momento, a cultura com a qual iria conviver e construir conhecimentos. Inicialmente, Ingeburg ficou morando no Internato Feminino do IPT, de modo que pôde conhecer outras moças que, como ela, também haviam vindo da Europa.

Fiquei morando no Internato feminino com mais gente que era de música, da Rússia, e nós também cantávamos de noite, fazíamos serenatas, a três, quatro vozes. Eu tocava violão muito. Foi uma época que tu podias [passear] na rua, tu podias tocar de noite, passar debaixo das janelinhas, cantar. Isso eles não conheciam aqui, só nós, alemães, fazíamos.⁶⁹

⁶⁹ Entrevista em 26/05/2012.

A partir desta narrativa, notei que poderia intervir com um “disparador da memória” (GUEDES-PINTO et al., 2008), que segundo as autoras, ocorre da seguinte forma,

A rememoração é disparada pelas situações atuais, pelos objetos e lembranças concretas que temos à disposição e que nos são ativados pelas relações com o outro. Podemos denominar de disparadores da memória ou muletas da memória os objetos que evocam de algum modo o passado e auxiliam os sujeitos no processo de rememoração. (GUEDES-PINTO et al., 2008, p. 43)

Nesta dissertação utilizo o termo “disparador(es) da memória” para designar a utilização de fotografias, materiais impressos, entrevistas, cartas, poesias trazidos tanto por mim quanto por Ingeburg para auxiliar no processo de rememoração.

Enquanto fazia a leitura e marcações desta primeira entrevista com Ingeburg, recordei-me de uma conversa que havia tido com meu pai alguns dias antes, na qual ele mostrou-me uma notícia publicada no jornal dos ex-alunos do IPT. Consegui ter acesso a esse jornal porque meu pai também estudou no IPT, alguns anos mais tarde, por volta de 1958. Atualmente, meu pai participa dos encontros de ex-alunos do IPT que acontecem algumas vezes ao ano, sendo que o ambiente dessa escola também faz parte de minhas vivências familiares e de aulas de música ocorridas durante minha juventude.

A notícia da qual meu pai fazia referência fora escrita por Elfriede Rakko Ehlert, sendo que a autora menciona Ingeburg Hasenack e mais duas amigas que estudaram durante o mesmo período no IPT e que juntas montaram o grupo chamado *Orgelpfeifen*⁷⁰. No momento em que mostrei a notícia para Ingeburg, notei o quanto a reportagem pôde funcionar como um disparador da memória, dando à Ingeburg uma maior liberdade, segurança e impulsionando uma série de lembranças daquele período. Para Ingeburg, as experiências proporcionadas pelo contato e amizade com essas jovens de origem germânica, que se encontravam em situação semelhante à sua, foram ricas. Através do texto, escrito pela amiga Elfe, como a chama até hoje, Ingeburg pôde recordar e narrar situações que viveram juntas.

⁷⁰ A escadinha dos tubos do órgão.



Figura 26: Ingeburg com a gaita e as colegas do IPT

[Nas] quintas-feiras à noite [nós] fazíamos trabalhos manuais, cantávamos, e depois fazíamos, à noite, serenatas no Morro do Espelho [...], no Internato Feminino, [quando] eu tinha 15 anos. A Elfriede Rakko Ehlert, minha melhor amiga. Nós montamos o grupo chamado Orgelpfeifen [risos]. Nós cantamos a quatro vozes, lindo. Ah, era musical! A Bettina está na Alemanha, a Elfriede Ehlert [vem] aqui muito, a gente se encontra sempre lá em Curitiba [também], a Dolores [...]. Eu dei esse nome por causa das nossas alturas. Eu era a mais alta [risos]. [...] A música nos pegou. Como nós cantávamos, eu com o violão e com a gaita. Nós cantávamos em russo, nós duas ainda. Ela escreveu, a minha amiga. Ah, a Bettina também veio nos ouvir, Elfriede, Dolores. A Dolores tocava piano. Ah, ela escreveu [coisas] de mim aqui? Ela é louca [risos]. [...] Aqui ela escreveu: "A Inge se tornou grande regente, competente, do Grupo Sonoridad. A Bettina canta até hoje num coral de alto nível em Idstein. A Dolores se tornou cantora da mais alta qualidade. Só eu não me dediquei tanto, não cheguei a tocar nem violão, nem flauta, mas cantar no coral da igreja, toda a vida". Ela cantava comigo a duas vozes. Nós éramos muito juntas, muito amigas. Ela veio da Rússia, sabia russo, eu também sabia russo, naquela vez. [A família dela fugiu] de lá que nem eu. A gente se encontrou aqui.⁷¹

⁷¹ Entrevista em 09/06/2012.



Figura 27: Apresentação no
Theatro São Pedro

Citando trechos da notícia que tinha em mãos, Ingeburg recordou momentos de cantoria que fizeram parte de sua adolescência como interna no IPT, em São Leopoldo. Seguindo a leitura da notícia, Ingeburg narra o que Elfe escreve sobre o professor Max Maschler.

Continua escrevendo: “Mas alguém de vocês se lembra? Acho que foi o máximo aquele concerto em Porto Alegre, no Theatro São Pedro...”. Essa foto eu tenho! Quem mais abre a boca lá sou eu, de todos [risos]. Nesta apresentação, no São Pedro, o Maschler pegou os melhores de quatro Colégios e nós fizemos muita coisa difícil, com flautas, tímpanos e tudo mais. Ela escreve: “Mäxchen⁷² foi o regente. Era incrível como este maestro alemão conseguiu se envolver totalmente em ritmos brasileiros. Só alguém dotado de extrema sensibilidade musical consegue isto”.⁷³

A foto representa o grande evento que foi a apresentação do coral de alunos das escolas evangélico-luteranas da região, juntamente com os músicos da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre e do *Collegium Musicum*⁷⁴ do Morro do Espelho, todos sob a regência do professor Max Maschler (DROSTE, 1996, p. 103). A atividade coral compreendia a essência do trabalho do professor Maschler, sendo

⁷² Maneira carinhosa de Betty Rotermund Maschler chamar seu esposo Max Maschler.

⁷³ Entrevista em 09/06/2012.

⁷⁴ Orquestra formada por alunos, professores e amigos do IPT (DROSTE, 1996, p. 104)

que muito se cantou no Morro do Espelho por conta de propostas musicais desenvolvidas pelo docente nas instituições de ensino. Segundo Droste,

O ponto alto foi atingido em 1952, quando o professor Maschler reuniu um coral de 130 alunos, moças e rapazes, do IPT, do Colégio Sinodal, da Fundação Evangélica e da Faculdade de Teologia, levando ao palco do Theatro São Pedro, de Porto Alegre, um seletto programa de compositores brasileiros e música folclórica brasileira. A crítica especializada de Porto Alegre enalteceu a apresentação, com destaque especial para o maestro Max Maschler. [...] Maschler reunia em si expressiva cultura musical, erudita e folclórica, enriquecida conscientemente com o que encontrou em terra brasileira. (DROSTE, 1996, p. 102-103)

Ingeburg conheceu Max Maschler no IPT e quando ele a ouviu cantar, disse que participaria do coral.

Nós tínhamos um coral como eu nunca mais vi aqui, nunca mais. Eram estudantes de Teologia. Ele [Maschler] escolheu os melhores e depois escolheu do IPT, do Sinodal e da Fundação Evangélica os melhores. Eu tenho uma foto, 200 vozes, e cantamos em português, no São Pedro. Eu tenho fotos disso também. [...] Para mim isso foi coisa boa, senão eu teria morrido.



Figura 28: Coral na apresentação no Theatro São Pedro

Ingeburg e Elfriede fizeram parte desse grupo, assim como da vida do professor Maschler e de sua família. Max Maschler oportunizou experiências formativas para Ingeburg e a influenciou na escolha de sua trajetória profissional.

Max Maschler foi professor de música no *Leherseminar* e no *Proseminar*, tendo especial importância para a educação musical no contexto do Colégio Sinodal (antigo Ginásio Teuto-Brasileiro) e de São Leopoldo. A partir de esforços do Pastor Hermann Dohms, que lutava pela “[...] criação de um sistema educacional [...] fortalecendo as escolas comunitárias” (DREHER, 2004, p. 145), foi criado o Ginásio Teuto-Brasileiro em São Leopoldo, no ano de 1936, instituição vinculada ao Seminário Evangélico de Professores e ao Instituto Pré-Teológico. Posteriormente, o Ginásio passou a chamar-se Colégio Sinodal. Ligado à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), a instituição desempenhou, e desempenha ainda hoje, um papel importante na preservação da cultura germânica no cenário da cidade de São Leopoldo. Inúmeros professores passaram pelo corpo docente da instituição, sendo que o professor Max Maschler foi uma figura de destaque na área de Música nas instituições ligadas à IECLB.



Figura 29: Professor Max Maschler

O alemão Max Maschler veio para o Brasil no ano de 1934 a fim de qualificar o corpo docente do Seminário Evangélico de Professores e, posteriormente, acabou fazendo parte do grupo de professores do Colégio Sinodal. Segundo Witt, “a partir de 1931, o Instituto Pré-Teológico pôde contar com a crescente cooperação de professores brasileiros e alemães titulados para as matérias de seus cursos” (WITT, 1996, p. 30). Fazendo parte deste intercâmbio Alemanha-Brasil, quando chegou à cidade, “[...] Maschler se incorporou ao Seminário Evangélico Alemão de Professores [...]” ficando “[...] responsável pelos conhecimentos de Canto, Violino, Harmônio, Religião e Ginástica [...]” (GARBOSA, 2003, p. 275-276). Ao longo dos anos que viveu no Brasil, Maschler organizou um livro de canções para uso nas escolas e lares, unindo a cultura germânica ao folclore brasileiro, o qual foi publicado em meados de 1938. Além de difundir amplamente a música vocal e instrumental na cidade de São Leopoldo, Maschler influenciou gerações como professor de música. No ano de 1941, o professor ingressou no corpo docente do Colégio Sinodal, chamado à época de Ginásio Sinodal.

Max Maschler impulsionou a vida musical do Morro do Espelho, tendo sido um dos pioneiros na promoção do canto-coral no Rio Grande do Sul, movimento em favor do canto, que colhe seus frutos até os dias de hoje, por intermédio do trabalho de ex-alunos, muitos dos quais atuantes nas escolas da Rede Sinodal e de uma tradição musical consolidada a partir do trabalho do professor. Da mesma forma, Maschler foi pioneiro na elaboração de arranjos vocais mistos, para coro a quatro vozes, a partir de melodias regionais do Rio Grande do Sul. (GARBOSA, 2003, p. 294-295)

Conforme a autora, Max Maschler aparece como figura central para o ensino de música na cidade de São Leopoldo, tendo influenciado muitos alunos, sendo que alguns dos quais seguiram também com a docência (GARBOSA, 2003). No ano de 1956, Maschler retornou para a Alemanha com sua família.

Ingeburg rememora com carinho das vivências junto a este professor e sua família, quando à época de sua chegada ao IPT.

Eu sempre fui uma pessoa alegre, sempre alegre. No Brasil, quando cheguei aqui, eu estava triste. Então, o que eu fazia? Ia no piano e tocava. Então [passava] a tristeza. Isto foi muito importante. Sem a música eu teria morrido. E o Maschler viu isso, os outros professores também. Então ele me tirou do Internato [e me levou para morar] na casa deles. Se não tivesse a

minha Beth Maschler⁷⁵, eu teria morrido. [...] Maschler buscou a Elfriede também lá do Internato. Aí nós duas moramos na casa dele.”⁷⁶

Chalita (2004) descreve o professor como “o professor referencial, o professor mestre, o professor companheiro, o professor amigo, o professor guia, o professor educador. Que missão magnífica é essa? [...] Poder contribuir na formação do caráter, da história dos cidadãos” (CHALITA, 2004, p. 258). Maschler teve todas essas faces de professor para Ingeburg, no momento em que contribuiu não só para sua formação escolar, mas para sua adaptação ao Brasil e construção de sua identidade docente. Enquanto morava no Internato, Ingeburg precisava seguir as regras da instituição, não participando de tantas atividades musicais quanto gostaria. Maschler notou essa perda para a jovem e a levou, juntamente com Elfe, para residir em sua casa, com seus filhos e esposa. Ingeburg, então, podia participar de concertos de renomados músicos que aconteciam em São Leopoldo, Hamburgo Velho e também em Porto Alegre. Esses músicos vinham ao Brasil através de contatos do professor Max Maschler.

Mediante bom relacionamento com o empresário que cuidava das agendas dos músicos, Max conseguiu levar muitas dessas celebridades até São Leopoldo e/ou Hamburgo Velho. No final dos anos 1940, aqueles que haviam emigrado para os Estados Unidos ainda não podiam se apresentar na Europa. Por isso vinham ao Rio, a São Paulo, Porto Alegre, Montevidéu e Buenos Aires. Cito alguns nomes: o contrabaixista Odnoposoff, acompanhado por sua esposa ao piano; David Oistrach sen.; a cantora Marian Anderson com sua exuberante voz; Yehudi Menuhin; o pianista Rubinstein e Claudio Arrau; Schering, com seu violino maravilhoso; o Quarteto Húngaro de Cordas, o Quarteto Lennert (também húngaro); a Família Trapp; mais tarde Wilhelm Kempff, o Quarteto Vegh, de Freiburg, e a Orquestra de Câmara de Stuttgart, dirigida por Münchinger. (MASCHLER, 2004, p. 131)

O fato de estar morando com a família Maschler e a possibilidade de participar ativamente de uma vida musical em São Leopoldo e cidades próximas aproximou Ingeburg das vivências musicais que havia experimentado na Alemanha, tendo a oportunidade de apreciar e conhecer artistas renomados da época. Ingeburg recorda a apresentação da Família Trapp. “[Então] veio a Família Trapp, da Áustria [risos...felicidade]. Aí, claro, todos que vieram de lá eu pude participar, tocar, cantar

⁷⁵ Elisabeth Maschler, esposa de Max Maschler.

⁷⁶ Entrevista em 26/05/2012, 27/05/2012 e 09/06/2012.

e dançar com eles.”⁷⁷ A “Família Trapp” surgiu no ano de 1935 como um grupo que cantava profissionalmente, fazendo turnês pelos Estados Unidos e, posteriormente, por vários cantos do mundo. Segundo Maschler,



Figura 30: Família Trapp

Ao lado [da Baronesa von Trapp] apresentavam-se seis filhos e filhas adultos e um garoto de doze anos. Todos trajavam roupa típica. Com uma pureza excepcional cantavam músicas sacras e folclóricas de vários países, em vozes diferentes. Como anjos, tocavam flautas doces de todos os tamanhos, acompanhados de uma espineta. (MASCHLER, 2004, p. 132)

Elisabeth Maschler menciona que a partir do contato com a Família Trapp, seu marido, Max Maschler, “[...] começou a escrever arranjos de músicas folclóricas infantis brasileiras, observando a mesma composição de vozes daquele grupo” (MASCHLER, 2004, p. 132). Ingeburg recorda a composição desses arranjos quando conta que

*O Maschler pesquisou as canções brasileiras, ele viajou toda a América do Sul. [...] O que ele viu, ele gravou, escreveu, trouxe para cá e fez arranjos. O ritmo [o] fascinou também aqui. Isto foi a coisa que [também] me fez bem. Não é aquele Deutschland, 1,2,3, é aquele ritmo brasileiro. Isto eu adorei!*⁷⁸

⁷⁷ Entrevista em 26/05/2012.

⁷⁸ Entrevista em 27/05/2012.

Maschler também mandou vir da Alemanha instrumentos musicais que pudessem ser utilizados na orquestra do Morro do Espelho, formada por pessoas vinculadas às instituições de ensino que lá se encontravam. Várias flautas chegaram, assim como um cravo (MASCHLER, 2004, p. 132). Ingeburg recorda de fazer parte de um conjunto de flautas e de tocar música brasileira com o grupo, ganhando do professor Maschler uma flauta, tendo em vista que a sua havia ficado na Alemanha.

Sobre as aprendizagens com o professor Maschler, Ingeburg conta que

Com o Maschler eu aprendi tudo, tudo. Felicidade na música, felicidade de tocar. [...] O Maschler era música, ele caminhava com a bolsa dele e já tinha música na cabeça. Ele pegava uma partitura, olhava e tocava tudo. Violino, piano, coro, ele tinha uma coisa com vozes, essa coisa assim eu acho que eu tenho dele, as vozes como de Deus, o sopro divino, é uma coisa rara. [...] Nós fizemos música sempre [na casa dele]. O que eu aprendi com ele, eu esqueci o tempo. Na música a gente se sentia bem. [...] E o amor pela música, o som, a regência dele, ele tinha nos dez dedinhos toda a orquestra. Cada instrumento sabia o que fazer, e a coerência, sinceridade. O método dele, fazia os musicais, tudo simples, que eu já trouxe de lá. Eu me encontrei com muita coisa aqui e isso foi a minha única salvação, por isso que eu fiquei aqui e não voltei, não fugi para a Alemanha, foi isto. E bem mais tarde, eu escutei que ele veio de Dresden, perto da minha região. Lá eles tinham essa formação musical. Ele conhecia todos os instrumentos, se era piano, violino, viola, flauta, ele transmitia isso numa simplicidade. O Maschler me deu de volta o que eu senti de saudade da Alemanha. E quando ele foi embora [emocionada], ele teve que voltar para a Alemanha, eu tenho os móveis dele, ele me deu todo o material de música e disse: “Inge, mach weiter”⁷⁹. Talvez eu não saiba expressar tudo hoje, a harmonia na aula dele. Eu acho que nunca alguém se atreveu a fazer uma arte ou coisa assim. Gespannt⁸⁰, como é que se diz, a gente queria pegar aquilo que ele falava ou tocava, ou que nós cantávamos. Éramos muito atentos. Acho que ele prendia a alma, talvez. Sentir felicidade, [liberdade], como é lindo.⁸¹

Ingeburg encontrou em Max Maschler uma referência, um modelo, para ser seguido, uma motivação para as aprendizagens que havia iniciado, na Alemanha, salientando que esse professor a influenciou em sua escolha profissional. Segundo Nóvoa,

Uma característica comum do ambiente sociocultural colhida nas narrativas dos professores é o aparecimento de um professor preferido que influenciou, de modo, significativo, a pessoa enquanto jovem aluno. Relatam, muitas vezes, que: ‘foi esta a pessoa que, pela primeira vez, me fez aderir ao ensino’; ‘estava sentado na sala de aula, quando, pela primeira

⁷⁹ “Inge, continua”.

⁸⁰ A gente ficava atento e interessado.

⁸¹ Entrevista em 26/05/2012 e 27/05/2012.

vez, decidi ser professor'. Em conclusão, tais pessoas fornecem um 'modelo funcional' e, para além disso, influenciaram provavelmente a visão subsequente da pedagogia desejável, e bem assim, possivelmente, a escolha do próprio curso. (NÓVOA, 1992, p. 72)

O professor Maschler faz parte da vida de Ingeburg como um modelo docente de atuação profissional. Conforme Nóvoa (1992), o aluno espelha-se nesse professor e começa a construir, a partir desse contato, sua forma única de ensinar e de lidar com os alunos, carregando ideias pedagógicas daquele professor que lhe foi marcante. Ingeburg enfatiza ainda a maneira com que Maschler lidava com os alunos, de forma atenciosa e criativa, mas conseguindo o respeito por parte dos mesmos. Catani et al., afirmam que

[...] professoras e professores atenciosos, compreensivos, humanos, mas nem por isso permissivos, com domínio de sua disciplina e com controle sobre a classe transmitiram segurança e confiança aos seus alunos, seja ao longo das séries iniciais, seja nas outras etapas de mudança do ciclo de vida escolar. (CATANI et al., 2000, p. 163-164)

Ingeburg menciona ainda o *Doutor Fausel*⁸², o qual foi seu professor de teatro durante o período que esteve no IPT, enfatizando que com esse docente viveu inúmeras peças, tanto oriundas de lendas brasileiras, quanto alemãs. Ingeburg menciona ainda que, anos mais tarde, também realizou algumas das peças teatrais que havia experimentado em sua escolarização, com seus alunos. Destaco a figura do professor Fausel, na trajetória de Ingeburg, também como um modelo docente (NÓVOA, 1992), visto que carregou para sua prática docente as experiências proporcionadas por esse professor.

2.4. O estudo de Economia Doméstica

Concluindo os estudos no IPT, Ingeburg foi para Estrela/RS, no ano de 1952, estudar no Colégio Martin Luther. Lá, fez um ano de curso de nível médio, com ênfase em Economia Doméstica e Enfermagem. Ingeburg, então com 18 anos, passou este ano morando na escola. Conta que queria casar, então optou por este curso.

⁸² Professor Erich Fausel.

A Economia Doméstica formalmente veio a existir em 1909 como resultado de mudanças sociais que tiveram lugar com o advento da revolução industrial. Era um campo de conhecimento referente às funções da família, buscando eficácia científica nas tarefas cotidianas da casa objetivando melhoria da qualidade de vida das famílias. A Economia Doméstica lida com conhecimentos científicos teóricos-práticos que se relacionam ao que se concebe como esfera reprodutiva, aquela esfera onde se dá a reprodução social dos seres humanos, por meio da socialização, cuidados com higiene, saúde, habitação, alimentação. (OLIVEIRA, 2006, p. 78)

Com o advento da revolução industrial, as famílias começaram a migrar para a cidade e a trabalhar nas fábricas (OLIVEIRA, 2006, p. 79). Como consequência, as taxas de divórcio aumentaram consideravelmente, e as famílias e lares começaram a se desestruturar. Estudos começaram a ser feitos acerca de soluções para a reversão dessa situação, sendo que uma das soluções foi a criação da “cadeira de Economia Doméstica”, voltada para meninas de 12 a 18 anos. Pesquisadores afirmam que “[...] a profissão poderia ajudar lares e famílias a desenvolver a ética e tornar o ser humano livre, eram participantes conscientes da melhoria da sociedade” (OLIVEIRA, 2006, p. 79). Segundo a autora, no Brasil

O grande salto para valorizar a Educação Doméstica deu-se a partir do que consagrara o Código de Educação, em 1933, que levou o curso a se estender às escolas profissionais secundárias femininas com o intuito da formação das “futuras donas-de-casa”. (OLIVEIRA, 2006, p. 80)

A função da mulher, vista pelo prisma do curso com ênfase em Economia Doméstica, aparece na fala de Ingeburg quando rememora o período que passou nesta escola. “*Lá eu aprendi como ser doméstica, o que cozinhar e tudo mais, tudo o que existe que uma mulher deve saber.*”⁸³ Na escola, Ingeburg também aprendeu sobre medicina, visto que a ênfase era em Enfermagem. Aprendeu também a dar injeções, cuidar de ferimentos, assim como utilizar medicamentos específicos para cada doença. É importante ressaltar que a influência da mãe, enfermeira, foi forte. O fato de Ingeburg ter convivido com a mãe cuidando dos soldados russos a influenciou na realização do curso com ênfase em Enfermagem. Nóvoa (1992) afirma que pessoas que fizeram parte de nossa infância e adolescência e marcaram de certa forma nossa escolha pela profissão e por cursos que realizamos, configuram *modelos funcionais* em nossa história de vida.

⁸³ Entrevista em 08/06/2012.

Por ser uma das alunas mais velhas da escola e por apresentar bom comportamento, Ingeburg também foi nomeada para cuidar do Internato.

No fim eu tive que cuidar do Internato. Eu sempre olhava os armários, se estavam bem [arrumados], até com fitinhas. E o meu armário era sempre o exemplo para todos, eu nem sei por que, antes eu não era ordeira [risos], tudo sempre estava bonitinho.⁸⁴

Do período neste Internato, Ingeburg carrega lembranças do convívio com os demais alunos e das interações musicais que realizavam.

O convívio era muito bom entre os alunos e eu também fazia arte com eles de noite, e música também. E de noite, ao anoitecer, era uma casa grande, tinha um jardim enorme, ao anoitecer a gente sentava no jardim lindo em Estrela e eu [pegava] meu violão e nós cantávamos. Isso foi uma hora bonita, alegre e todo mundo depois dormia feliz. Uns comentavam [no outro] dia e também [terminávamos] com uma oração. Então, a música nunca me deixou.⁸⁵

⁸⁴ Entrevista em 08/06/2012.

⁸⁵ Entrevista em 08/06/2012.



**3. E O QUE FAZÍAMOS? MÚSICA!
ENTRELAÇANDO A HISTÓRIA FAMILIAR
E A CONSTRUÇÃO DA TRAJETÓRIA DOCENTE**

3. E O QUE FAZÍAMOS? MÚSICA! ENTRELAÇANDO A HISTÓRIA FAMILIAR E A CONSTRUÇÃO DA TRAJETÓRIA DOCENTE

3.1. Os primeiros anos como professora: Jardim de Infância do Morro do Espelho

Terminado o primeiro ano de estudo no Colégio Martin Luther, Ingeburg já estava sendo solicitada para atuar como professora de latim e inglês no referido Colégio. Em contrapartida, Ingeburg não estava gostando da ideia, de modo que ficou adiando a decisão sobre sua permanência ou não na instituição, até a chegada de uma carta endereçada a ela, vinda de São Leopoldo.

De repente veio uma carta de São Leopoldo, da Frau Maschler, que dizia: "Inge, Inge, nós precisamos de ti. As crianças aqui te querem, você tem que voltar para cá e assumir o Jardim da Infância". Porque eu sempre gostei das crianças deles. Eu fiquei muito tempo com eles, morava na casa dos Maschler. Então quando eu escutei 'crianças', logo me atraiu, logo. [Aí] eu saí lá de Estrela [e voltei para São Leopoldo].⁸⁶

Assim, em 1953, Ingeburg retornou a São Leopoldo e assumiu o cargo de professora do Jardim de Infância comunitário do Morro do Espelho. Esse Jardim de Infância carregava esse nome, visto que foi resultado de um esforço conjunto de moradores do bairro que haviam construído a escola para seus filhos. Hans Hasenack⁸⁷, menciona que

A construção, a criação desse Jardim da Infância foi um mutirão das famílias da comunidade do Morro, e algumas da vizinhança do Morro, para colocar os filhos dessas famílias ligadas ao Colégio Sinodal, IPT, amigos da vizinhança. Então foi um Jardim da Infância comunitário.⁸⁸

⁸⁶ Entrevista em 08/06/2012.

⁸⁷ Participou dessa entrevista e apresentou com clareza suas memórias sobre esse e outros acontecimentos.

⁸⁸ Entrevista em 08/06/2012 (Fala de Hans Hasenack).

A construção do Jardim ocorreu no ano de 1953, sendo que Ingeburg assumiu como professora de 1953 a 1956.

Os pais dos alunos construíram uma casa bem bonita de madeira. Se chamava Puzzelmannshaus. Eu não sei traduzir. Isso é o nome de uma lenda. Isso foi tão bonito, todos os pais pregaram, serraram, pintaram, e foi lindo. Era a nossa casa, a casa das crianças e o Jardim da Infância do Morro do Espelho. E fiquei anos lá.⁸⁹

Assim, Ingeburg iniciou sua trajetória docente, tendo a primeira experiência profissional como professora e selando, dessa forma, o início de uma longa caminhada. Essa etapa de vida de Ingeburg assinala a entrada na realidade escolar depois de anos de estudos teóricos sobre o ambiente da escola e o ser professor. Além disso, se relaciona ao cotidiano da sala de aula, ao trabalho do professor de vincular o conhecimento pedagógico e teórico que aprendeu ao conhecimento prático do ambiente escolar (HUBERMAN, 1992). A partir desta experiência, Ingeburg passou a conhecer o encanto da profissão, pois teve sua primeira turma de crianças e pôde, com ela, aprender e experimentar as possibilidades da docência. Segundo Antunes,

O processo inicial e suas incertezas só é vencido em virtude da exaltação de colocar em prática o que foi estudado durante o curso de formação. É a relação teoria-prática que está sendo vivida diariamente; é a possibilidade de “tornar-se professor”, responsabilizar-se por “sua” turma de alunos e ensinar os conteúdos julgados necessários para o processo de crescimento das crianças. Esses fatores, aliados ao desejo de ensinar, auxiliam o professor a vencer os inúmeros obstáculos do início da carreira. (ANTUNES, 2011, p. 19)

Ingeburg conta que grande parte das crianças que participavam do Jardim de Infância eram filhos e filhas de docentes alemães que trabalhavam no Colégio Sinodal ou no IPT. Portanto, as aulas eram ministradas em língua alemã, sendo que a influência germânica também aparecia nos jogos e brincadeiras, histórias, lendas e demais atividades que realizavam. Essa primeira experiência docente possibilitou aproximações às suas vivências escolares como criança na Alemanha, tanto pela língua utilizada na escola, como também pela vivência cultural germânica que a maioria das crianças trazia do convívio do lar. Ingeburg narra dizendo que “*esta foi*

⁸⁹ Entrevista em 08/06/2012.

uma época muito, muito querida. Tu nem sabes como era bonito, daí veio o nome Tante Inge, Tia Inge⁹⁰, nome que a acompanha até hoje.



Figura 31: Crianças do Infância de Infância

Dentre as experiências marcantes junto às crianças, Ingeburg narra que

O Jardim da Infância foi uma época muito feliz. Nós cantávamos muito, muito. Fizemos muito teatro e eles inventaram muita coisa. [...] Nós fizemos muitos teatros: Hänsel und Gretel⁹¹, histórias, lendas. E a Schwester Johanna, da Casa Matriz, ela até me deu os pinheirinhos e enfeitamos tudo lá que nem um Märchenwald⁹², que nem um mato, assim, de lendas. Ela me deu os pinheiros pequenos e grandes, as flores e os caminhos as crianças mesmo fizeram, e cantamos. Então a casinha foi feita de madeira e eu fiz a massa de pão-de-mel, e nós colocamos toda a casa com telhas de pão-de-mel, e as mães vieram e colaram chocolate em cima e enfeitaram com açúcar. Foi uma coisa linda. Era grande a casa, bem grande. E as telhas, as crianças ajudaram, foi um jardim assim. [...] Eles inventaram o teatro e cantamos. Depois o coral cantou. Eles sabiam cantar bem, ah, eles cantaram muito bonito. Und wieder blüht die Linde⁹³ cantaram, isto aqui não era tão conhecido, só o Maschler sabia, que vem da mesma região da onde eu venho. Quando isso terminou, todo mundo ficou assim sentado, não

⁹⁰ Entrevista em 26/05/2012.

⁹¹ Joãozinho e Maria.

⁹² Bosque de conto de fadas.

⁹³ Novamente floresce a Tília.

podiam falar, e as crianças podiam comer o que quisessem. Daí foi feito um filme que foi mandado para a Alemanha, porque tinha filhos de pastores aqui, docentes de Teologia e tudo mais e acharam isto tão bonito e disseram que na Alemanha ninguém faz isto. Mas eu venho de lá, a ideia vem de lá. E isto foi lindo de ver, como eles lamberam, assim, o chocolate e comeram e foram dias e dias até que terminou tudo. Eles comeram, porque quanto mais tempo fica essa massa, mais gostoso fica. Eu tinha uma receita da Alemanha e assamos tudo lá no Colégio Sinodal. Em cima tem um forno enorme. Eles participaram de tudo.⁹⁴

A partir deste contexto, a professora carregou para sua prática cotidiana as experiências marcantes de sua trajetória escolar. No relato de uma apresentação para a qual foi construída uma casa de doces para as crianças, verifico que as práticas criativas faziam parte do cotidiano das crianças no Jardim de Infância, sendo que Tante Inge buscava o envolvimento de toda a comunidade na realização e participação nas apresentações. Durante a entrevista, Hans Hasenack recordou que *“essas festinhas de fim de ano eram muito concorridas. Era um evento para o qual vinha toda a vizinhança.”⁹⁵*

Ingeburg menciona que guarda consigo o que Max Maschler lhe falou sobre musicalidade. *“O Maschler me disse quantas vezes: ‘Inge, não existe uma criança que não é musical’. Isto eu botei na minha cabeça e eu era professora de infância. Assim comecei aqui no Morro, depois que eu parei de estudar.”⁹⁶* Foi com esse pensamento que a professora atuou durante sua trajetória profissional, buscando possibilitar vivências musicais a seus alunos, para que assim pudessem expressar sua musicalidade.

É importante ressaltar que nas práticas da Tante Inge, o conhecimento da natureza, dos animais e do mundo eram claros, cujas influências vinham do contexto alemão. Além disso, o conhecimento da professora sobre o desenvolvimento da criança também é evidente.

A partir dessa preocupação com o desenvolvimento dos alunos, a professora narra sobre o trabalho com as crianças cuja ênfase recaía no imaginário infantil.

⁹⁴ Entrevista em 08/06/2012.

⁹⁵ Entrevista em 08/06/2012 (Fala de Hans Hasenack).

⁹⁶ Entrevista em 26/05/2012.



Figura 32:
Crianças do
Jardim de Infância

Eu tinha o Jardim de Infância, nós aprontamos muitas histórias, lá eles [aprendiam] também o que é bom na natureza. Cada criança trouxe uma muda e nós fizemos um canteiro e então cada um teve o dever de cuidar da sua plantinha. [...] E cada dia de manhã eles olhavam [as plantinhas] e [uma vez] tinha uma aranha que tinha feito uma teia, então eles olharam [e perguntaram]: “O que é isso bonito aqui?” Eu disse: “Isso é Spinnensilberhaar⁹⁷”. Ela ganhou um nome e quando ela não estava eles ficavam tristes [risos]. Poderia escrever um monte sobre isto. E de repente as flores floriram! [...] Essas coisas. E tudo com música junto, a Spinnensilberhaar nós cantamos, inventamos [músicas] sabe.⁹⁸

A partir da curiosidade das crianças, Ingeburg explorava conteúdos e trabalhava com música em sua sala de aula.

O encantamento pelo mundo do adulto, a imitação de uma profissão, o sonho do que vai ser quando crescer faz parte das brincadeiras das crianças desde muito cedo. Na narrativa, a professora traz lembranças acerca desses episódios no Jardim de Infância e como essas práticas infantis podem influenciar na escolha profissional da criança no futuro.

⁹⁷ Cabelo prateado de aranhas.

⁹⁸ Entrevista em 27/05/2012.

Um dia foi o batizado de todas as bonecas [risos], fizemos um culto e uma era a pastora, a filha do Pastor Tappenbeck, e [foi bem] direitinho, cantamos hinos da igreja [risos] e ela era a pastora. De repente ela começou: “Im Namen des Vaters, des Sohnes und des Heiligen Geistes”⁹⁹. Os pais estavam longe, eles observavam de longe. E ela começou: “Ich will heute euch taufen. Aber ich weiß jetzt den Bibeltext nicht mehr...ich weiß nicht mehr”. “Dann hat sie wieder angefangen”¹⁰⁰. Ela sabia um pedaço de um versículo bíblico e falou, mas de repente ela disse: “Tante Inge, faz tu, eu não sei mais” [risos!!!]. Ela tinha cinco ou seis anos [risos]. Aí [as bonecas] foram todas batizadas [risos], estavam todas bonitinhas lá [risos]. Essa [menina] estudou Teologia, está na Alemanha. Tu vê, tem histórias.¹⁰¹

Ingeburg, portanto, foi a professora que acompanhou a educação infantil destas crianças no Morro do Espelho, sendo que as práticas musicais eram realizadas com frequência em suas aulas.



Figura 33: Tante Inge as crianças do Jardim de Infância

Ainda no contexto do Jardim de Infância, Ingeburg narra o surgimento da Noite das Lanternas, um acontecimento que perdura até hoje e faz parte da história do Colégio Sinodal de São Leopoldo.

⁹⁹ “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.

¹⁰⁰ “Eu quero hoje batizar vocês. Mas não lembro mais o texto bíblico...não lembro mais”. “E aí começava de novo”.

¹⁰¹ Entrevista em 27/05/2012.

Nós fizemos as lanterninhas, aí começou a noite das lanterninhas. Comecei com as crianças, andamos de noite com os pais pelo Morro do Espelho, cantamos, fizemos versinhos e coisas de Natal, porque foi o Dia de São Martin, dia 10 de novembro. Isto foi uma convivência com os pais muito linda. Eles ganharam uns docinhos para comer, e isto fiz toda a minha vida até que eu saí do Sinodal, e daí ficou no Sinodal a Noite das Lanternas.¹⁰²

Ingeburg mostra uma dessas lanternas que guarda até hoje em sua casa e conta que existem várias ainda no Colégio Sinodal. Nesse contexto, a lanterna configura-se como um objeto biográfico para a professora (BOSI, 1992). Segundo Bosi, os “objetos biográficos [...] envelhecem com seu possuidor e se incorporam à sua vida [...]. Cada um desses objetos representa uma experiência vivida, [sendo que] só o objeto biográfico permanece com o usuário e é insubstituível” (BOSI, 1994, p. 441).



Figura 34:
Ingeburg com
a lanterna que
guarda até
hoje

Surgindo a partir de uma atividade proposta para as crianças do Jardim de Infância, a Noite das Lanternas, posteriormente, ganhou força e passou a integrar as atividades natalinas do Colégio Sinodal e da cidade de São Leopoldo, sendo que notícias do acontecimento são divulgadas também em jornais da cidade. Segundo Ingeburg, o principal objetivo, quando propôs essa atividade para as crianças, era a

¹⁰² Entrevista em 08/06/2012.

integração da família à escola e a reflexão sobre a época natalina. No entanto, a experiência foi de tal forma significativa para as crianças, os pais e a comunidade, que passou a fazer parte do calendário escolar e dos festejos que antecedem o Natal.

Ingeburg traz ainda lembranças sobre outra atividade realizada com seus alunos, a contação de histórias.

Depois da merenda fechávamos a cortina, apagávamos a luz, botávamos velinhas no meio, todo mundo sentava e então eu contava histórias, eu inventava. E agora tem uma coisa bem interessante, a gente tinha que cuidar na história as palavras que a gente falava. No dia seguinte [eles queriam] a mesma história, [tinha] que ser [a mesma durante] uma semana, e às vezes eles me diziam: “Ontem você usou essa palavra”. Pela Psicologia e pelo que eu li depois e também estudei, eu vi, isso é importante para a criança nessa idade, usar as mesmas palavras e a história, a mesma.¹⁰³

Estudando o desenvolvimento infantil, Ingeburg valoriza em seus alunos o despertar da criatividade, oferecendo em suas aulas momentos para os alunos realizarem essa prática.

Depois as crianças podiam inventar histórias. [...] Eles inventaram muita coisa através do que viam, os animais, por exemplo, o que eles viam eles inventavam, eles não tinham medo, isso não existia. Tinha uma oração que eles rezaram, foi tão lindo: “Lieber Gott...schlafe ich ein, schicke mir ein Englein, dass es treulich bei mir wacht in der langen dunklen Nacht. Schütze alle die ich lieb. Behüte alle die ich lieb. Kommt der helle Morgenschein, laß mich wieder fröhlich sein”¹⁰⁴. Isso foi tão lindo, e isso eles aprenderam. Também mais orações, muitos textos, rimas, poesias pequenas. Tenho um livro inteiro sobre isso, eles aprenderam, decoraram tudo. Isto uns até hoje me dizem de cor ainda.¹⁰⁵

Em paralelo à sua trajetória docente, Ingeburg narra a experiência em outro emprego, o qual lhe trouxe novas aprendizagens.

Então, de manhã eu trabalhava no Jardim da Infância e a tarde trabalhava como secretária no Sinodal e depois na Faculdade de Teologia. Eu trabalhava como secretária porque eu sabia Grego. Então eles ficaram contentes, porque às vezes tinha textos em Grego para escrever. Foi até bom para mim ter as duas coisas.¹⁰⁶

¹⁰³ Entrevista em 08/06/2012.

¹⁰⁴ “Querido Deus...adormeço, manda-me um anjinho que seja meu guarda fiel durante a longa noite escura. Guarda todos que eu amo e quando volta a aurora, faça com que eu me alegre novamente”.

¹⁰⁵ Entrevista em 08/06/2012.

¹⁰⁶ Entrevista em 08/06/2012.

Assim, Ingeburg trabalhou durante os três anos iniciais como professora também exercendo atividades de secretaria junto a Instituição que a formou, contribuindo com conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação.

Foi no ano de 1956, que Ingeburg deixou o Jardim de Infância para iniciar uma nova etapa em sua trajetória de vida pessoal e profissional. O Jardim de Infância passou a fazer parte do Colégio Sinodal e a chamar-se de ensino Pré-escolar. Segundo Hans Hasenack, *“Isto também [aconteceu] para dar cobertura legal. Um Jardim da Infância como Pré-escola e que depois [teria] continuidade no Colégio. Por isso, também, depois, foi transferido fisicamente para o Colégio”*¹⁰⁷.

3.2. Uma paixão para toda a vida: casamento e mudanças como uma experiência marcante

Foi também no Instituto Pré-Teológico que Ingeburg conheceu Johannes Hasenack, chamado por ela de Hans, que viria a ser seu namorado e seu futuro esposo. Ingeburg conta que se conheceram em uma refeição no IPT, quando Ingeburg notou que havia um estudante novo à mesa. Hans era formado em Teologia e havia retornado de um primeiro contato como pastor de uma comunidade para seguir estudando. *“O Hans era muito quieto. Ele é muito inteligente, tem uma cabeça. Com 16 anos estava formado no IPT, imagina! Mas ele tem muito amor, é muito sensível.”*¹⁰⁸ Ingeburg narra que o primeiro “contato” com Hans foi, como era costume na época, através de uma carta.

*O Hans era muito comportado, e só o aluno exemplar [ficava encarregado de trazer a] correspondência. [Naquele] dia [foi] ele. E, tinha uma carta no meio também dele, só que essa carta foi endereçada a mim. E como eu morava no Maschler, [essa] carta [chegou na casa dele]. Eu [estava] na minha amiga e [voltei mais tarde]. De manhã, no café, eu achei esta carta. Aí eu disse para a minha colega, a Bettina: “Eu recebi uma carta da Susi, vamos ler na primeira aula de grego”. Grego era com o Pastor Weber. A gente pegava uma frase para traduzir, então eu a traduzi, estava pronto, a [minha amiga] também. Então nós duas fomos ver o que a Susi escrevera. Peguei a carta e comecei a ler. Aí eu li e disse: “Gente, não é da Susi!” Era dele! Hum, e agora! E assim começou.”*¹⁰⁹

¹⁰⁷ Entrevista em 08/06/2012 (Fala de Hans Hasenack).

¹⁰⁸ Entrevista em 26/05/2012.

¹⁰⁹ Entrevista em 26/05/2012.



Figura 35: Ingeburg e Hans Hasenack, na época do namoro

Assim Ingeburg e Hans iniciaram o namoro através das trocas de cartas e encontros, quando possível. Ingeburg lembra que *“Era difícil antigamente. Só cartinhas pra lá e pra cá escondidas, debaixo de um vaso [risos]”*¹¹⁰. Mas, por consequência dessas dificuldades, os raros encontros geravam expectativas que marcaram sua memória.

A gente não podia se encontrar, aí a gente combinou. Ele podia sair quando era estudante, eu não. Então tinha um filme, Notre Dame, a gente teve que ir muitas vezes para o centro ver tais filmes bons que vieram naquela época. Aí as minhas colegas disseram: “Nós vamos ao filme e tu te encontras com o Hans e nós vamos te contar o filme depois”, porque no dia seguinte era para escrever uma redação sobre o filme. Então, foi dia 8 de setembro, choveu, foi na Praça do Imigrante a primeira vez, ele com o guarda-chuva, a gente [se encontrou] a primeira vez assim. Foi tão gozado. Aí eu vi que ele ficou feliz e depois eu disse: “Agora eu tenho que ir de volta”. Então elas me contaram todo o filme no caminho [de volta]. No dia seguinte, dito e feito: redação [risos].

Ingeburg narra sobre seu primeiro encontro com Hans, destacando o fato de que, anos mais tarde, seu primeiro filho nasceu também no dia 8 de setembro, assinalando uma data muito especial. Ingeburg e Hans fizeram música juntos no IPT. *“Nós fizemos muita música. Ele também canta bem, tocava violino. Eu só queria casar com alguém que era musical, senão não. Ele sabia ler todas as partituras,*

¹¹⁰ Entrevista em 26/05/2012.

sabe escrever, tocar."¹¹¹ Ingeburg narra que o professor Max Maschler, inicialmente, não gostou muito de Hans, mas após conhecê-lo melhor, aceitou-o como integrante da família. Em contrapartida, Beth Maschler já dizia, desde o início, que *"com esse aqui, tu vais casar"*¹¹², referindo-se a Hans Hasenack. A partir desse momento, a história de Ingeburg passou a ser compartilhada com Hans e alguns anos mais tarde se oficializaria no altar da Igreja de Cristo¹¹³.

Foi, então, em abril de 1956, ainda durante a época em que trabalhava no Jardim de Infância do Morro do Espelho, que Ingeburg ficou noiva de Hans Hasenack, sendo que em 8 de dezembro do mesmo ano aconteceu o casamento. Fruto desse casamento nasceram os três filhos do casal, Claus Martin Hasenack, Carla Christel Hasenack e Andreas Christian Hasenack.



O nosso casamento foi tão bonito, foi aqui na Tiroleza, em São Leopoldo. Meu pai fez o casamento. Eu queria um casamento que nem na Alemanha, na nossa igreja. Eu disse que queria casar só numa igreja onde tem os mesmos sons dos sinos que tem em Frankena. Mas eu não sabia se ia casar um dia ou não. Então, no casamento eu fiz de mirta¹¹⁴, com as minhas amigas, duas coroaízinhas, que nem as alianças para colocar na mesa, com velas também especiais, brancas, e também com mirta ao redor. Os cartões para cada um eu desenhei [risos]. Eu gostava de pintar também. [Nesses cartões tinha] um versículo bonito [e o nome do convidado, então] cada um sabia onde sentar. Ah, eu trabalhei nisso, e no fim toda a família festejou aqui na Tiroleza. [...] Foi um casamento lindo, eu tenho uma foto disso, eu saí de noiva lá da casa do Maschler, daí veio o coral da Infância...[emocionada], eles cantaram tão bonito as canções que aprenderam uma vez comigo.¹¹⁵

Figura 36: Ingeburg saindo da casa dos Maschler, vestida de noiva

¹¹¹ Entrevista em 26/05/2012.

¹¹² Entrevista em 26/05/2012.

¹¹³ Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) de São Leopoldo, localizada no centro da cidade, foi inaugurada em 15 de novembro de 1911 e foi o ponto de partida para a atuação da comunidade na cidade e para o surgimento de demais comunidades em bairros da cidade.

¹¹⁴ Mirta, ou também murta-comum, é uma planta ornamental arbustiva do gênero *Myrtus*. Possui diversas aplicações, como ornamentação, medicina homeopática e indústria cosmética.

¹¹⁵ Entrevista em 26/05/2012.

Ingeburg, neste momento, faz referência a um dos elementos constitutivos da memória descritos por Pollak (1992), os *lugares de memória*, que, segundo o autor, são “lugares particularmente ligados a uma lembrança [...] que permaneceu muito forte na memória da pessoa” (POLLAK, 1992, p. 202). Para a professora, a igreja de sua infância em Frankena, na Alemanha, ficou fortemente guardada em sua memória, sendo que à época do casamento, procurou em São Leopoldo uma igreja que possuísse o som dos sinos igual ao que recordava de sua infância. Bosi complementa afirmando que costumamos guardar em nossa memória “[...] a paisagem sonora típica de uma época e de um lugar” (BOSI, 1994, p. 444), sejam sons da casa de infância, sons da natureza, o som do trem que se ouvia pela manhã, ou seja, os sons que fizeram parte de nossa história de vida. Ainda segundo a autora, não é só em termos visuais que definimos os acontecimentos, pois nossas lembranças estão povoadas de sons que nos marcaram (BOSI, 1994, p. 445).



Figura 37: Hans e Ingeburg cortando o bolo de casamento

Detalhes da organização do casamento também fazem parte de uma memória viva, sendo que a surpresa realizada pelas crianças, seus alunos do Jardim de Infância, aparece como um retorno positivo de sua prática docente, tanto para a comunidade quanto para ela como professora.

Após o casamento, Ingeburg e Hans passaram um curto tempo em Porto Alegre, de onde partiram para o Mato Grosso. A viagem e mudança para esse estado, na região centro-oeste do Brasil, foi o motivo principal pelo qual Ingeburg e Hans planejaram o casamento naquele momento, visto que o pastor não poderia viajar sem que Ingeburg fosse formalmente sua esposa perante o cartório e a igreja. Neste momento, cabe ressaltar o motivo dessa mudança para o Mato Grosso e o envolvimento da comunidade da IECLB, da qual o casal fazia parte.

Segundo Hans Hasenack,

No início de 1950, os imigrantes que se haviam radicado no noroeste do Paraná (Toledo, Rondon, Cidade Gaúcha,...) sofreram prejuízos com fortes geadas, que destruíram os cafezais. Raciocinaram assim: o Brasil é grande. Poderíamos avançar mais para o norte, onde não há inverno rigoroso¹¹⁶. (HASENACK, p. 3)

A partir daí iniciou um processo de colonização de novas terras que avançavam para o norte do Brasil, surgindo a região chamada de “Gleba Arinos”, localizada em Porto dos Gaúchos, então município de Diamantino, MT.

Criada a Colonizadora Noroeste Matogrossense Ltda. CONOMALI, 1954 – por sinal, a primeira colonizadora no Brasil que obteve registro oficial do INCRA, portanto o Registro N° 01 – a “Gleba Arinos” foi planejada, demarcada e subdividida em lotes rurais, já prevendo também vários núcleos urbanos, terrenos e chácaras no seu entorno. (HASENACK, p. 4)

As famílias que imigraram para essa região do Mato Grosso naquele período, muitas oriundas da região de Santa Rosa/RS, eram de origem teuto-russa e tinham amizade com o Pastor Edmund Burghardt, pai de Ingeburg, que exercia o pastorado nessa cidade do Rio Grande do Sul (HASENACK, p. 4). Segundo Hans, o pai de Ingeburg,

Foi convidado a visitar a Gleba Arinos e prestar assistência pastoral àquelas famílias “perdidas” no mato. Ele fez isso por duas vezes, e, em 20 janeiro de 1957, criou lá a Comunidade Evangélica da Paz. Logo, a comunidade insistiu para que fosse atendida regularmente. Burghardt era da Diretoria do Sínodo Riograndense, e eu era noivo de sua filha, Ingeburg, professora do Jardim de Infância no Morro do Espelho, São Leopoldo, e por isso mais conhecida como Tante Inge – *Tia Inge*, ou até Dona Tia Tante Inge. Eu já tinha prestado o primeiro exame teológico. Em contatos entre o pastor Burghardt, o Sínodo, a CONOMALI e conosco, chegou-se ao consenso de que nós poderíamos ser enviados à Gleba Arinos para uma dupla tarefa:

¹¹⁶ Artigo não publicado.

atender a pequena comunidade e a escola, e simultaneamente prestar serviços à CONOMALI na Gleba Arinos. (HASENACK, p. 4)

Dessa forma deu-se o envolvimento dos recém-casados, Hans e Ingeburg, com as atividades desenvolvidas na Gleba Arinos, em Porto dos Gaúchos/MT. Segundo Ingeburg, eles viajaram em março de 1957 para o Mato Grosso permanecendo na região até meados de 1959. A fala de Hans sobre a experiência vivenciada juntamente com os imigrantes e índios da região retrata a realidade pela qual passaram e as aprendizagens que vivenciaram.



Figuras 38 e 39:
Entrada da Gleba
Arinos, em Porto dos
Gaúchos

A dupla incumbência nos deu a oportunidade de ter contato com todas as famílias, sem distinção de qualquer espécie, pois a solidariedade era fundamental para a sobrevivência e o bem-estar comum. Bastante isolados no mato, com comunicação só pelo rio, uma vez por mês, sendo “a lancha” sempre aguardada com grande ansiedade, compartilhamos os sofrimentos

e as vitórias dos cerca de 500 habitantes (1958), além de seringueiros, garimpeiros e trabalhadores braçais flutuantes. (HASENACK, p. 5)

Inicialmente, Ingeburg e Hans moraram em uma casa improvisada, “num rancho de pau-a-pique, de chão batido e coberto com palmas, sem mobília, enquanto era construída a escola” (HASENACK, p. 5), local em que posteriormente passaram a residir. Logo que chegaram à Gleba Arinos, Ingeburg foi nomeada professora estadual pelo então governador Ponce de Arruda, passando a atuar na recém-fundada Escola Rural Mista de Instrução Primária (Marechal Cândido Rondon). Ingeburg recorda que não queria assumir o cargo de professora estadual, sendo que essa incumbência gerou, inicialmente, angústias e até mesmo sofrimento.



Figura 40: Apresentação de fantoches na escola

Três homens do governo me disseram: “Então, Dona Ingeburg, agora [a senhora] vai ser professora”. Eu disse: “Não, eu não quero”. “Não, a senhora já foi nomeada”. Mas eu não queria. [...] Então eu chorei 23 noites e 23 dias e eram com 23 alunos que eu comecei. A escola, tu viste aqui as fotos, era de madeira. E eu tive que de repente aprender para mim, naquele tempo eu não sabia muito [risos]. E chorei, chorei, chorei.”¹¹⁷

¹¹⁷ Entrevista em 27/05/2012.

Assim, Ingeburg mostrou-se resistente no que tange a assumir a docência nessa escola rural, atitude agravada pelo fator cultural e pelas vivências anteriores em outros contextos. No entanto, decidiu assumir a turma.

Mas aí um dia eu pensei: “Ah, vou fazer, vou pensar que é bom para eles, vou olhar [para] eles”, e comecei a organizar e de repente, aos poucos, foi uma harmonia, uma coisa tão bonita entre essas crianças e eu. E eles vieram sujos, tinham piolhos, vieram de pé descalço, tenho muitas fotos deles, e viram que eu sempre amava crianças, isto ajudou. No fim eu comecei a gostar, eu já esperava por eles, eles vinham sempre uma hora antes, se era para começar as sete eles já estavam as seis lá.”¹¹⁸

Assim, Ingeburg iniciou o trabalho junto às crianças, em um prédio pequeno e com um forte cheiro de madeira crua, pois a escola havia sido construída para a espera de Inge. Hans e Ingeburg passaram a residir nessa escola.



Figura 41: Ingeburg na casa onde moravam, em Mato Grosso

A professora iniciou as aulas com uma turma de 34 alunos, sendo que no ano de 1958 a turma já contava com 57 crianças, filhos de seringueiros, garimpeiros e trabalhadores locais. A época foi de dificuldades, tanto em virtude da escassez de recursos materiais básicos, como luz elétrica e remédios, quanto pela simplicidade

¹¹⁸ Entrevista em 27/05/2012.

da escola e materiais didáticos disponíveis para o ensino. Apesar disso, Ingeburg preocupou-se com cada um de seus alunos, tanto com questões educacionais, quanto com questões pessoais como higiene, socialização, cuidados com o corpo, entre outros aspectos.

Eles tinham cadernos para cada matéria e os cadernos, primeiro, eram um pouco sujos. No fim eu mostrei, “Deixa eu ver as mãos, vocês sabem, nós temos uma água boa aqui”. No fim, cada recreio de 20 minutos, eu dava banho em um, até os 57, [cortava] os cabelos, [tirava] os piolhos, e a roupa que estava em retalhos eu [mostrava] que [dava para] arrumar. A aula de sábado [era para] aprender isto, [trabalhos manuais e artesanato]. Uma mãe costurava tudo à mão, calças lindas, ela tinha 10 filhos e eles [vinham] limpinhos cada dia para a aula.¹¹⁹



Figura 42: Ingeburg com os alunos em frente à escola rural

A adaptação a um contexto fazia parte das memórias de formação de Ingeburg, quando de sua adaptação à cultura brasileira durante a adolescência. Assim, saliento a importância dos professores que fizeram parte da vida escolar de Ingeburg, os quais contribuíram para a constituição de sua identidade e, também, para suas escolhas profissionais. Assim como à época o professor Maschler soube

¹¹⁹ Entrevista em 27/05/2012.

respeitar as características únicas da adolescente “estrangeira” e, de alguma forma, fazê-la sentir-se menos distante de seu universo e integrá-la a uma comunidade escolar, essa mesma adolescente, anos mais tarde, carregou essa experiência como base para sua sala de aula, como alguém que respeita a diversidade cultural dos alunos, procurando conhecer e auxiliar na adaptação dos alunos ao contexto no qual estavam inseridos. Ingeburg também buscou aprofundar seus conhecimentos, estudando em casa as matérias que iria lecionar, principalmente o português, visto que ainda não possuía tanta prática no idioma. Segundo Chalita,

O professor só conseguirá fazer com que o aluno aprenda se ele próprio continuar a aprender. A aprendizagem do aluno é diretamente proporcional à capacidade de aprendizado dos professores. Essa mudança de paradigma faz com que o professor não seja o repassador de conhecimento, mas o orientador, aquele que trabalha para o desenvolvimento das habilidades de seus alunos. (CHALITA, 2004, p. 176-177)

Ingeburg, então, narra como tratava dos conhecimentos em sala de aula.

Então eu fui professora, gostei, vieram mais alunos, era primeira até a quinta série, era grande. Eu dava todas as matérias. [Na aula de] geografia [nós] desenhávamos os mapas e [depois] íamos no rio. Olhávamos o rio, como é que [ele se movimentava], eles tinham que ver tudo, não adianta, fomos ver tudo isto, os peixes, como é que eles nadavam, eles pescavam. Geografia foi difícil, mas eu tinha, depois, um mapa. Eu pedi do Estado. Matemática e Português [também foi difícil], [mas] aí eu fui treinando em casa também. [Na aula de] matemática eu deixei todos levantarem e fiz de cabeça, 3x7, +5, +10, +45, -3, assim, tudo rápido e sem escrever. Quem [acertava] podia sentar. Brincávamos assim. E [assim ia] adiante, até que eles conseguiram, e aí batiam palma! Eles queriam esses treinos, eles gostavam. No fim era tão bom, porque todos sabiam pensar rápido. Então, depois disso que [tinha sido] tão bem feito, íamos para o mato, [...] então víamos lá flores que não tem aqui. Aí festejávamos isto, fazíamos coroas, fazíamos teatro, cantávamos, dançávamos, esquecíamos tudo e depois a aula continuava, depois de duas horas.¹²⁰

Ingeburg procurava fazer com que seus alunos vivenciassem os conteúdos ensinados, contextualizando-os e relacionando-os ao ambiente no qual estavam inseridos. Foi assim que a professora ensinou a ler e escrever.

Eu já te falei como eu fiz né, um grande açude com as letras dentro. Eu pensei: “Como é que eles vão aprender a ler e escrever?” Aí fizemos com a boca sons de vogais, assim, eu inventava sempre. Então pensei: “Eu vou botar um grande açude”, aí desenhei no quadro bem grande e perguntei: “O

¹²⁰ Entrevista em 27/05/2012.

que vocês querem que eu bote aqui em redor? Plantas?” Ja¹²¹, faz. Então desenhei plantinhas, “e lá naquela borda grande? Peixes?” “É, peixes”.

Tinha pássaros do lado, tinha sapos, mas não dentro. Aí de repente eu disse: “Eu vou botar aqui algumas letrinhas, também dá para pescar”. Então começamos assim, no fim deixei eles escrever um pouco com giz. Isto era o máximo, daí nós pescamos, fizemos uma pescaria. Então eles pescaram uma letra e fizemos assim: “Esse aqui, o que era, era um redondo, é um O.

Vocês já viram um ovo? Vocês já viram isto? Ou uma bola assim. Então vamos desenhar a bola, vocês conseguem?” Assim, brincando. Depois foi alguém e pescou um I, eu disse: “Vamos deixar um pouco pro lado esse I porque tem um pontinho em cima, ainda acho que não está gordo que chega”, coisa assim sabe, a gente inventava. E assim pescamos e acho que em três meses eles sabiam ler. Eu não entendo, aqui vão um, dois anos e não sabem ler, me apavorei.¹²²

É possível perceber a necessidade e o esforço da professora em adaptar-se ao contexto dos alunos, salientando-se que vinha do sul do Brasil, onde a realidade e a cultura eram diferentes. Nesse sentido, a professora não deixou de trabalhar com seus alunos o conhecimento e a cultura trazidos por ela, através de vivências tanto da infância, quanto de sua formação como professora na adolescência.

Então eu tinha trazido muitos livros em alemão também com figuras, desenhos, era só olhar e dizer em português o que era, assim eles aprenderam. Nós plantamos orquídeas que achamos no mato, fizemos isto e muitas outras coisas. [...] Eles não sabiam o que era Páscoa, aí procuramos as nozes no mato, [mas] chocolate não tínhamos. Tinha o cacau, aí batemos com açúcar, a gente improvisou sabe. Então fizemos ninhos e eu escondi. Eles não conheciam isto. Aí eu vi: “Eu tenho que ficar aqui”. [Eles tinham] o caderno bem bonito, tinham livros muito bonitos, tudo desenhado, e a gente sentiu isto. [Trabalhei] tudo na realidade deles, então acho que foi isto, aprenderam muito rápido. E cantar, a cada manhã, a primeira coisa era cantar, todo mundo levantava e eu pegava o violão e nós [cantávamos]. Depois [nós tínhamos] um coral muito bonito, no mato.¹²³

Ingeburg montou um coral com os alunos da escola rural, o qual apresentava-se em um palco improvisado, construído entre as árvores e a mata nativa da região. O coral participava das festividades do vilarejo assim como das comemorações da escola.

¹²¹ Sim.

¹²² Entrevista em 27/05/2012.

¹²³ Entrevista em 27/05/2012.



Figura 43: Ingeburg com o coral de alunos apresentando-se em um palco feito no meio do mato



Figura 44: Coral dos alunos de Ingeburg no MT

Constato que Ingeburg reviveu no Mato Grosso a exaltação inicial da profissão, precisando refletir e adaptar o que havia aprendido em sua formação de modo a ensinar o necessário aos alunos, provenientes de contexto muito distinto das crianças do Jardim de Infância. O fato de não ter sido escolarizada no Brasil também contribuiu para que a experiência de Ingeburg no Mato Grosso também se constituísse como o início da profissão, visto que a relação teoria-prática tornou-se desafiadora. É importante mencionar que a formação de Ingeburg na Alemanha foi construída, basicamente, a partir da prática, através de experiências junto aos colegas e à natureza. Assim, não foi difícil para a professora buscar modos de ensino nos quais os conhecimentos fossem construídos nas vivências diárias.

Durante os dois anos em que passou no Mato do Grosso, Ingeburg e seu esposo também tiveram contato com povos indígenas que residiam nas proximidades da região, os canoeiros, kaiabis e o povo beijos-de-pau. Ingeburg narra que as crianças dessas origens não participavam das atividades escolares, mas trocavam experiências significativas, as quais são guardadas na memória.



Figura 45: Índias e suas crianças

Quando vieram os índios, eu nunca tinha visto um e eles nunca tinham visto um branco. [...] Aí, de repente, a gente se encontrou. Depois já tínhamos casa lá, eles foram lá e apontaram para uma colher. Aí eu pensei: “Alemão ou português?” E disse: “Colher”. Eles imitaram: “Colher, colher”. Todos os outros disseram colher para aprender. Depois prato, depois o que eu tinha lá eles perguntaram, eu dizia em português e eles ficaram felizes da vida.

*Então eles foram embora. No dia seguinte, ficaram na frente da nossa casa parados assim e cada um disse: “Prato, colher” [risos].*¹²⁴

Dessa forma, ocorreu a interação com os índios da região, procurando-se uma aproximação e uma troca cultural, possibilitando a comunicação entre ambos grupos. Ingeburg conta que o capitão da tribo trazia noz inteira e cana de açúcar descascada. Em troca, oferecia mel e outras especiarias que os índios não tinham acesso. A professora lembra que “eles não tinham roupa, [mas usavam] colares [longos].”¹²⁵ Acerca do povo indígena kaiabi, Hans Hasenack rememora uma celebração típica dessa tribo.



Figura 46: Índios

Mas houve um momento em que fiquei muito tocado. Para uma festa popular com apresentações da escola, foi montado um palco numa clareira da mata adjacente. Naqueles dias, um grupo de kaiabis estava na Gleba. Eles se juntaram ao povo no bosque e, com alguma insistência, se deixaram convencer a contribuírem com um canto típico deles. Enquanto os brancos se exibem cantando de peito aberto para a platéia externa, os seis a oito homens seminus se juntaram em círculo. Curvados humildemente para o centro, colocaram os braços sobre os ombros uns dos outros – e cantaram, evidentemente, para Alguém maior no meio deles. Assim, na catedral sob frondosas árvores, nos brindaram com uma espécie de momento litúrgico em que o céu tocou a terra – seguido por breve silêncio. (HASENACK, p. 2)

¹²⁴ Entrevista em 26/05/2012.

¹²⁵ Entrevista em 26/05/2012.

A partir do contato com as diferentes tribos, Ingeburg pôde integrar-se à cultura local, guardando em sua casa decorações feitas pelos índios, assim como cartas e desenhos, objetos esses que ficaram em sua memória como lembranças daquela época de sua vida. Segundo Bosi, “o que se poderá igualar à companhia das coisas que envelhecem conosco? Elas nos dão a pacífica impressão de continuidade” (BOSI, 1994, p. 441). Para Ingeburg e seu esposo, que viveram a experiência junto aos índios, tais objetos biográficos carregam um significado ímpar que evocam lembranças também daquele contexto.



Figura 47: Índios voltando da caçada

Mas foi em 1959 que Ingeburg, Hans e o pequeno Claus Martin precisaram retornar a São Leopoldo e deixar para trás o que haviam construído no Mato Grosso.

Nossa caminhada e nossos destinos tomaram outro rumo quando, em 1959, fui alertado de que deveria prestar o segundo exame teológico, em São Leopoldo/RS. Por isso, viajamos ao sul, só de malas: Johannes, Ingeburg e Claus Martin, de um ano e meio. Mas, com a demora da longa viagem, chegamos em abril, já tarde para os prazos do exame e da elaboração prévia de um trabalho teológico. Devido à enorme distância da Gleba Arinos, recomendaram-nos ficar no sul até outra data de exame, em dezembro de 1959. (HASENACK, p. 7)

Assim viajaram apenas com poucas malas, levando o que conseguiram. *“Eu abandonei tudo lá, até meus móveis, tudo o que nós fizemos, meus livros, colchões,*

*tudo o que eu tinha. Algumas coisas o Hans trouxe, mas... são só coisas...*¹²⁶ De volta a São Leopoldo, a família estabilizou-se na cidade. Hans Hasenack passou a trabalhar no Centro de Impressos/Editora Sinodal e Ingeburg continuou sua caminhada como docente, assumindo novamente as aulas do então Pré-escolar do Colégio Sinodal, antigo Jardim de Infância do Morro do Espelho.

3.3. Consolidação da carreira docente: Experiências no Colégio Sinodal

Voltando a São Leopoldo, no ano de 1959, Ingeburg dedicou-se à docência na educação infantil até meados de 1965, quando passou a atuar nos níveis fundamental e médio do Colégio Sinodal. Esse Colégio, fundado em 1936, como parte das escolas de imigração alemã do Rio Grande do Sul, simbolizou a consolidação da carreira docente de Ingeburg, visto que a professora atuou durante praticamente 40 anos na instituição.

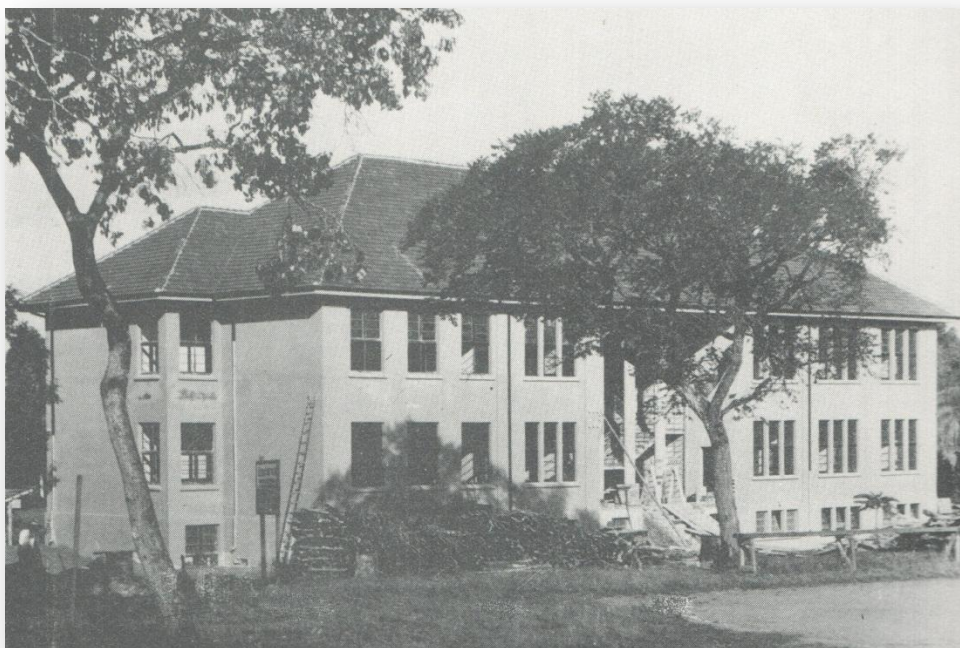


Figura 48: Colégio Sinodal sendo construído, em 1936

Ingeburg, portanto, trabalhou frente às turmas de pré-escolar do Colégio Sinodal com a educação musical e artística. A professora recorda com carinho alguns momentos junto aos alunos, visto que alguns até mesmo tinham estado com

¹²⁶ Entrevista em 27/05/2012.

ela no Jardim de Infância. “Esses [alunos] que saíram da primeira vez [do Jardim de Infância] vieram de novo [na turma do Pré-escolar], foi bom fazer esse trabalho, foi lindo, eu gostei, eles gostaram, eu esqueci que era adulta, eu era criança também.”¹²⁷

*Isto as crianças não tem mais hoje, não conhecem mais os animais, cascudos, o que tem de tão bonito na natureza, borboletas, flores. Eles tinham um canteiro, uma mãe trouxe [adubo de galinhas] lá de Montenegro. [...] Nós tínhamos dois canteiros, [...] nós adubamos, plantamos rosas e outras flores, e cresceu! E uma [aluna] até disse uma vez: “Agora eu aprendi a plantar”. Isto foi também interessante, porque depois disso eles assobiavam, cantavam. [...] As aulas foram divertidas, eles aprenderam as notas, aprenderam a tocar flauta, depois já a três vozes.*¹²⁸

Ingeburg procurava enfatizar o sentir em seu trabalho diário na escola. Não bastava simplesmente aprender nos livros. A professora levava seus alunos para o pátio, procuravam animais e plantas que estavam estudando e vivenciavam os conhecimentos a partir das experiências com o grupo. Enfim, os alunos aprendiam brincando, da mesma forma que Ingeburg aprendeu em sua infância.

*Era todo o processo de aprender. Aprender brincando e cantando.*¹²⁹

*Cantando, tocando e sempre com alegria, isso é importante. Nós ríamos muito e brincávamos muito. No fim [...] todo mundo tocava.*¹³⁰

*Eram canções antigas, desde a Idade Média. E ela foi aplicando o aprendizado que ela trouxe da infância dela de Frankena. Ela também aprendeu brincando.*¹³¹

*Eu tinha ótimos professores que vieram de Berlim. A minha filosofia talvez, não se chama filosofia, tudo que eu tinha na minha cabeça, no meu coração eu trouxe de lá, estava dentro de mim porque eu vivenciei isto. E fizemos muito teatro, noitada com pais e apresentamos, foi canto coral.*¹³²

*Acho que dá para dizer, essa filosofia de ensinar, de lidar com as crianças brincando, você aprendeu lá.*¹³³

Para Ingeburg, apesar de toda a formação para atuar como docente, o que carrega mais presente como filosofia para o ensinar são as vivências escolares que teve na Alemanha, a aprendizagem através da brincadeira, das canções de roda,

¹²⁷ Entrevista em 09/06/2012.

¹²⁸ Entrevista em 08/06/2012.

¹²⁹ Hans Hasenack.

¹³⁰ Ingeburg Hasenack.

¹³¹ Hans Hasenack.

¹³² Ingeburg Hasenack.

¹³³ Hans Hasenack. Entrevista em 09/06/2012.

com movimento, das festas para as crianças. Atrelado a isso, estão as memórias dos professores que contribuíram para sua aprendizagem e construção profissional. Segundo Catani et al.,

Muitos dos aspectos envolvidos nas imagens e representações sobre o professor estão enraizados nas experiências infantis e na cultura do ensino, forjadas, especialmente, no contato e na convivência dos indivíduos com a própria escola. Diferentemente do que se poderia supor, tais experiências não desaparecem da história do sujeito. Embora pouco visíveis, pode-se dizer que, de algum modo, permanecem vivas e atuantes ao longo da formação, dando suporte às relações que paulatinamente o aluno, mais tarde, professor, acaba por estabelecer com a escola e com o conhecimento ao longo da vida. Supõe-se por isso que tais experiências são, em grande parte, articuladas à escolha profissional e, na qualidade de elementos que permanecem subjacentes no processo de formação intelectual, atuam como modeladores das práticas pedagógicas que são levadas a efeito pelos professores. Desse modo, as experiências que têm lugar no início da escolarização, ao alicerçarem os desenvolvimentos ulteriores no indivíduo, cumprem um papel crucial na formação docente [...]. (CATANI et al., 2000, 165)

A partir dessa perspectiva, a professora destaca que o trabalho com o ensino de música foi construído a partir da Pedagogia Musical Orff, a qual foi elaborada pelo músico, compositor e educador alemão Carl Orff, nascido em 10 de julho de 1895, em Munique/Alemanha. A proposta de ensino de música de Orff surgiu na Europa em meados do século XX, sendo elaborada a partir dos cinco volumes do *Orff-Schulwerk*¹³⁴ criadas pelo compositor (BONA, 2011, p. 127). Segundo Bona,

Fundamentada no princípio filosófico da ontogenia, ciência que estuda o processo de maturação e desenvolvimento do indivíduo em todas as etapas do crescimento, a proposta pedagógica de Orff visa o ensino musical a partir da prática – “fazer música”. (BONA, 2011, p. 128)

As ideias de educação musical elaborados por Carl Orff envolviam a comunicação entre música, movimento e linguagem.

A par de criações para teatro, fantoches e dança, o legado principal de Carl Orff (1895-1982, Munique/Alemanha) consiste no Schulwerk, sua pedagogia musical para escolas. Este sistema de praticar e ensinar música se baseia sobretudo em instrumentos de percussão, combinados com criatividade e improviso, incluindo as mãos, os pés e as próprias vozes e palavras. Para produzir sons, imitar vozes de animais ou reproduzir o som das gotas de chuva, as crianças logo sabem usar outros materiais como copos, pedaços de cano, madeira e bambu. A partir dos sons elementares, como expressão viva, natural e autêntica, a música se torna acessível a todos, sendo o

¹³⁴ Obra escolar.

processo, o ensaio e a participação prática mais importante que os resultados. O improviso e a alegria de produzir sons e ritmos despertam outros talentos, harmonizam sentimentos e potencialidades. Sem pressão e cobranças, deixando fluir a emoção criativa, os resultados escolares se tornam melhores, e não só na música. A música rítmica, combinada com palavras, se torna aprendizagem da fala e influi na cadência do falar, do apreciar de poesias e do imaginário.¹³⁵

Foi a partir desse trabalho e das atividades musicais desenvolvidas com as turmas do Pré-escolar que Ingeburg fundou, no ano de 1963, o grupo instrumental “Rodinha Alegre”, oriundo das atividades musicais realizadas com as crianças em sala de aula.

Fator importante nessa pedagogia musical é a execução em grupo, que favorece a interação e a harmonia. Mesmo que os ensaios e improvisos a princípio possam causar barulho infernal, logo no grupo saberão escutar um ao outro, inserindo-se cada qual numa crescente harmonia. Ninguém é grande solista virtuoso. O que importa é o conjunto – aspecto muito importante para a sociedade fragmentada de hoje: valorizar as dimensões sociais, éticas e estéticas, do sentir prazer, alegria e esperança.¹³⁶

Eram alunos que vinham à casa da família Hasenack, no turno inverso ao Pré-escolar, e lá brincavam, faziam atividades musicais, ensaiavam teatro com fantoches, entre outras brincadeiras.



Figura 49: Grupo “Rodinha Alegre” fazendo teatro

¹³⁵ Texto retirado do site do Conjunto Instrumental Sonoridad
<http://sonoridad.50webs.com/instrumental%20orff.htm> <Acesso em 29 de junho de 2011>

¹³⁶ Texto retirado do site do Conjunto Instrumental Sonoridad
<http://sonoridad.50webs.com/instrumental%20orff.htm> <Acesso em 29 de junho de 2011>

Eu tinha uma “Rodinha Alegre”. Quando as crianças saíam do Jardim da Infância eles ficavam agarrados na gente e eu neles. Então eu disse: “Vamos fazer uma coisa, a “Rodinha Alegre”, Fröhliches Kränzchen”. E nossa casa tinha em cima um enorme salão. Então fazíamos lá teatro, aprendíamos versos, fazíamos poesias, danças. [Nos encontrávamos] uma vez por semana e no fim fomos apresentando as coisas. Fizemos um circo e pedimos entrada, ganhamos um pouco de dinheiro e depois alguém foi comprar sorvete [risos]. Isso eles me contam ainda.”¹³⁷

Explorando essas possibilidades musicais, os encontros da “Rodinha Alegre” aconteciam até mais de uma vez por semana.



Figura 50:
Crianças da
“Rodinha Alegre”
lançando

Eles ficavam na nossa casa quase todas as tardes, o pátio cheio de crianças brincando, trepando nas árvores, e as brincadeiras continuavam.”¹³⁸

Fizemos fantoches, fizemos teatro. E o Hans fez uma casinha bem bonita, até com parque [risos], eles podiam dormir até, foi bonito, eles tiveram uma infância muito linda.”¹³⁹

E daí vocês já começaram a improvisar certos instrumentos, flautas de taquara e instrumentos de percussão, vidro e pedacinhos de taquara com diversos sons, começou ali essas improvisações.”¹⁴⁰

Porque nós não tínhamos instrumentos, então fazíamos os nossos, e era tão alegre. Eles já tinham oito ou nove anos, eles já tinham ideias e trouxeram de casa a musicalidade e isto foi lindo. Cantar, tocar e brincar as rodinhas em alemão. [...] Sempre cantar, cantamos muito, eu com o violão ou com flautas, eram canções alemãs.”¹⁴¹

¹³⁷ Entrevista em 08/06/2012.

¹³⁸ Hans Hasenack.

¹³⁹ Ingeburg Hasenack.

¹⁴⁰ Hans Hasenack.

¹⁴¹ Ingeburg Hasenack. Entrevista em 09/06/2012.

Foi a partir dessas improvisações musicais e dos instrumentos feitos artesanalmente, que o grupo instrumental “Rodinha Alegre” cresceu. Com o passar dos anos, o grupo veio a se tornar o Conjunto Instrumental e Artístico do Colégio Sinodal e, posteriormente, Grupo *Sonoridad*.

Foi, portanto, no ano de 1965, que Ingeburg foi convidada a assumir as aulas de música, educação artística e posteriormente ensino religioso para as turmas de ensino fundamental e médio do Colégio Sinodal, consolidando sua caminhada profissional nessa instituição de ensino. Muitas são as memórias que a professora guarda desses 36 anos em que esteve atuando com estas disciplinas no Colégio Sinodal.

3.3.1 Memórias de aulas e experiências com alunos

Ingeburg, ao longo de sua trajetória docente, trabalhou com crianças e adolescentes defendendo que a “criança que não brinca é um adulto frustrado, sempre [valorize] a prática de brincar e de aprender brincando” (HASENACK, 2001, p. 102). A partir desta concepção de ensino, Ingeburg elaborava suas aulas de música e ensino religioso na perspectiva da proposta pedagógica de Orff, as quais foram recheadas de brincadeiras envolvendo movimento, dança, música e teatro, não fugindo das práticas experienciadas durante sua trajetória escolar de infância.

A professora recorda que, no início, a escola não possuía muitos instrumentos musicais. Assim, eram confeccionados alguns instrumentos em integração às aulas de artes e de música, os quais eram utilizados em atividades voltadas à improvisação e ao fazer musical.

Então eu comecei a dar as primeiras aulas, eu achei um metalofone antigo lá, achei mais outros instrumentos e começamos a procurar triângulos. Pegamos ferro [risos], fizemos triângulos e fizemos reco-recos de bambu, pois na nossa casa tinha bastante bambu, bambus bem grossos.¹⁴²

O metalofone, juntamente com os demais instrumentos citados pela professora, integra o chamado Instrumental Orff¹⁴³. Segundo Bona,

¹⁴² Entrevista em 08/06/2012.

¹⁴³ O Instrumental Orff ou *Orff-Instrumentarium* compõe-se de uma série de instrumentos classificados de acordo com a sua construção e técnica de execução, direcionados à prática de

As características da herança cultural de Orff, expressas na linguagem, na música e na dança, ao serem transportadas para a realidade brasileira, podem e devem incluir as melodias, as canções, os padrões rítmicos e instrumentos de percussão brasileiros ao material do compositor. (BONA, 2011, p. 130)

Assim, Ingeburg e seus alunos construíram instrumentos de percussão com bambus, contextualizando as atividades e materiais utilizados com a realidade dos alunos e da escola. Foi assim que transcorreu o primeiro ano de atividades no colégio, o qual resultou em uma apresentação na televisão.

Começamos assim. De repente eu tinha um pequeno Conjunto, todos tocaram uma coisa, tinha flautas, comecei bem devagarinho e foi tão bonito, eu gostei, eles também e de repente fomos chamados para a televisão [risos].¹⁴⁴ Já no primeiro ano fomos tocar na TV. E nós tocamos, com aquele xilofone que o professor Sporket fez com os alunos. Ele era professor de física e era também músico, ele sabia tocar bem violino, gostava de música e fez um xilofone de madeira com alunos por causa do som. Eles tiveram que medir o som em física e assim por diante, e ele me deu esse [instrumento]. E ele estava afinado porque ele tocava violino e ele sabia bem o que tinha que soar e o que não. Então nós tínhamos poucos instrumentos, algumas flautas, percussão, canto, até cantamos algumas coisas em alemão. E foi um sucesso (risos), hoje eu tenho que rir do que eu fiz, e eles gostavam.¹⁴⁵ E tinha uma TV só no Morro do Espelho, eles emprestaram, botaram no auditório do Sinodal e todo mundo veio lá para assistir a gente [risos]. Fomos lá [em Porto Alegre] e tocamos, cantamos em alemão e português, e foi comentado. Imagina que loucura, isto foi no início.¹⁴⁶

A partir de então, as experiências musicais foram sistematizando-se e a professora sentiu-se cada vez mais à vontade para modificar sua forma de ensinar, modos de avaliação, além de criar e adaptar atividades vivenciadas na Alemanha para serem realizadas em sua sala de aula. Destaco a importância dada por Ingeburg à integração da música aos demais conhecimentos escolares. Segundo Pombo, trabalhar com a interdisciplinaridade é “articular, pô-las inter, em inter-relação, estabelecer entre elas uma acção recíproca” (POMBO, 2005, p. 5). Para a professora, o trabalho realizado em conjunto com o professor de física, que resultou

música e dança elementar. Convém lembrar que Orff não foi o inventor de nenhum desses instrumentos, mas reconheceu o significado e a utilização deles na educação musical e no movimento. O conjunto é formado por flautas, instrumentos percussivos de afinação definida (plaquetas, tímpanos) e de percussão de altura indeterminada, cordas friccionadas e dedilhadas. (BONA, 2011, p. 145)

¹⁴⁴ Entrevista em 08/06/2012.

¹⁴⁵ Entrevista em 08/06/2012.

¹⁴⁶ Entrevista em 27/05/2012.

no estudo e construção de um xilofone¹⁴⁷, consistiu em um verdadeiro trabalho integrado. Nesse sentido, o professor trabalhou em suas aulas o estudo do som, projeção, princípios de acústica musical e afinação com os alunos, sendo que os mesmos puderam experimentar os conceitos aprendidos na prática através da construção desse instrumento musical.

Ingeburg também recorda as atividades que o professor Maschler realizava, muitas delas baseadas em musicais¹⁴⁸ oriundos da cultura germânica, envolvendo a integração tanto de conteúdos musicais, quanto das demais artes. Uma dessas atividades foi o musical “João Felpudo¹⁴⁹”. *“Nós aprendemos o “João Felpudo”, fizemos com xilofones. [...] A esposa dele traduziu [a peça] para o português. Quando ele voltou para a Alemanha, ele deu tudo para mim, tenho tudo aqui.”*¹⁵⁰ Ingeburg narra que o professor Maschler lhe deu essa peça traduzida com a incumbência de que a utilizasse com seus alunos, quando oportuno (HASENACK, 2001, p. 106).



Figura 51: Encenação do musical “João Felpudo”

¹⁴⁷ Instrumento musical pertencente à família da percussão, possuindo alturas definidas. O instrumento consiste em uma caixa acústica sobreposta por teclas de madeira afinadas através de uma raspagem na parte inferior das mesmas. Toca-se com o auxílio de baquetas.

¹⁴⁸ Peças teatrais que unem música, canções, dança e cenário.

¹⁴⁹ Der Struwwelpeter

¹⁵⁰ Entrevista em 26/05/2012.



Figura 52: Cena do musical “João Felpudo”

Na primeira apresentação, [...], o papel de São Nicolau foi representado por uma pessoa estranha, que, só no palco, foi reconhecido como sendo o diretor Arnildo Hoppen. A surpresa foi enorme entre os figurantes e o público que nos aplaudiu. Assim, a apresentação se tornou um sucesso. O xilofone que usamos para esta peça está hoje no museu do Colégio. (HASENACK, 2001, p. 106)

O trabalho com musicais foi freqüente durante a trajetória docente de Ingeburg, tanto por ter sido uma prática presente em sua escolarização, quanto pela possibilidade de integração das diversas formas de se fazer arte em um mesmo trabalho. Ingeburg conta que à época não havia tantos recursos financeiros, mas os professores uniam-se e participavam dos trabalhos, sendo que com o material disponível criavam o que era necessário para as peças.



Figuras 53 e 54: Peças teatrais e musicais de alunos de Ingeburg no Sinodal



No que tange ao planejamento, Ingeburg utilizava um caderno para cada turma, no qual fazia anotações acerca das aulas e, posteriormente, ao que fora trabalhado. Registrava as atividades realizadas, o que funcionara e o que poderia melhorar, ou seja, fazia o registro do trabalho e a avaliação.

E eu só posso dizer que toda a minha vida eu aprendi com as crianças. Durante a aula que eu dava, eu queria uma coisa, não dava certo, eu tinha um caderno grande, duplo, bem grande e preparava as aulas que eu achava que funcionariam. Quando eu via que era demais, deixava para outra, mas escrevia embaixo como é que foi, um diário. Esse caderno ficou na mesa. Na Alemanha, no Gymnasium¹⁵¹, era um Klassenbuch¹⁵², a gente não podia nem olhar lá dentro, ganhava Tadel¹⁵³. [...] Escrever no Klassenbuch era um horror. E aqui eu deixei, não vou fazer isso, era aberto! Aí eles leram: “Ai Tante Inge, que bonito, posso também escrever uma coisa?” “Pode”. Por isso eu tinha tanta coisa escrita nesses cadernos, acho que estão lá embaixo. De ano por ano, tenho tudo deles. Eu também sempre estava com medo de falar uma coisa errada, então fiz o seguinte, eu me sentei no meio da sala de aula e disse: “Hoje quem quer ser a Tante Inge?” Então eles escolheram e deram aula. Isso foi muito bom, aí eu podia ver meus erros.¹⁵⁴

É importante ressaltar a participação dos alunos no processo de avaliação das atividades realizadas em sala de aula e na dinâmica com que a professora fazia isso acontecer. Ingeburg menciona alguns desses cadernos nos quais seus alunos escreviam o que haviam achado da aula, elogios para a professora e também críticas, o que Ingeburg destaca como importante. A partir destas anotações e de seus apontamentos de aula, Ingeburg realizava reflexões sobre sua prática docente, através da qual fazia sua autocrítica, “enxergando” a sua atuação quando seus alunos a imitavam.

A participação dos pais e da família nas atividades musicais realizadas com alunos na escola era incentivada pela professora. Para isso, realizava reuniões e apresentações nas quais os pais eram convidados e também solicitados a interagir com os filhos.

Uma noite fizemos o seguinte, cada turma minha sabia cantar. Então fizemos uma noitada por mês para os pais. As crianças dançaram, tocaram, fizeram teatro. Então eu tive uma ideia maluca, eu disse: “Aqui tem uma caixa de roupa para os pais, não contem nada para eles, e de noite, quando vocês terminarem e eles baterem palma que gostaram muito, eu vou falar: agora vocês vão sentar e os pais vão apresentar”. Os pais vieram de noite e

¹⁵¹ Escola Secundária.

¹⁵² Livro de chamada e anotações, inclusive notas, do professor.

¹⁵³ Repreensão.

¹⁵⁴ Entrevista em 26/05/2012.

*ouviram [a apresentação] e aconteceu uma coisa tão linda. Um pai era que nem um feiticeiro, ninguém sabia que ele podia fazer tanta coisa bonita, os outros foram em cima, fizeram teatro, cantaram, tocaram. De repente foi uma maravilha, aquela noite ninguém mais esqueceu. E [também] fizemos tardes inteiras com todos os alunos e todos os pais, aí eu usei o sopro. [Fingimos que] os pais eram folhas, as crianças sopravam, os pais tiveram que rolar [risos] no chão e tiveram que cantar em cânone e fazer também teatro junto. [...] Às vezes eram 350 pais que estavam lá, todos participaram, tiveram que participar com as crianças, rolar e levantar, esses jogos eu fiz.*¹⁵⁵

Segundo Chalita, é na família

[...] que se forma o caráter. Qualquer projeto educacional sério depende da participação familiar: em alguns momentos, apenas do incentivo; em outros, de uma participação efetiva no aprendizado, ao pesquisar, ao discutir, ao valorizar a preocupação que o filho traz da escola. (CHALITA, 2004, p. 17)

Além das apresentações, os pais também assistiam as aulas de música quando possível, sendo que um pai em especial ficou guardado na memória da professora.

Os pais entravam na sala de aula, ficavam muito tempo às vezes e participavam. Eles eram curiosos também naquela época. E um pai disse um dia: “*Tante Inge, tua aula é tão diferente, sabes que está faltando uma coisa aqui*”. Eu disse: “*O que?*”. “*Um aquário!*”. Aí eu disse: “*Um aquário para os peixes escutarem nossos sons e às vezes gritos e cantos?*” “*Falta*”. Eles fizeram uma vaquinha, compraram um vidro, eles mesmos fizeram um grande aquário e outros trouxeram peixinhos [risos]. Esse aquário ficou anos no Colégio, imagina. Eles deram nomes para os peixes, eles deram nomes [risos], era divertido e era vida.”¹⁵⁶

Sobre a forma de ensinar música para as crianças, Ingeburg enfatiza o trabalho alicerçado sobre atividades de criação, exploração da criatividade dos alunos, assim como a valorização dos elementos da natureza. Para a professora, a voz é um dos instrumentos mais bonitos, sendo que em suas aulas priorizava o trabalho vocal, os cuidados com a voz, para que os alunos tivessem consciência do valor do instrumento que carregam. Fazia jogos vocais trabalhando com sílabas, procurando explorar sonoridades fortes, fracas e também imitação de vozes de pessoas em diferentes circunstâncias. A partir dessas atividades iniciais, Ingeburg seguia trabalhando com melodias e grupos de diferentes vozes com as crianças. O trabalho com confecção de fantoches e o uso desses materiais também fazia parte

¹⁵⁵ Entrevista em 08/06/2012.

¹⁵⁶ Entrevista em 08/06/2012.

das atividades. Segundo Bona, a proposta pedagógica de Carl Orff agrega à música cantada, tocada e dançada os elementos da linguagem e do movimento, além, é claro, dos elementos musicais. No que tange à linguagem, “os nomes próprios, as rimas, as canções infantis e os poemas encontram-se na base de padrões rítmicos, improvisações melódicas e atividades corporais, constituindo o ponto de partida para pequenas células rítmicas” (BONA, 2011, p. 140). Quanto ao movimento,

São explorados os movimentos corporais, as formas de deslocamento com suas variantes e os diferentes passos, embasados nas brincadeiras de roda e danças folclóricas de diferentes países. As atividades com movimento propiciam experiências corpóreas de espaço e tempo, individuais e grupais, com diferentes dinâmicas, favorecendo a percepção do próprio corpo no espaço em relação ao grupo. (BONA, 2011, p. 141).

Outro ponto a se destacar na metodologia de trabalho da professora é a utilização da flauta doce no processo de musicalização. Primeiramente Ingeburg e Hans confeccionavam flautas de bambu, sendo que posteriormente os próprios alunos começaram a fazer os instrumentos. Com o tempo, a escola pôde adquirir flautas doce para a utilização nas aulas de música.



Figura 55: Flautas de taquara e madeira feitas por alunos

E a flauta, para começar, era primeiro na mão. Ela viajava muito, debaixo das pernas, foi para a África, foi para o Brasil, voltou, não gostou, foi para a Alemanha e daí encontrou um amigo e lá acharam alguém que sabia tocar flauta: “Como é que foi? Como foi Tante Inge, tu sabes?” “Eu não me lembro, eu acho que era assim. Vocês sentem, todos? Vamos fazer primeiro assim (bater o dedo no orifício da flauta), a gente ouve, né. Agora vamos fechar os buraquinhos, só fechar, não apertar”, e assim começaram, sem tocar primeiro. Nós sempre, no início, falamos na flauta, e eu falava [os nomes deles] e eles tinham que descobrir o que eu falei, sempre assim. A flauta dava o eco que eu botava. Se alguém falava alto, saía assim, eles tinham que sentir isso. E como tratar, limpar a flauta, isso tudo. No fim eles cuidaram da flauta, que foi uma coisa preciosa.”¹⁵⁷

Ingeburg procurava trabalhar o ensino do instrumento de forma ampla, para que as crianças pudessem compreender o funcionamento do mesmo, direcionando o trabalho para a exploração da flauta e suas particularidades. A partir daí, começava a aprendizagem de diferentes músicas. Outro ponto a destacar diz respeito à atividade realizada para ensinar as crianças o pentagrama e as notas musicais.



Figura 56: Turma de alunos utilizando a flauta doce na aula de música

¹⁵⁷ Entrevista em 08/06/2012.

E chegou o grande dia que escrevemos o pentagrama, porque antigamente tudo era cantado um para o outro, uma melodia no ouvido e eles levavam adiante. Mas como escrever pra não perder tanta coisa? [...] Então eu disse: “Como é que [se toma] nota? Porque vamos aprender. Cinco linhas vem do grego penta, penta é cinco, grama é linha”, escrevi em Grego para eles no quadro: “São cinco linhas. Agora vamos fechar na frente ou vamos deixar aberto e entra quem quiser?”. Brincando tudo, né. “Não, melhor fechar”, eles disseram. Mas antes de tudo isto, do pentagrama, eu levei umas maçãs junto na aula e disse: “O que é uma maçã inteira, olhem aqui, ela é redonda. Isso são quatro tempos”. Pegamos uma maçã, cortamos, eram quatro pedaços, juntamos era uma maçã inteira. Cortamos uma no meio, eram dois pedaços, antes eram quatro, dois, isto é a mínima, e a semínima. Eu estou falando rápido agora, a semínima é isto, então nós escrevemos no quadro como era, e elas têm uma haste: “Levanta o braço. Ai que bonito assim. Então vocês olhem entre vocês, como é que está o braço de vocês?” Então assim brincamos, braço pra lá e prá cá: “Então, com o quê vamos começar?”, eles escolheram, eu acho que foi até a semibreve, a primeira. Eu não disse logo o nome. “Então, em que linha?”. Eles escolheram, então acharam o sol e naquele dia nasceu o sol, aí nós fizemos uma festa para o sol, brincamos, fomos para fora, até fizemos uma coisa para comer, festejamos, o sol nasceu. [...] O que eles desenharam da festa do sol, e depois podiam tocar, até que podiam tocar, chegou o dia, foi outra festa. [...] E quando o sol nasceu, isto foi o dia mais lindo de todas as notas, eles adoraram o sol. Então repartimos a maçã, um comeu metade, outro comeu a outra metade, e aí eu disse: “Devolver não dá, então vamos escrever as notas, tu escreves a tua nota aqui no quadro e você a tua, a mínima”, porque eles engoliram já [risos]. E assim brincamos, com outras frutas também, mas mais com maçã porque eles gostam e é bom pra saúde também, a maçã. Então assim aprenderam, bateram no banco ou no bambu ou com as mãos, os dedos. [...] E fizemos casinhas, um traço: “Aqui mora o sol, daqui ele não sai, onde é que eu posso botar o outro? Alguém quer colocar uma meia maçã? Aonde?” Então botamos tudo no sol e uns disseram de repente: “Não tem lugar para outros?” Eu disse: “Alguém sabe uma coisa?” Tu tens que perguntar a eles primeiro, então de repente o outro sabia: “O lá!”. “Ah, o lá tu também sabes, onde é que vamos deixar esse lá? Porque vai ficar sempre no mesmo lugar, não tem mais saída [risos], é preso aí”. E aos poucos eles escreveram tão bonito as notas nos cadernos deles.¹⁵⁸

Ingeburg buscava, em sua proposta de ensino de música, baseada em Orff, proporcionar às crianças a vivência dos conteúdos musicais, para posteriormente construir os conceitos teóricos em conjunto com os alunos, explorando também aspectos históricos desses conteúdos (BONA, 2011). Destaco que a professora proporcionava um ambiente de trocas em sua sala de aula, valorizando o conhecimento que o aluno trazia e agindo como mediadora e não como detentora do conhecimento.

Ingeburg recorda das festas natalinas que eram realizadas com as crianças na escola e conta novamente sobre a Noite das Lanternas que havia experienciado

¹⁵⁸ Entrevista em 08/06/2012.

nas turmas de Jardim de Infância e agora era realizada com as turmas dos alunos maiores do Colégio Sinodal, em parceria com os professores das demais disciplinas.

E no Natal sempre era inventada uma coisa nova. E as turmas [eram grandes], então nós confeccionamos as lanternas na sala de aula, eles mesmos fizeram em Educação Artística. A sala era sempre junto, esse grupo, Educação Artística com Música, foi tão bom com os outros professores, a gente [sentava e] planejava isto. Então eles aprenderam como fazer e aí nós saímos de noite e cantamos coisas de Natal, uns sabiam até textos bíblicos. Aí com isto nós fizemos também a apresentação, fizemos lanternas retangulares, aqui com vidro e aqui era madeira e colamos as pedras semipreciosas de Gramado, as pequeninhas. Então ficava na sala de aula, sempre quando [se aproximava o] Natal, o Advento, acendíamos as velas dentro, foi tão bonito e tivemos a aula com a luz acesa nas janelas.¹⁵⁹

Outra lembrança da professora se refere aos momentos em que levou turmas de alunos para sua casa e lá brincaram e se divertiram durante um dia. Nesse dia as crianças puderam, além de brincar, aprender valores e reforçar as amizades de sala de aula, deixando as diferenças de lado.

E um dia eu levei todos os alunos lá na minha casa e eles puderam trazer todos os brinquedos que eles tinham e brincamos um dia inteiro aqui em casa. Tocamos música, tinha aqui o piano, flautas, tinha tapetes. Então nós tiramos os móveis daqui, foi um dia lindo, lindo, lindo. Depois eu cozinhei uma coisa de chocolate e eles comeram. A outra turma veio num dia de aula, o Diretor entendia bem o que é bom para crianças, ou para alunos. Nós fizemos doces, eles aprenderam como fazer, amassaram e experimentaram e depois uma turma [colocou para assar]. [Quando estava pronto, colocaram] para fora para esfriar. Mas quando voltaram de fora só tinha a metade [risos], então as gurias falaram: “Mas foram os guris, a gente não pode, eles comem tudo”. Eu disse: “Deixa, eles vão parar um dia, porque eles vão ficar com a barriga cheia”. Então foi trocado, os guris assaram e elas fizeram a mesma coisa [risos]: “Ai Tante Inge, mas é tão bom”. Fizemos com nozes, eles trouxeram farinha, manteiga, foi um dia lindo e foi bonito. Eles brincaram aqui, trouxeram bonecas, os guris trouxeram carros. [...] Então duas crianças ficaram sozinhas, eu já tinha visto o problema há mais tempo, de repente as crianças foram lá e disseram: “Vem conosco, vamos aqui”. “Ninguém gosta de mim (a menina falou com voz chorosa)”. “A gente gosta, mas tu também tens que participar, tu tens que vir”. E conseguiram naquele dia que ela entrasse bem no grupo e foi aceita. E os pais um dia vieram aqui e disseram: “O que aconteceu com nossa filha? Mudou completamente”. Então essas coisas acontecem quando a gente brinca em conjunto, um não é tão bom, um deve cuidar do outro, isto foi bonito. E das bolacinhas, isso foi feito várias vezes.¹⁶⁰

Ingeburg organizava os planejamentos de forma que os alunos vivenciassem os conteúdos que seriam ensinados. Na Páscoa, narra que

¹⁵⁹ Entrevista em 08/06/2012.

¹⁶⁰ Entrevista em 09/06/2012.

Ao tratar do pão de cada dia, na época da Páscoa, resolvemos trazer os ingredientes para a massa e assamos pães no grande forno do internato. Depois, numa meditação no auditório, o pão foi repartido entre as pessoas presentes. (HASENACK, 2001, p. 102)

Ingeburg complementa dizendo que à época perguntou aos alunos de onde vinha o pão e muitas crianças acreditavam que o pão vinha do supermercado. A professora conversou mais com os alunos até que eles chegaram aos grãos e à terra, sendo que a próxima atividade foi semear alguns grãos para a partir daí as crianças criarem a consciência acerca da natureza que as rodeia. Complementando, Hans Hasenack mencionou que conhecer a natureza

*É uma aprendizagem importante, saber de onde vem o pão. Vem da terra que precisa ser adubada, lavrada, capinada, depois colher, levar para o moinho, daí vira farinha. As coisas não nascem assim prontas para pegar no supermercado, a gente tem que ter uma visão maior do conjunto todo.*¹⁶¹

Dessa maneira, valorizando a natureza, incentivando a criatividade de seus alunos e a participação dos mesmos nas atividades propostas, incentivando o convívio dos pais na escola e propondo atividades musicais que envolviam ludicidade, Ingeburg atuou frente às turmas do Colégio Sinodal, sendo lembrada por muitos e até mesmo homenageada em eventos e comemorações da escola.

Durante o período em que atuou como professora de Música e Ensino Religioso no Colégio Sinodal, Ingeburg também desempenhou o papel de Diretora do Internato Feminino, entre os anos de 1972 a 1985. Na época em que atuou como Diretora, meninas de 14 a 18 anos estiveram matriculadas e freqüentaram a escola interna. A professora recorda-se que essa “foi uma época de intensa convivência com as jovens” (HASENACK, 2001, p. 103).

Apesar da rigidez do horário e da disciplina, também houve muita bagunça, e eu no meio. Às vezes, de noite, eu as deixava durante uns dez minutos para se disfarçar, mudar de roupa ou vestir um lençol. [...] E a gente se divertiu. E não foi baderna, mas feito tudo com amor e carinho. Disso a gente se lembra com muita saudade. As meninas sabiam que devia haver uma certa ordem: levantar cedo, arrumar as camas, porque a Tante Inge iria passar para anotar irregularidades. Mas nunca fiquei braba, mesmo quando aparentava estar séria. Eu as amava demais. (HASENACK, 2001, p. 103)

¹⁶¹ Entrevista em 09/06/2012 (Fala de Hans Hasenack).

No internato, fazia parte de suas tarefas o auxílio às jovens que estavam com saudades de casa ou sentindo-se deslocadas, recordando assim a época em que, com a mesma idade das meninas, experimentara os mesmos sentimentos.

3.3.2 Excursões artísticas

Tante Inge, durante sua trajetória no Colégio Sinodal, ficou conhecida pelas excursões artísticas que organizava com as turmas de alunos para comunidades luteranas em Gramado, Taquari, entre outras localidades do Rio Grande do Sul e Brasil. Durante oito anos a professora coordenou essas excursões, as quais eram recheadas de “peças teatrais, danças, canto coral, orquestra de flautas, violinos” (HASENACK, 2001, p. 100). Participavam destas atividades tanto alunos do ensino fundamental quanto do ensino médio.

Nas excursões para Gramado, o grupo permanecia na Casa da Juventude, a qual é sede da Associação Cultural Gramado (ACG). Essa associação, que surgiu no ano de 1966, tem como principal objetivo cultivar a tradição alemã no Brasil, preservando a língua e os costumes típicos dos imigrantes. A ACG possui um espaço dedicado a grupos de jovens e professores que queiram fazer excursões artísticas, possuindo salas para o trabalho com música, assim como alguns instrumentos musicais para uso dos grupos.

Para Ingeburg, essas excursões simbolizavam o estímulo ao trabalho em grupo e a realização de atividades que fortaleciam o sentimento de união na turma. Chalita (2004) traz algumas questões acerca da formação do aluno no que tange ao trabalho grupal.

O conteúdo vale mais do que o equilíbrio? E as questões emocionais? E a dimensão social? É preciso preparar o aluno para que ele tenha capacidade de trabalhar em grupo, como líder ou colaborador, mas em grupo. Só assim ele saberá atuar na família e na comunidade. (CHALITA, 2004, p. 13)

Com esse pensamento, Ingeburg buscava trabalhar também outra questão importante, pois um dos objetivos dessas excursões era fazer com que os alunos organizassem a viagem e se sentissem responsáveis pelo bom andamento das atividades.



Figura 57: Alunos de Ingeburg brincando no pátio da Casa da Juventude, em Gramado

Eu ia com as turmas sempre, cada ano com uma turma para Gramado, na Casa da Juventude, por causa de Ensino Religioso e de Música. [...] O que nós queríamos era viver em comunhão e preparamos isto por muito tempo. Eles escolherem entre si quem ia cuidar do dinheiro na viagem, quem ia lá secar a louça depois [das refeições], quem iria arrumar a mesa, desarrumar a mesa, e cada um sabia o que fazer. Foi feito [também] um sorteio com nomes de cada aluno. Se o nome era Janaína, eu te peguei, então eu tive que fazer um cartão bonito para ti, escrever uma coisa que eu sinto ou que eu desejo, tudo que tu pensas era para escrever. Esses cartões eram [colocados] numa caixinha e em cada refeição, no café, eram escolhidos dois alunos [que botavam] os cartões [na mesa e depois recolhiam]. Meio-dia eram outros, eram 30 alunos, cada um tinha sua vez, cada um tinha uma coisa para fazer e eles escolhiam entre si.¹⁶²

Ingeburg e seus alunos utilizavam os instrumentos musicais disponíveis para uso dos jovens e com isso faziam improvisações juntamente com danças folclóricas, canto, teatro e desenho. “A programação durava dois dias, [fazíamos] passeios

¹⁶² Entrevista em 08/06/2012.

*durante o dia e artes durante a noite*¹⁶³. Ingeburg recorda a excursão com uma turma de sétima série, conhecida na escola por seu mau comportamento.

Uma vez uma sétima série não se comportava no Sinodal, e a professora [da turma] disse: "Inge, eles foram os únicos que não foram para Gramado". Ninguém mais queria dar aula para eles, foi difícil essa turma. Aí eu fui lá e disse: "Ah, vocês que estão aqui agora na sétima, eu não vi mais vocês, eu não fui para Gramado, não fiz nada com vocês. Vocês não estão com vontade de ir agora?" Eles disseram: "Tu vais conosco?" "Sim, vamos?" "Vamos, Tante Inge". Então eu inventei, meu marido também estava junto, nós inventamos de fazer casinhas de passarinhos com essa sétima série. Eu fiz o desenho e uma mãe de um aluno foi numa marcenaria e mandou serrar. Então [fomos para] Gramado. [E lá na Casa da Juventude] tem embaixo um salão bem grande para fazer trabalhos manuais. Eles fizeram as casinhas até onze, meia-noite, eles martelaram e deram nome, pintaram, eles esqueceram tudo, e essa turma mudou totalmente. E no fim foi dito para [levamos] isso junto e [deixamos] essas casinhas no Sinodal, nas árvores, em lugares que eles queriam. Então quando voltamos, todo mundo estava feliz. Lá fizemos mais coisas, teatro e tudo mais, danças também. Eles ficaram felizes, eram queridos, nada mais de arte ou não se comportar, eles mudaram. E quando voltaram, no dia seguinte eu disse: "Agora vamos botar as casinhas onde?" Todo mundo quieto, aí eu disse: "O que houve?". Então um menino falou: "Aí, Tante Inge, é assim. Eu levei para casa e botei na nossa área porque achei tão bonitinho e quando eu olhei ontem para levar já tinha um passarinho dentro". [...] E outro disse: "Eu também queria, mas em casa também não deu, porque de repente os passarinhos vieram". Nenhum foi para o Sinodal, foram todas ocupadas por passarinhos [risos]. Eles usaram tinta, melecaram, e as meninas não conseguiram, o prego delas entortava, então os guris foram lá: "Deixa, eu vou te ajudar". Isto eu queria, ajudar o outro que precisa e agradecer, isso eles aprenderam naquela noite e serviu de lição para toda a vida, as casinhas de passarinho e depois os moradores que vieram."¹⁶⁴

Mais que as atividades musicais ou religiosas, a professora trabalhava com os alunos sentimentos e valores que perdurassem para a vida, como o companheirismo, amizade, paciência e respeito mútuo.

Através do contato com a comunidade de Gramado, Ingeburg também realizou, no ano de 1983, um curso de aperfeiçoamento para regentes corais, a fim de aperfeiçoar sua prática de regência e também o trabalho com vozes.

¹⁶³ Entrevista em 09/06/2012 (Fala de Hans Hasenack).

¹⁶⁴ Entrevista em 08/06/2012.



Figura 58: Turma de alunos em Gramado

Outras excursões marcantes na trajetória de Ingeburg foram as visitas ao Asilo Pella Bethânia¹⁶⁵, pertencente à Sociedade Evangélica Pella-Bethânia, em Taquari. O Asilo foi criado em 1892, com o objetivo de abrigar imigrantes alemães, tanto idosos quanto crianças órfãs, viúvas e pessoas que possuíam algum tipo de debilitação física ou mental. Foi, portanto, nessa instituição que Ingeburg realizou algumas aulas práticas de Ensino Religioso e Música, com o apoio dos diretores do Colégio Sinodal, que disponibilizavam transporte para a professora e seus alunos.

Nós fomos com o grupo meu de teatro, do 2º Grau e também os do 1º Grau. Nós tínhamos que ensaiar o Conjunto, instrumentos, coral, danças e fomos visitar o Asilo Pella Bethania, isto era ano a ano, cada ano. Lá eles sabiam que a gente vinha, preparamos e eles esperaram por nós: “Ah, hoje vem a Tante Inge, hoje vem a Tante Inge”. Então quando nós chegamos já esperavam por nós, tinha gente doente, tinha uma senhora que tinha uma [deficiência na] boca, mas ela cantou junto conosco em alemão as canções que nós tocamos (emoção na voz). E de repente veio um senhor correndo com um violino na mão e eles disseram: “Mas ele está sempre na cama, como é que ele levantou agora?” E ele ficou junto e tocava com o violino. “Ele toca violino!” Essas alegrias, e muitos alunos mudaram depois, para o bem, viram o que eles tinham e os outros não tinham. Nós também levamos

¹⁶⁵ Instituição criada a partir de esforços de pastores da IECLB funciona de maneira filantrópica e, atualmente, oferece atendimento a pessoas com e sem necessidades especiais a partir dos 18 anos de idade.

*presentes junto, uma mãe mandou bolas para as crianças, eles ganharam presentinhos. Os pais gostaram muito disto e às vezes eles foram junto porque era muito lindo. Então nós fomos de casa em casa, na escola, cantamos com eles, eles aprenderam conosco, todos eram órfãos. E meio-dia nós nos retiramos para um galpão e cozinhamos um carreteiro. E às vezes outra mãe foi junto, elas achavam demais isso.*¹⁶⁶



Figura 59: Grupo de danças folclóricas no Asilo Pella Bethânia

Ingeburg complementa mencionando que “as excursões aos asilos de Taquari foram as mais lindas, porque a gente voltava cheio de amor e gratidão, porque eles nos enriqueceram. Nós queríamos levar alegria para eles, e nós mesmos voltávamos cheios de alegria” (HASENACK, 2001, p. 101). Durante anos, a professora e suas turmas de alunos realizaram as excursões para o Asilo Pella Bethânia, construindo uma aprendizagem mútua entre alunos, professores e as pessoas que frequentavam a instituição. Ao asilo, Ingeburg também levava seu Grupo Folclórico de Danças Alemãs do Colégio Sinodal, formado somente por alunos do 2º Grau. Também com essas turmas, a professora montou um coral realizando excursões por vários lugares do Brasil.

Aí vieram as excursões artísticas por todo o Brasil. Eu fiz oito. Era teatro, danças, orquestra e música. [...] Foi muito bonito, fomos de cidade em

¹⁶⁶ Entrevista em 09/06/2012.

cidade. Um mês em julho fomos até para Petrópolis, Friburgo, Rio de Janeiro, Santa Catarina. E fomos por todo o Brasil, cada ano em outro estado ou cidade, e assim eu conheci o Brasil. Os meus alunos, eles eram do segundo grau. A gente se dava muito bem, porque eu também era arteira às vezes [risos].¹⁶⁷



Figura 60: Ingeburg e os alunos do grupo de danças folclóricas

No ciclo de vida profissional, Huberman (1992) reflete acerca do distanciamento afetivo entre professores e alunos, muitas vezes, criado pelos próprios estudantes, “[...] que tratam precisamente os professores muito jovens como irmãos ou irmãs mais velhos(as) e que, subitamente, recusam esse estatuto aos professores com a idade dos seus próprios pais” (HUBERMAN, 1992, p. 45). Esse distanciamento pode ocorrer pelo fato de que os professores e alunos pertencem a gerações diferentes e, por conseguinte, têm experiências culturais diferentes e visões, muitas vezes, divergentes. Analisando os depoimentos de Ingeburg acerca das excursões artísticas e demais atividades realizadas com suas turmas de alunos do Colégio Sinodal, é importante mencionar que a professora não vivenciou tal distanciamento, fato que aparece claramente em suas narrativas, fotos

¹⁶⁷ Entrevista em 08/06/2012.

e cartas de alunos. Segundo Ingeburg, durante sua vida trabalhou com jovens, sendo que amava seus alunos cujo sentimento sempre foi recíproco.

Durante os anos seguintes, a professora investiu em aperfeiçoamento profissional, participando do I e II Seminário Internacional de Música, promovidos pelo Instituto de Artes de Porto Alegre em parceria com professores de música do Brasil e do exterior. Nesses cursos, Ingeburg pôde conhecer três professores que lhe marcaram, Theophil Maier, da Alemanha; Mario Videla, da Argentina; e José Alberto Kaplan, da Argentina/Brasil. Ingeburg recorda que *“o professor Mario Videla tocava flauta, o sopro. A gente se [encantava]. Fiz dois seminários com ele na Ufrgs (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Ele me cedeu os livros também em português. Nós inventamos histórias com música e [usamos] depois isso em aula”*¹⁶⁸. Com esse professor, Ingeburg aprofundou seus conhecimentos e técnicas de estudo da flauta doce, instrumento musical muito utilizado em suas práticas de ensino em sala de aula. Sobre Theophil Maier, Tante Inge recorda de uma frase dita pelo professor, a qual carregou consigo nos anos em que esteve à frente de turmas no Colégio Sinodal.

*E o Theophil Maier, outro alemão, também fiz o seminário com ele, ele sempre dizia: “Tante Inge, com crianças temos que cuidar muito. A criança nasce pronta e nós queremos pôr numa forma, nós temos que educar”. Para mim educar uma criança é ser um exemplo, ser coerente. E também como professora, tu tens uma grande missão de ser coerente com o que tu fazes, com o que tu falas. O instrumento, a flauta, como tratá-la, se tu bates, se eu bato na minha cabeça dói e o tom muda. Essas coisas assim, brincamos muito, a flauta era acariciada, eram envolvidas, as mães faziam os estojos bonitos.*¹⁶⁹

Sobre José Alberto Kaplan, Tante Inge recorda que esse professor dizia que um bom professor é capaz de fazer o difícil parecer fácil para o aluno. Através de suas aulas Ingeburg procurava fazer com que seus alunos aprendessem de forma também lúdica, trabalhando os conteúdos e as dificuldades que apareciam.

Foi então, no ano de 1986, que Ingeburg e uma de suas turmas viveram uma experiência que marcou a trajetória tanto da professora quanto dos alunos, uma turma de sexta série. Com essa turma, Ingeburg organizou uma excursão para Gramado que contou com a participação do professor alemão Herbert Willausch,

¹⁶⁸ Entrevista em 08/06/2012.

¹⁶⁹ Entrevista em 08/06/2012.

que não só acompanhou as atividades do grupo, mas fez um convite especial para o mesmo.

O professor Willausch, da Alemanha, ele participava das minhas aulas também. Ele era professor de música também e às vezes ele dava a aula, muito bonito, ele era cego, então os alunos aprenderam braile com ele. Eles amavam esse professor, o Willausch era tudo para eles, era um professor daqueles que não existe mais. E ele disse: “Eu posso ir junto uma vez para Gramado?” “Pode”, eu disse. Ele foi e então ele assistiu uma aula minha e da Merlinda, que também tinha ido junto, e ele disse de repente: “Agora escutem, eu gravei tudo o que vocês fizeram, isto nenhum professor na Alemanha faz e sabe”. [...] Ele disse: “Isso não vai ficar assim, não pode, com estas crianças, com estes alunos, eles têm uma criatividade”. [...] Depois de uma semana ele voltou para a Alemanha com a esposa, a senhora Mechthild Miriam, e veio uma ligação: “Inge, te prepara com tua turma, vocês têm que vir logo para a Alemanha [risos]”.¹⁷⁰

Segundo Hasenack, Herbert Willausch

Foi professor no Instituto Pré-Teológico, na frente do Colégio Sinodal, e Mechthild foi professora de Alemão no Sinodal. A amizade com esta família continuou mesmo depois que o professor Willausch voltou para a Alemanha. Depois lecionou em Porto, Portugal. Teve que aposentar-se prematuramente, devido a problemas com os olhos, problemas que se agravaram de tal modo que há alguns anos está completamente cego. (HASENACK, 2001, p. 109)

Apesar das limitações físicas do professor Willausch, ele apoiou o grupo e fez os esforços possíveis para que a turma de alunos pudesse viajar para a Alemanha.

Então ele arrumou uma professora de Orff também, ela era bem parecida comigo, e em Bad Fredeburg ele havia participado de vários cursos, lá era o lugar dos cursos. Os melhores músicos deram cursos de Método Orff e tudo mais: “Inge, você tem que vir”.¹⁷¹

“Apesar das enormes dificuldades a serem superadas – em termos financeiros, planejamento, inscrições, contratação de ônibus para os roteiros, recuperação de aulas – aceitei o desafio” (HASENACK, 2001, p. 109). Ingeburg mobilizou os pais dos alunos na escola, fez reuniões e juntos arrecadaram verba para a viagem. Assim, naquele mesmo ano, ocorreu a primeira viagem da professora com o grupo de estudantes para a Alemanha. A experiência foi nomeada como *viagem de estudos*, pois lá Ingeburg participou do II Seminário da Sociedade Internacional para o Aperfeiçoamento em Pedagogia Musical, na *Landjugend-*

¹⁷⁰ Entrevista em 08/06/2012.

¹⁷¹ Entrevista em 08/06/2012.

Akademie em Bad Fredeburg, nas modalidades de instrumentos de percussão, pedagogia musical, criação de musicais a partir de histórias e lendas, expressão corporal e teatro nas aulas de música. Nesse seminário, estiveram presentes professores de música reconhecidos no cenário internacional pelo trabalho com a pedagogia musical. Juntamente com outros professores, Ingeburg aprofundou seus conhecimentos acerca do instrumental Orff em sala de aula, participando,



Figura 61: Professores do Seminário na Alemanha

posteriormente, de outros congressos e cursos. Tante Inge conta que seus alunos da sexta série também participaram do Seminário. *“No fim os professores nos usaram (o grupo) para participar dos cursos para professores de música, e os meus alunos até sabiam mais do que eles o que se podia fazer. Eram mais criativos [risos]”*¹⁷². Além de participar desse Seminário, Ingeburg e os alunos fizeram excursões e passeios pela Alemanha, conhecendo cidades, museus, centros culturais e pontos turísticos do país, além de divulgar a cultura e o folclore do Brasil.

¹⁷² Entrevista em 08/06/2012.



Figura 62: Alunos na primeira viagem para a Alemanha, em 1986

E assim os alunos conquistaram a todos. Nós trabalhamos junto com os professores de música deles e [também] cantamos muita coisa, apresentamos o que nós sabíamos. Eles gostaram do nosso ritmo e também pegaram as letras e nós cantamos. De noite tinha sempre depois da janta, no grande salão, uma reunião, [...] e lá a gente cantava até uma, duas da madrugada, e os meus alunos junto. Então foi uma ligação muito [boa que aconteceu], eles eram muito queridos, obedientes, tudo mais, e eles conquistaram, os brasileiros conquistaram a Alemanha.¹⁷³

Nessa viagem os alunos puderam manusear e conhecer melhor os instrumentos musicais utilizados pelo Método Orff, através do curso oferecido pelos professores alemães. Ingeburg recorda que pensava em como precisava desses instrumentos para trabalhar música com seus alunos no Brasil. Através de esforços, o grupo conseguiu adquirir alguns instrumentos, que chegaram após o retorno dos mesmos ao Brasil. Juntamente com o apoio financeiro do Consulado Alemão, Tante Inge, seu grupo de alunos e o Colégio Sinodal puderam iniciar um trabalho de música em conjunto com instrumentos de nível profissional, que foram sendo adquiridos aos poucos. A professora passou então a organizar excursões regulares

¹⁷³ Entrevista em 08/06/2012.

para a Europa com grupos de alunos de diversas turmas, consolidando a relação e abrindo pontes entre o Rio Grande do Sul e a Alemanha. Nessas excursões, Ingeburg participava de cursos de formação promovidos pela *IAM-Internationaler Arbeitskreis für Musik* (Círculo Internacional para Música), em Bad Fredeburg, os quais enfatizavam o trabalho com o instrumental Orff, movimento corporal, assim como promoviam um intercâmbio cultural entre os presentes. Foi a partir da primeira excursão, em 1986, e do convite para retornar à Alemanha, que Ingeburg iniciou trabalho com o Conjunto Instrumental.



Figura 63: Ingeburg e os alunos na Alemanha

3.3.3 O Conjunto Instrumental *Sonoridad*

No trabalho como professora de música no Colégio Sinodal, Ingeburg procurou valorizar o prática musical em conjunto, tanto em suas aulas, quanto em atividades além do período escolar, com a formação de um Grupo Instrumental. Segundo Bastião,

A prática de conjunto instrumental pode ser uma eficiente estratégia metodológica para o educador musical, pois, envolvendo diversas formações musicais, favorece o trabalho em diversos contextos educacionais e com alunos de diferentes faixas etárias e níveis de conhecimento musical. Por meio dessa prática grupal, o ensino instrumental torna-se mais dinâmico e prazeroso [...]. (BASTIÃO, 2012, p. 60)

Assim, surgiu no ano de 1963 o grupo Instrumental “Rodinha Alegre”, que à época, tinha em sua formação poucas flautas, instrumentos de percussão feitos artesanalmente e um xilofone confeccionado em conjunto com o professor de física da escola. A partir do trabalho com esse grupo, a professora pôde sistematizar a prática instrumental em conjunto, organizando viagens, excursões com o conjunto. Pouco a pouco, novos instrumentos musicais eram adquiridos no intuito de aprimorar a formação do grupo. A partir do trabalho com esse grupo, a professora pôde organizar o Conjunto Instrumental, participando durante anos dos Encontros Instrumentais promovidos pela Rede Sinodal de ensino.



Figura 64:
Encontros de
Conjuntos
Instrumentais

Então começaram os Encontros Instrumentais, e o segundo encontro foi em Lajeado. Eu tinha um grupo de flautas, não tinha muita coisa, uns que tocavam outros instrumentos, violão e nós tínhamos que participar. Então fomos para Lajeado. [Lá] encontrei o Irineu Krüger, conheci ele lá. Aí ele escreveu uma peça muito bonita, “Estudantina”, e ela foi tocada. E uma professora tinha uns poucos instrumentos de Orff, acho que dois ou três, e ela fez muito trabalho junto com percussão. E eu achei tão bonito, com as flautas, e eu pensei: “Eu vou conseguir também”, e o diretor sempre incentivou.¹⁷⁴

¹⁷⁴ Entrevista em 09/06/2012.

Para a formação que tinha, eram necessárias peças que considerassem o número de integrantes e o nível de dificuldade. Assim, Irineu Krüger, músico e compositor, passou a trabalhar em parceria com Ingeburg, compondo arranjos musicais de peças folclóricas brasileiras, música popular e erudita para o grupo. Essa união se consolidou no ano de 1986, no cinquentenário do Colégio Sinodal, comemoração para a qual Ingeburg convidou Irineu Krüger para escrever uma peça



Figura 65: Irineu Krüger trabalhando com o Conjunto

musical que foi intitulada “Suite Cinquentenário”. Segundo Bastião, “para a educação musical, fazer arranjo tem um valor extraordinário porque contribui para o entendimento e vivências de processos de composição e para ampliar a prática musical em conjunto” (BASTIÃO, 2012, p. 62). Através dessa prática, Irineu e Ingeburg promoveram a ampliação do trabalho musical em conjunto para os alunos integrantes do grupo. A respeito do cinquentenário da escola, a professora recorda do trabalho de pais, alunos e professores que se uniram para celebrar o encontro com o professor de música que marcou a trajetória da instituição, Max Maschler.

E eu fiz uma coisa, isso eu vou te mostrar. No cinquentenário do Sinodal, chamei todos os ex-alunos de todo o Brasil, vieram de Brasília, do Rio de Janeiro, São Paulo, da Alemanha. Então eu peguei todas as músicas que ele (Max Maschler) ensinou no coral conosco, e o Irineu escreveu a “Suíte Cinquentenário”. E para conseguir uma passagem, eu fui na Lufthansa, eu pintei com duas mãos esse pano. Olha aqui, fizemos uma homenagem. [...] E essa frase aqui é do meu marido: Musik verbindet Völker, “A música une os povos”, era nosso slogan. E meu marido deu outra frase, onde é que ela está, lá no canto: “Lufthansa, dando asas à saudade”. Eu pintei mais um e aí eu consegui uma passagem de graça da Lufthansa, para ele vir e voltar também. Foi a orquestra [que tocou]. O Maschler veio para festejar. Isso eu fiz, entre três pintamos, eu e mais duas mãos de ex-alunos.¹⁷⁵



Figura 66: Tante Inge mostrando o pano que pintaram e levaram ao aeroporto

Para esta celebração, toda a comunidade escolar trabalhou no sentido de arrecadar fundos para custear a viagem de Max Maschler e Elisabeth Maschler para o Brasil, a fim de que o casal participasse das comemorações. Nesta celebração Ingeburg contou com a participação do Conjunto Instrumental executando além da Suíte composta para a ocasião, outras peças do folclore brasileiro a fim de recepcionar e homenagear o professor Maschler.

¹⁷⁵ Entrevista em 09/06/2012.



Figura 67: Recepção ao casal Maschler no aeroporto, em Porto Alegre

A partir do trabalho do Conjunto Instrumental e com a aquisição de novos instrumentos da Alemanha, surgiu o grupo chamado Preparatório.

Quando eu dava aula, esses alunos que já tocavam flauta, eu comecei a pedir: “Venham de tarde quem quiser, a gente vai fazer música um pouco mais difícil”. E vinha muita gente. Era uma aula separada, uma tarde inteira quase. Eles gostavam e vinham, tinha trinta e poucos. Então assim começou o Preparatório. Desde 1963 tínhamos sempre o Conjunto, sempre tocamos. Os ensaios eram quintas-feiras à tarde, porque eram alunos do Sinodal. Também fizemos vários retiros. Depois que o Irineu conheceu os instrumentos, eu tinha os primeiros instrumentos aqui e ele começou com o Preparatório. Desses alunos, os que se destacavam, levamos para o Conjunto Instrumental. Daí foi fundado o Conjunto Instrumental Sonoridad.¹⁷⁶

Dessa forma surgiu o Conjunto Instrumental *Sonoridad*, cuja escolha do nome deu-se por manifestação do público com respeito à sonoridade dos instrumentos utilizados pelo grupo. Composto por alunos do Colégio Sinodal de diferentes idades, o conjunto utilizava basicamente o instrumental Orff em sua formação, como xilofone, marimba, vibrafone, glockenspiel, marimba baixo e metalofone. Outros

¹⁷⁶ Entrevista em 09/06/2012.

instrumentos também eram utilizados, como saxofone, violão, violoncelo, violino, viola, instrumentos de percussão e flauta doce soprano, contralto e tenor, variando de acordo com os membros do grupo.

Foi, portanto, no ano de 1989 que o Conjunto Instrumental *Sonoridad* fez sua primeira excursão pela Alemanha. Nessa viagem o grupo participou das comemorações do Dia da Igreja em Berlim e a professora tomou parte, como docente convidada, do *IAM-Internationaler Arbeitskreis für Musik* (Grupo de Trabalho Internacional para a Música), em Bad Fredeburg. Várias foram as turnês feitas pelo conjunto em parceria com esse Grupo de Trabalho em Bad Fredeburg. As viagens duravam aproximadamente 30 dias e incluíam um roteiro de apresentações de danças e músicas folclóricas, eruditas, música brasileira e composições próprias. Segundo Ingeburg,

Viagens abrem horizontes e promovem encontros, certa vez montamos uma orquestra com 70 alunos brasileiros e alemães e tocamos juntos. As viagens também nos ensinam a reconhecer o que há de bom em nosso país, coisas que nunca veríamos se não tomássemos contatos com outras culturas. (HASENACK, 1997, p. 3).

“Servi uns aos outros, cada um, cada um conforme o dom que recebeu”. Foi com esse lema que Ingeburg valorizava cada um dos integrantes do Conjunto de modo que pudesse tanto ensinar quanto aprender nas viagens para fora do país.



Figura 68: Lema do Conjunto Instrumental *Sonoridad*

Promovendo a integração entre a cultura alemã e a brasileira, a professora realizou mais três turnês com o Conjunto Instrumental, nos anos de 1994, 1999 e 2004, com apresentações em teatros, escolas, comunidades, clínicas, hospitais e asilos de várias cidades da Alemanha.

Em 1993, foi gravado o primeiro material do grupo, uma fita cassete com repertório folclórico e popular brasileiro, com arranjos do professor Irineu Krüger. Em 1998, gravaram o primeiro CD, intitulado “Vento Sul, também com arranjos de músicas folclóricas brasileiras. No ano 2000, gravaram o segundo CD chamado “Sementes”, com repertório de músicas sacras e espirituais. O Conjunto passou então a crescer e contar também com a participação de ex-alunos do Sinodal, assim como alunos e ex-alunos de demais escolas da região ligadas à Rede Sinodal de ensino. Foi a partir desse momento que minha história de vida se entrelaçou à trajetória do Conjunto Instrumental *Sonoridad*.

Durante o ensino médio, no ano de 2003, ingressei no Conjunto, inicialmente tocando flauta doce e posteriormente passando a tocar glockenspiel e marimba baixo. Carrego em minha memória lembranças da Tante Inge divertindo-nos em longos ensaios e entusiasmando a todos com sua energia, lembranças essas que fazem parte de minha história. Os ensaios aconteciam duas vezes por mês, aos sábados, na sala de música do Colégio Sinodal, em São Leopoldo, onde a cada vez precisávamos montar os instrumentos e desmontá-los ao término do ensaio. Esses momentos foram embalados por conversas, risadas e piadas, de modo que nem víamos o tempo passar, e todo o trabalho tornava-se divertido. Lembro claramente que em todo início de ensaio, Tante Inge perguntava como tínhamos passado a semana e lia-nos a mensagem do dia retirada de seu livrinho de pensamentos bíblicos diários. Eram mensagens que nos conduziam à reflexão e nos animavam para o início do ensaio.

Eu tenho cinco livros aqui, nós temos diários de cada ensaio, o que foi ensaiado, eu tenho tudo isso. O que nós fizemos, quem não veio, o que foi ensaiado, o que foi difícil, nós tínhamos uma certa ordem. Os ensaios eram muito organizados. [Até hoje lembro que] tem duas pessoas que nunca faltaram em 10 ou 15 anos.¹⁷⁷

¹⁷⁷ Entrevista em 09/06/2012.

Com o Conjunto *Sonoridad* também fizemos apresentações em vários eventos da cidade de São Leopoldo e também em cidades vizinhas como Novo Hamburgo, Porto Alegre, Canoas, Gramado, Canela, entre outras. Nesse conjunto pude ter experiências singulares as quais não imagino ter vivenciado em outro contexto, sendo a participação na gravação do CD, uma delas. Foi no ano de 2003, quando ensaiamos com afinco todas as músicas do repertório, que gravamos o CD “Sons da nossa Terra”. O repertório compreendia música popular brasileira e música



Figura 69: Conjunto Instrumental *Sonoridad* em 2003, divulgando seu trabalho

erudita. Depois de muitos ensaios, em um final de semana, fomos para um estúdio em Porto Alegre e realizamos a maratona das gravações. Lembro do último dia, quando voltamos de madrugada para São Leopoldo. O CD estava pronto para o lançamento! A produção desse CD tinha outro objetivo, a divulgação do grupo durante nossa turnê pela Alemanha, no ano de 2004. Após intenso trabalho, fizemos a turnê, totalizando 23 apresentações em, praticamente, seis semanas.



Figura 70: Apresentação em Frankena, Alemanha

Nesta viagem tornamo-nos uma família. Passamos a nos conhecer melhor, ficar mais tempo juntos, conhecer lugares novos, uma nova cultura e trocar experiências. Quem teve a oportunidade de participar dessa viagem guarda lembranças até hoje, assim como a imagem da nossa querida professora e regente Tante Inge nos animando e fazendo-nos rir. Não poderia deixar de contar um episódio engraçado que aconteceu durante nossa viagem. Pouco antes de entrarmos no palco para mais um concerto, em Berlim, Tante Inge chamou-nos e pediu para que nos divertíssemos mais, que não ficássemos tão sérios, pois o público que vinha nos assistir queria ouvir música brasileira com alegria e empolgação. Fiquei pensando no fato de que muitas vezes ficamos presos à partitura e não sentimos com a alma o que estamos tocando. Lembro que entrei mais sorridente e confiante, prestei atenção enquanto a Tante Inge anunciava o recital para o público e fiquei me concentrando. Então, no momento em que a regente deu as costas ao público e ficou de frente para nós, tirou algo do bolso e ficou um pouco de cabeça baixa. Achamos estranho, mas esperamos, e então aconteceu um dos momentos mais engraçados de minha vida. Tante Inge havia colocado sobre os dentes uma casca de laranja recortada e estava sorrindo para nós incansavelmente. Dessa forma não havia como não rirmos e nos divertirmos

com o recital. Tante ficou com essa “dentadura” até o fim do concerto e lembro que esse, certamente, foi o concerto mais bonito de todas as 23 apresentações que realizamos naquela viagem. Ao nosso lado, em todos esses momentos importantes, estava a Tante Inge, preocupada com todos, cantando, tocando e sorrindo. É importante mencionar que sua preocupação ia muito além da qualidade musical a ser oferecida nas apresentações, contemplava, acima de tudo, toda essa relação humana, de socialização, de ajuda aos colegas com dificuldades, promovendo um verdadeiro trabalho de grupo. Tante Inge, portanto, prezava, cuidava cada integrante do grupo, cada aluno, como singular. Sua personalidade cheia de energia e alegria propiciava a construção de laços afetivos entre os integrantes do grupo. Também nessa viagem realizamos oficinas com crianças e jovens, trabalhando canto e expressão corporal através dos arranjos e composições propostos por Irineu Krüger.



Figura 71: Ingeburg, eu e o prefeito de Frankena

As comemorações de final de ano também marcaram minha trajetória. Nestes momentos, Tante Inge recebia a todos os integrantes do grupo em sua casa para um jantar regado a muita música. Nesses encontros contávamos histórias, tocávamos e nos divertíamos como uma grande família.

No ano de 2005 gravamos o CD/Livro “Melodias da Infância”, contendo músicas infantis do folclore brasileiro. Durante esse ano e o ano seguinte, fizemos várias apresentações por cidades vizinhas a São Leopoldo com o intuito de divulgar o material. Em 2007, em virtude da faculdade, precisei morar em Porto Alegre e tive

que deixar o conjunto, dando assim também a oportunidade para outros jovens participarem e terem novas experiências musicais junto ao grupo.

Assim como outros jovens que passaram pelo Conjunto, fico feliz em ter feito parte dessa história e também por ter integrado o último grupo que foi para a Alemanha em turnê com a professora, cujas experiências foram marcantes em minha história.

3.4. Caminhos trilhados e novas expectativas

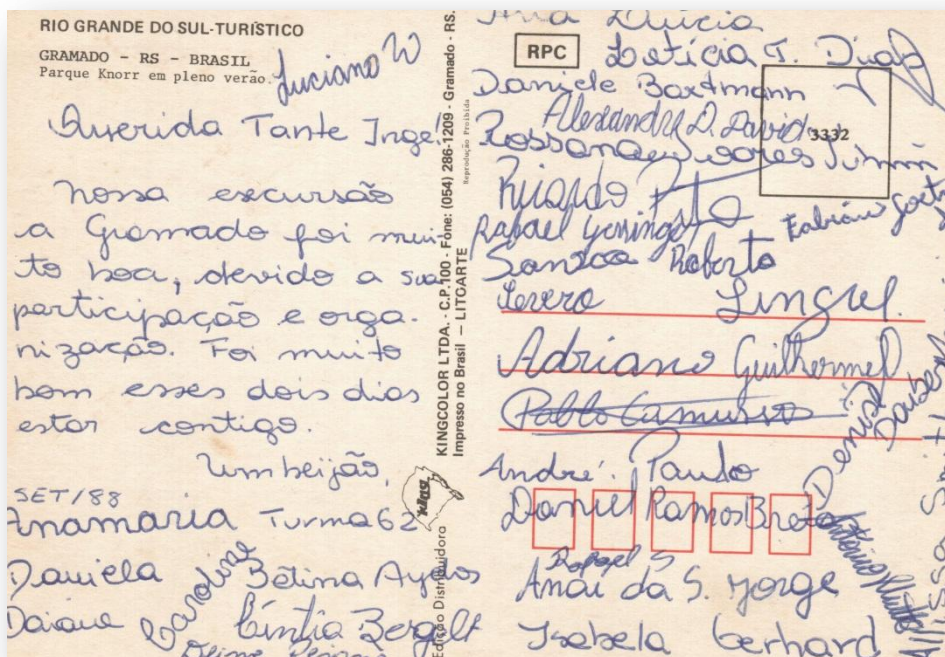
Através do brilho no olhar da professora sinto, junto com ela, um sentimento de alegria e alívio quando chegamos ao fim das entrevistas em meio a tantas histórias que não podiam deixar de ser contadas. Lembranças bonitas e também tristes que mexiam com memórias guardadas, algumas esquecidas e outras vivas na memória. É com esse sentimento que encerramos as entrevistas, não com a certeza de que tudo foi contado, mas sim com a alegria de termos dividido entre nós memórias que agora fazem parte da história.

Ao recordar da carreira, Ingeburg não deixa de falar de seus alunos, os quais até hoje rememoram as aulas.

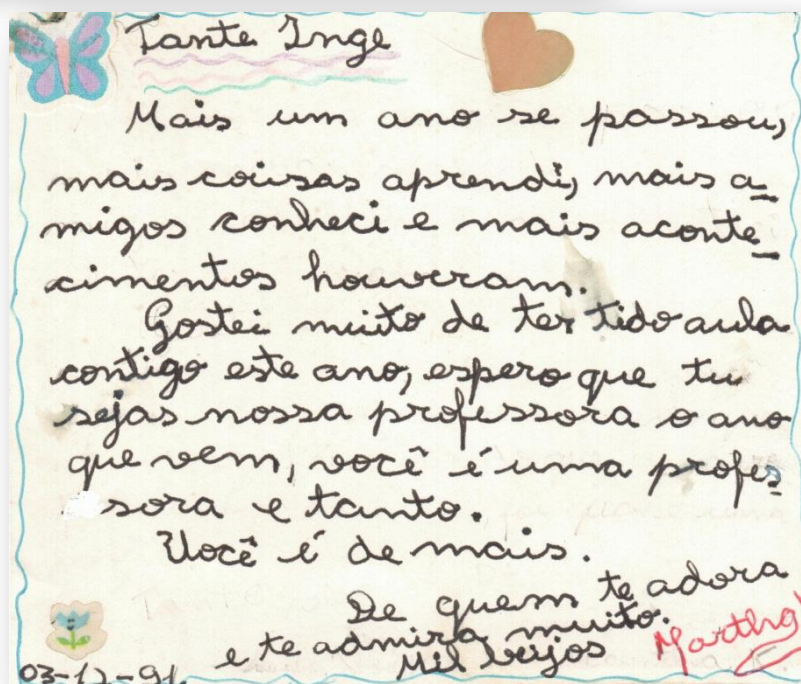
[Muitos dos meus alunos do] Sinodal, [que] tinham aula de Música, são médicos [hoje]. O Norman Hauschild, o Oderich, o Vinícius, a Marlene, o Nelson Coelho, o Daniel Steigleder, muita gente. E quando eu chego no Norman Hauschild, ele olha e diz: “Ah, Tante Inge”, então ele canta: “Lá no Pântano, lá no Pântano, um sapinho foi pular no ar”. Então o Hans está junto e cantamos a três vozes: Quiquiquariquiqui quariquiqui...[risos], ele nunca esqueceu essas canções que a gente cantava. E a gente imitava.¹⁷⁸

Dos alunos, Ingeburg também recebia cartas, cartões e presentes, os quais são guardados com carinho e cuidado pela professora, como objetos biográficos (BOSI, 1994).

¹⁷⁸ Entrevista em 08/06/2012.



Figuras 72 e 73:
Cartas de alunos
recebidas por
Ingeburg



Os pais também participavam das atividades musicais propostas nas apresentações promovidas pelo Colégio Sinodal e até mesmo de algumas aulas, quando possível. Comentários dos pais e de outros familiares também eram comuns quando encontravam a professora em ambientes fora da escola.

Aí uma mãe me disse um dia quando estive no banco: "É assim, a Tante é a professora dos malandrinhos, que ela muito gosta, é fã dos bons e também é fã dos que sabem muito, ela bota todos juntos e faz acontecer uma harmonia bonita". Também veio a avó do Breninho, meu ex-aluno, e disse:

“Ah, Tante Inge!”. Então a mulher do lado, uma senhora mais idosa, disse: “A senhora que é a Tante Inge?” Eu disse: “Sim”. “Ah, finalmente, em casa eu não aguento mais o nome de manhã até de noite, Tante Inge pra cá, Tante Inge pra lá, agora lhe conheço”, porque acho que eram cinco filhos [risos].¹⁷⁹

Tendo em vista a singularidade dessa professora no contexto em questão, é importante mencionar que Ingeburg foi chamada repetidas vezes para entrevistas e reportagens sobre suas experiências em sala de aula com aulas de música, excursões artísticas e turnês com o Conjunto Instrumental *Sonoridad* e alunos para a Europa, além de entrevistas a respeito de sua experiência de vida na Alemanha, no período da II Guerra Mundial. Duas dessas reportagens foram publicadas no Jornal Vale do Sinos¹⁸⁰, nos cadernos especiais em comemoração aos 180 e aos 185 anos da imigração alemã no Rio Grande do Sul, nos anos de 2004 e 2009 (Anexos 1 e 2). Tante Inge também concedeu uma entrevista para a Revista Rua Grande¹⁸¹ falando sobre o Conjunto Instrumental *Sonoridad*. Essa entrevista ocorreu em junho de 2004, meses após o retorno do Conjunto da quarta turnê do grupo para a Alemanha, que ocorreu nos meses de janeiro e fevereiro. Nessa entrevista, Ingeburg explica sobre a história do Conjunto, seu surgimento, a diversidade de repertório executado, os instrumentos utilizados, entre outras questões (Anexo 3).

Outro destaque recebido pela professora foi o *Prêmio Lions de Educação*, no ano de 2008. Esse prêmio é concedido anualmente pelo Lions Clube São Leopoldo Padre Reus a professores que se destacaram pela dedicação a atividades extracurriculares.

Em 2009 a professora participou do programa *Histórias*, exibido pela TV Com, o qual foi gravado no dia 24 de novembro, na residência de Ingeburg. O programa, com duração de 40 minutos, buscou retratar a história de vida de Tante Inge, sendo que o jornalista conduziu a entrevista de forma que a professora contasse um pouco sobre a sua infância no Brasil e na Alemanha.

Quando pergunto para a professora sobre o ensino de música hoje nas escolas, Tante Inge demonstra-se preocupada. *“As crianças são espertas e criativas e a gente abafa isto, por quê? Porque isto está acontecendo? Eles põem um professor de matemática ou de português para dar aula de música só porque ele*

¹⁷⁹ Entrevista em 08/06/2012.

¹⁸⁰ Jornal de circulação local da cidade de São Leopoldo/RS.

¹⁸¹ Revista de circulação local da cidade de São Leopoldo/RS.

*toca um instrumento*¹⁸². A partir desse comentário, a professora demonstra sua valorização pelo profissional que trabalha com o ensino de música, assim como toda sua trajetória de formação, afirmando o que muito se discute atualmente no âmbito da Educação Musical acerca do profissional que deve trabalhar com o ensino de música nas escolas. Não basta saber tocar um instrumento, é necessária toda uma formação pedagógica para o profissional estar apto a trabalhar com o ensino de música para crianças. A formação nunca está completa. Existe sempre a necessidade de atualização em cursos de formação na área.

Quando questionada sobre o fim ou não de uma carreira profissional, a professora narra que não deixou de trabalhar com música quando se aposentou no Colégio Sinodal. Ao contrário, continuou coordenando as atividades do Conjunto *Sonoridad* até meados de 2008, momento em que sua saúde a impossibilitou de continuar regendo o grupo. Tante Inge trabalhou durante toda sua trajetória profissional com o que realmente gostava, crianças, adolescentes e música, sendo uma eterna apaixonada pela profissão. Assim, a professora chega a sua aposentadoria com um sentimento de dever cumprido, mas ainda com vontade de continuar à frente de seu Conjunto Instrumental.

Ao término das entrevistas, Ingeburg manifestou a vontade de reunir a última turma que fez parte do Conjunto Instrumental *Sonoridad* e reavivar um pouco da música que fazíamos. Junto a isso, carrega a ideia de escrever sobre sua história de vida, cuja ideia foi reavivada através desta pesquisa. A professora reuniu materiais, relembrou histórias, escreveu memórias e traçou como meta a produção de um livro com as histórias mais marcantes de sua trajetória de vida, tanto pessoal quanto profissional.

Por fim, trago uma fala da professora retirada do artigo publicado no livro em comemoração aos 50 anos do Colégio Sinodal. No início desse artigo a professora reflete a respeito da essência de seu trabalho durante sua trajetória docente dizendo,

E o que fazíamos? Música! E ouvindo as músicas de vocês, eu gravei muitas aulas. Além disso, tenho diários de anos e anos atrás. Cada aula que fizemos consta em uma página, às vezes em duas. Vocês viram esse caderno grande na mesa e, às vezes, queriam ler. E eu deixava. Vocês foram para casa contentes porque viram a importância das aulas. E, às vezes, eu deixava vocês escreverem algo no diário. São muitas boas

¹⁸² Entrevista em 27/05/2012.

lembranças. Aceitei críticas construtivas, pedi até... Nós nos respeitávamos, de uma maneira especial. Vou dizer assim: a voz, o tom faz a música. Vocês têm que ser críticos, devem perguntar. Eu aprendi muito com vocês. E aqueles que gostavam de fazer bagunça, eu os chamava de malandrinhos de estimação. Eu gosto de todos. Posso dizer que não tive nunca na minha vida um aluno no Sinodal do qual eu diria: não gosto dele, não deveria estar aqui. Amava a todos de maneira igual, com grande coração. Isto é um presente de Deus e, olhando para trás, deixa-me feliz, porque agora já tenho 67 anos. Lembro-me dos rostinhos de vocês, agora adultos. Alguns já casaram e têm filhos. Os filhos já foram meus alunos também. É lindo perceber como vocês cresceram, como vocês vivem e que algo dos valores ficou. O Sinodal era para ser uma grande família. Isto eu sempre queria. (HASENACK, 2001, p. 99-100)

Ingeburg traz os alunos como pessoas ou personagens de sua memória (POLLAK, 1992) que figuraram de forma marcante em sua trajetória docente. Através de sua personalidade única, carrega um carinho que divide igualmente entre os alunos que fizeram e fazem parte de sua história de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho, produzido a partir de narrativas, pude compreender a trajetória de vida pessoal e profissional da professora Ingeburg Hasenack. Além disso, foi possível conhecer as práticas de ensino de música desenvolvidas pela professora, refletir sobre os modelos docentes que fizeram parte de sua trajetória de vida e compreender as implicações de seu trabalho nos contextos em que atuou. Por fim, a pesquisa possibilitou entender melhor a história de um tempo, o processo histórico do ensino de tradição germânica vivenciado por Ingeburg durante a infância e a adolescência. As tradições musicais de origem germânica, que muito refletiram em sua forma de ser e que compuseram a *colcha de retalhos* de sua história, fazem parte das memórias de infância, de sua vida adulta e de sua docência.

Para a condução da pesquisa, a abordagem (auto)biográfica se mostrou adequada, bem como os estudos sobre as histórias de vida de professores e memória. Assim, trouxe para discussão autores como Abrahão (2003, 2004), Souza (2007, 2008, 2011), Alberti (2004, 2005), Meihy (2005), Bosi (1994) Pollak (1989, 1992) e Catani et al. (2000). No que tange à análise das narrativas, utilizei como referências os trabalhos de Pollak (1989, 1992), Bosi (1994), que tratam, respectivamente, sobre memória e memória de velhos, além de Nóvoa (1992), Goodson (1992), Holly (1992) e Moita (1992), que refletem sobre memória docente. Utilizei-me ainda de referenciais que versam sobre o contexto teuto-brasileiro no sul do país (SEYFERTH, 1997; MEYER, 2003), refletindo sobre a nacionalidade do imigrante (RAMBO, 1994; DACCACHE, 2007), as escolas de imigração e a educação na perspectiva do teuto-brasileiro (DROSTE, 1996; WITT, 1996; DREHER, 2004), assim como a música e seu ensino no contexto da imigração (GARBOSA, 2003, 2011; FERLA, 2009).

Através da história de vida de Ingeburg Hasenack, pude compreender a imensidão de pessoas, tradições e contextos implicados na constituição dos processos formativos de Ingeburg, passando a entender formação não somente pelo viés profissional, mas de maneira mais ampla, no sentido de compreender as

experiências de vida como formadoras do indivíduo. Segundo Moita, “[...] a construção de si próprio é um processo de formação” (MOITA, 1992, p. 114). Corroborando com a autora, entendo a formação de si como um processo contínuo, permanente, pois

Ninguém se forma no vazio. Formar-se supões troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e sobretudo o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos. Um percurso de vida é assim um *percurso* de formação, no sentido em que é um *processo* de formação. [...] O processo de formação pode assim considerar-se a dinâmica em que se vai construindo a identidade de uma pessoa. Processo em que cada pessoa, permanecendo ela própria e reconhecendo-se a mesma ao longo da sua história, se forma, se transforma, em interação. (MOITA, 1992, p. 115)

Compreender a vida de Ingeburg como um processo de formação, no qual todas as experiências contribuíram para sua constituição, foi importante, pois a partir dessa perspectiva, passei a enxergar essa vida de forma global e não fragmentada em etapas ou mesmo em ciclos. Assim, pude analisar e compreender a trajetória de infância da professora e como essas experiências vieram a influenciar sua escolha profissional e suas ações como professora. Compartilhando de sua história de vida, compreendi as influências que Ingeburg recebeu dos contextos históricos e sociais em que viveu durante a infância e a adolescência, assim como dos professores que figuraram como modelos docentes em sua trajetória formativa. Através das narrativas, foi possível estabelecer relações entre a prática de ensino de música da professora, as experiências como aluna na Alemanha e o processo histórico do ensino de música no sul do Brasil, em especial no que tange ao contexto teuto-brasileiro. Assim, passo a pontuar sobre a trajetória formativa de Ingeburg na infância e adolescência, bem como sobre os modelos docentes que influenciaram na constituição de sua identidade de professora. Além disso, destaco as práticas desenvolvidas e as implicações nos contextos nos quais atuou.

No que tange à trajetória de formação, foi na Alemanha que Ingeburg Hasenack conheceu a escola e teve seus primeiros professores. Em meio à guerra, aos sons dos aviões, bombas e das invasões dos Russos, Ingelein vivenciou as brincadeiras de infância e as canções junto aos amigos e professores na pequena comunidade de Frankena. É desse tempo as lembranças dos livros coloridos, dos materiais didáticos, das primeiras vivências com a música, mas também das

experiências de solidariedade, de amizade, de construção de conhecimentos junto à natureza. É do contexto alemão que Ingeburg guarda os primeiros modelos docentes que a influenciaram tanto em sua escolha profissional quanto em sua forma de ensinar. Nesta perspectiva, Ingeburg destaca o professor Albin, seu primeiro professor de música, que tocava vários instrumentos, cantava e priorizava a vivência musical entre os alunos e a ludicidade nos processos de ensino. É também deste tempo de infância o professor Von Brekow, o qual, da mesma forma que Albin, cantava com os alunos, promovendo atividades que integravam corpo e mente. Os professores alemães foram, não somente, exemplos de docentes, mas de docência, ou seja, de como dar aulas, compartilhando ensinamentos marcados por valores, respeito e amor para com os alunos, constituindo-se nas bases para sua vida como pessoa e como professora. Apesar das memórias dolorosas de um tempo de guerra, Ingeburg vivenciou uma escolarização que a marcou de forma positiva, não faltando recursos didáticos em sala de aula, ou mesmo práticas envolvendo o contato com a natureza e o trabalho corporal. Foi nessa época que vivenciou muitas das atividades e brincadeiras que viria a realizar, posteriormente, junto a seus alunos. Aulas de ginástica, natação, esportes, brincadeiras ao ar livre, jogos de cooperação entre colegas, além do trabalho em sala de aula com conteúdos mais específicos e o aprendizado de vários idiomas, configuraram um tempo de escola marcante para Ingeburg.

Durante a adolescência, Ingeburg recorda de dois professores que foram modelos durante sua trajetória de formação, professor Max Maschler, com o qual pode conviver diretamente e cotidianamente durante alguns anos, e o professor Erich Fausel, docente responsável pelo ensino de teatro no Instituto Pré-Teológico, em São Leopoldo.

As memórias de Ingeburg acerca do professor Maschler são marcantes, visto que esse docente teve papel crucial em seu processo de adaptação à cultura brasileira. Nomeando-o como “segundo pai”, Ingeburg recorda quando Maschler a convidou para morar com sua família, possibilitando que participasse de forma mais livre das atividades musicais que ocorriam na família Maschler e na cidade de São Leopoldo. É importante mencionar que Max Maschler marcou profundamente o contexto leopoldense no período em que viveu e atuou na cidade, cujo trabalho se alicerçou sobre o canto coral, unindo ritmo e folclore brasileiros à cultura germânica. Admirador da música brasileira, Maschler elaborou arranjos para coros masculino e

misto, sem esquecer dos musicais em língua alemã em suas aulas, explorando diferentes instrumentos. Em paralelo, Max e Elisabeth Maschler supriram parte da saudade que Ingeburg sentia da família, da escola e dos professores na Alemanha. Maschler foi um dos mais importantes referenciais docentes para Ingeburg, o qual teve uma influência direta na escolha pela profissão de professora de música. Após o retorno da família Maschler à Alemanha, Ingeburg deu seguimento ao trabalho realizado pelo professor no Colégio Sinodal de São Leopoldo, carregando consigo seu exemplo como pessoa, como amigo e como docente.

Ainda do período no Morro do Espelho, Ingeburg destaca o professor Fausel, de teatro, responsável por inúmeras práticas com os alunos no IPT, envolvendo lendas brasileiras e alemãs. Em suas práticas como docente, Ingeburg reviveu muitas das peças teatrais que havia vivenciado em sua formação, no Sinodal, procurando unir a cultura brasileira à germânica.

Assim, são do IPT algumas das mais vivas experiências que contribuíram para a constituição de sua prática docente. Foi durante essa formação que Ingeburg pôde aprofundar os conhecimentos e o gosto pela música, tendo oportunidade de participar em corais, conjuntos instrumentais, assim como em peças teatrais e musicais. Muitas dessas obras vinham da tradição germânica, constituindo-se em elementos de aproximação de Ingeburg à instituição de ensino no Brasil. Foi também nesse período que vivenciou musicais e peças teatrais oriundos do folclore brasileiro, principalmente referente ao trabalho com as lendas, prática que realizou com seus alunos quando professora.

O curso de Economia Doméstica também configurou como uma experiência formativa marcante no que diz respeito às práticas de ensino. Nesse curso, Ingeburg aprendeu sobre higiene, cuidados pessoais, assim como organização e respeito às regras, sendo que no trabalho como professora, tanto no Mato Grosso como no Morro do Espelho, muito utilizou dessas aprendizagens junto a seus alunos.

É importante mencionar que também durante o período de atuação docente, Ingeburg realizou inúmeros cursos de formação, dos quais guarda lembranças que assinalaram sua trajetória profissional. Theophil Maier, da Alemanha; Mario Videla, da Argentina; e José Alberto Kaplan, Argentina/Brasil foram professores que marcaram, trazendo ensinamentos referentes ao professor como exemplo a ser seguido pelos alunos, agindo de forma coerente e respeitando a individualidade de cada um; ao trabalho com flauta doce, instrumento presente em sua prática

pedagógica de ensino de música; ao trabalho de música com histórias; e à exploração da criatividade da criança, dentre outras questões. Ingeburg preocupava-se de maneira ímpar com seus alunos, com a aprendizagem dos mesmos e com as formas de ensinar, mostrando-se acessível e próxima, tornando, dessa forma, o ensino prazeroso.

Assim, no que tange às práticas de ensino de música desenvolvidas por Ingeburg, experiências singulares fizeram parte de sua sala de aula, espelhando sua paixão pelas crianças e pela educação. Baseadas em vivências de infância, adolescência e idade adulta, a professora foi construindo seu modo de ensinar a partir de diferentes contextos formativos, experiências e modelos de professores.

Durante sua trajetória como professora e, principalmente, como professora de música, Ingeburg primava pela formação dos alunos como pessoas, realizando práticas voltadas ao desenvolvimento do humano, do respeito e do amor pela vida, transcendendo, dessa forma, o ensino dos conteúdos musicais. No trabalho com o Jardim de Infância, assim como na escola rural, em Mato Grosso, e, posteriormente, no trabalho com as turmas do Colégio Sinodal, as aulas de Ingeburg eram caracterizadas pela ludicidade, pelo trabalho em grupo, e pela valorização da natureza, assim como pelo ensino voltado à realidade dos alunos. Considerando o bem estar das crianças, a professora preparava o ambiente de sala de aula, desenvolvendo noções de higiene e o cuidado com os materiais escolares, para, de forma prática, trabalhar os conteúdos necessários aos alunos. Os conceitos teóricos eram produzidos posteriormente, em conjunto com a turma, de forma que a criança primeiramente vivenciava, para depois refletir e teorizar.

É importante mencionar que a prática de ensino de música de Ingeburg foi marcada pelo trabalho com o Método Orff, visto que utilizava os fundamentos do referido trabalho, bem como o instrumental em suas aulas. Assim, a aprendizagem musical era baseada no movimento corporal visando o trabalho rítmico, assim como a construção silábica no trabalho com a voz. Durante sua trajetória docente, Ingeburg viveu em contínua formação, buscando aprimorar suas práticas de ensino através de cursos específicos do Método Orff e também em oficinas de regência. Alguns desses cursos foram realizados na Alemanha, país pioneiro nesse método de educação musical.

Durante sua caminhada como professora, Ingeburg buscou sistematicamente o desenvolvimento de “práticas afetivas”, principal referência de sua forma de ensinar,

primando pelo respeito entre os alunos, pelo crescimento do grupo, pelo convívio em sociedade e pelo amor ao próximo. Os encontros na casa da professora, as tardes em que as crianças brincavam com os colegas e com os filhos do casal Hasenack demonstram o entrelaçamento entre a vida pessoal e a vida profissional de Ingeburg, de tal forma que uma e outra se confundiam.

Quanto às implicações do trabalho de Ingeburg nos contextos educacionais em que atuou, ressalto o trabalho desenvolvido na “Noite das Lanternas”, iniciativa da professora junto à turma do Jardim de Infância em comemoração às festividades do Natal, valorizando a participação dos pais e comunidade. O trabalho envolveu desde a confecção das lanternas até os ensaios e apresentações das canções natalinas em caminhada pelo bairro, assim como a récita de poemas durante a noite. Ingeburg criou e coordenou essa atividade até sua saída do Colégio Sinodal, a qual passou a figurar no calendário institucional, marcando as festividades do colégio. Assim, Ingeburg contribuiu também para a construção de uma nova cultura, tendo em vista que a atividade permaneceu mesmo após sua aposentadoria, marcando as práticas da professora e a história do Sinodal.

Outro fator momento na trajetória de Ingeburg foram as excursões artísticas e viagens realizadas com as turmas do Colégio Sinodal, nas quais a professora trabalhava a construção do grupo, o fortalecimento dos laços de amizade e o respeito mútuo, de modo que os alunos organizavam a viagem e o planejamento de cada dia. Oriundo do trabalho com o Instrumental Orff nas turmas em que lecionava, Ingeburg criou o Conjunto Instrumental *Sonoridad*, grupo que coordenou e regeu até meados de 2007. Destaco a importância do grupo no que tange à divulgação da música folclórica e popular brasileira, tanto no Brasil quanto no exterior, através das quatro turnês realizadas. Através desse grupo, Ingeburg realizou intercâmbios culturais e pedagógicos, aperfeiçoando seu trabalho como regente e como professora de música. A partir do *Sonoridad*, Ingeburg teve seu trabalho reconhecido. É importante ressaltar que muitos dos instrumentos musicais adquiridos pelo Colégio Sinodal e que são usados até hoje, foram trazidos pela professora de suas viagens à Alemanha com alunos.

Em paralelo ao trabalho realizado pela professora Ingeburg Hasenack, é imprescindível assinalar que a maior contribuição/implicação da professora para com os contextos em que atuou diz respeito às marcas deixadas nas pessoas que com ela conviveram, especialmente os alunos e pais, os quais puderam vivenciar

experiências marcantes de uma educação voltada ao humano, ao grupal, e às “práticas afetivas”. Cartas carinhosas, fotografias como lembrança, presentes, desenhos, recordações de músicas aprendidas na escola fazem parte das memórias de alunos e filhos de alunos de Ingeburg. A alegria da professora, com seu ânimo e energia contagiante fazia com que nós, alunos, percebêssemos um modelo de garra, determinação e amor pela profissão.

Assim, a história de vida de Ingeburg é marcada por lembranças pessoais carregadas de significados coletivos e sociais de diferentes épocas que se alinham e constroem esta *colcha de retalhos*. Nessa medida, ouvir as professoras e professores que viveram em diferentes momentos históricos pode trazer perspectivas únicas e significativas que, muitas vezes surpreendem. Fazendo parte da história de um tempo, Ingeburg também faz parte da história da Educação Musical no Brasil, sendo oportuno registrar sua história de formação e de atuação como professora de música. Muito das práticas realizadas e das ideias e concepções de ensino de música de professores deixaram marcas no atual cenário da Educação Musical do país.

A presente dissertação vem a contribuir para a Educação Musical do Brasil, a partir da trajetória de vida pessoal e profissional da professora Ingeburg Hasenack. Destaco a singularidade das práticas da professora, as quais foram construídas a partir de diferentes contextos de formação. Assim como Ingeburg, inúmeros professores fazem parte de nossas histórias, deixando marcas que direcionam nossas caminhadas.

A partir dessa pesquisa, novos estudos podem ser desenvolvidos a partir de temáticas que se inter-relacionam à história de Ingeburg. Desse modo, elenco alguns temas que pude identificar durante a realização do trabalho:

- ♪ Pesquisa com alunos da professora Ingeburg que tornaram-se professores de música. Ingeburg como modelo docente para esses profissionais, para além de minha própria experiência.
- ♪ Repercussão do trabalho de Ingeburg na vida dos alunos. Pesquisa com ex-alunos da professora de diferentes décadas de atuação.

- ♪ Materiais didáticos utilizados pela professora em suas práticas de ensino de música.
- ♪ Viagens de estudo à Alemanha - vivências em grupo.
- ♪ Inserção das mulheres no contexto de ensino teuto-brasileiro do Instituto Pré-Teológico (IPT), desde seu surgimento até os dias de hoje.
- ♪ História dos conjuntos instrumentais ligados à Rede Sinodal de ensino no contexto da região sul do Brasil.
- ♪ Trajetória pessoal e profissional de outros professores de música que fizeram parte do cenário de construção da educação musical no Rio Grande do Sul.

A partir dessas ideias, novas pesquisas podem ser pensadas, contribuindo para a educação musical do país, em especial para as práticas na área. Finalizo, portanto, com o sentimento de que muito aprendi e com a certeza de que minha escolha profissional como professora de música e a paixão pelas crianças como elemento presente em minha atuação profissional foi também fruto da professora Ingeburg Hasenack.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **História e história de vida - destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. Memórias, Narrativas e Pesquisa Autobiográfica. In: **História da Educação (ASPHE)**. Pelotas: v. 14, n. 1, 2003, p. 79-95.

_____. Pesquisa (auto)biográfica - tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 201-224.

_____. **Educadores Sul-Rio-Grandenses: muita vida nas histórias de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

_____; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Narrativas (auto)biográficas de formação e o entrelaçamento com a autorregulação da aprendizagem. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **(Auto)biografia e Formação Humana**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 191-216.

ANTUNES, Helenise Sangoi. **Ser aluna e ser professora: um olhar para os ciclos de vida pessoal e profissional**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS MORADORES PROPRIETÁRIOS DE WITMARSUM. **Turismo**. Colônia Witmarsum, 2009. Disponível em: <<http://www.acmpw.com.br>>. Acesso em: 17 mar. 2012.

BASTIÃO, Zuraida Abud. Prática de conjunto instrumental na educação básica. In: **Música na educação básica**. Porto Alegre, v. 4, n. 4, novembro de 2012, p. 58-69.

BETTI, Irene C. Rangel; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. História de vida: trajetória de uma professora de educação física. In: **Motriz**, Rio Claro, v. 3, n. 2, 1997, p. 108-115.

BOLÍVAR, Antonio (Org.). **Profissão professor: o itinerário profissional e a construção da escola**. Bauru. SP: EDUSC, 2002.

BONA, Melita. Carl Orff: um compositor em cena. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz Sangoi (Org.). **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: IBPEX, 2011, p. 125-156.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, jan./jun. 2002, p. 11-30.

_____; CHAMLIAN, Helena Coharik; SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, maio/ago. 2006, p. 385-410.

CATANI, Denice Barbara et al. "O amor dos começos": por uma história das relações com a escola. In: **Cadernos de Pesquisa**, n. 111, dezembro/2000, p. 151-171.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2004.

CORRÊA, Ayrton Dutra. Arte/Educadores do Rio Grande do Sul: trajetórias vivenciais ao longo da carreira. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 17., 2008, Florianópolis. In: **Anais Panorama da Pesquisa em Artes Visuais**. Florianópolis: ANPAP, 2008. p. 936-945.

DACCACHE, Máriam Hanna. **Fenomenologia do Viver em Dupla Pátria: Dois estudos de caso com brasileiros, filhos de libaneses**. Dissertação de Mestrado - Departamento de Psicologia. Góias: Universidade Católica de Góias, 2007.

DIETRICH, Ana Maria. Narrativas orais da Juventude Hitlerista e Neonazista no Brasil: breve análise comparativa. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História (ANPUH)**. São Paulo, julho 2011, p. 1-21.

DREHER, Martin N. Hermann Gottlieb Dohms: um perfil biográfico. **História [online]**, São Paulo, v. 23, n. 1-2, 2004, p. 133-159.

DROSTE, Rolf. Uma escola cantante e musicante. In: DROSTE, Rolf (Org.). **Uma escola singular**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1996, p. 101-107.

FARIAS, Graziela Franceschet. **O que duas professoras que atuaram no ensino rural tem para nos contar?** Lembranças de vida, histórias sobre alfabetização e trajetórias pessoais e profissionais. Dissertação de Mestrado - PPGE. Santa Maria: UFSM, 2010.

FERREIRA, Marina Alexandra Marques. **Ciclo de Vida, Desenvolvimento Profissional e Gestão Escolar.** Uma Abordagem Biográfica. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.

FERLA, Josélia Jantsch. **Helma Bersch e o ensino de música no contexto da imigração alemã católica do Vale do Taquari.** Dissertação de Mestrado - PPGE. Santa Maria: UFSM, 2009.

FISCHER, Beatriz T. Daudt Fischer (Org.). **Tempos de escola:** memórias. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2011.

FREITAG, Vanessa. **Tecendo os fios das memórias de infância no processo criativo docente:** um estudo com professoras de Artes Visuais da Casa de Cultura de Santa Maria. Dissertação de Mestrado - PPGE. Santa Maria: UFSM, 2008.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral:** Possibilidades e Procedimentos. 2^a ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GARBOSA, Luciane Wilke Freitas. **ES TÖNEN DIE LIEDER...** Um olhar sobre o ensino de música nas escolas teuto-brasileiras da década de 1930 a partir de dois cancionários selecionados. Tese de Doutorado - PPGMUS. Salvador: UFBA, 2003.

_____. Quando se cantava, todos cantavam! Ensino de música nas colônias teuto-brasileiras, nos anos 1930. In: CONGRESSO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 20., 2011, Vitória. **Anais A Educação Musical no Brasil do Século XXI.** Vitória: ABEM, 2011, p. 2148-2158.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (Org). **Vidas de Professores.** Porto: Porto Editora, 1992, p. 63-78.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia; SILVA, Leila Cristina Borges da; GOMES, Geisa Genaro. **Memórias de leitura e formação de professores.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

HASENACK, Ingeburg. Histórias do Colégio Sinodal. In: **Sinodal lembra...** São Leopoldo: Editora Sinodal, 2001, p. 99-109.

HASENACK, Johannes F. Missão Luterana pioneira no Córrego Escondido, Mato Grosso. Artigo não publicado, p. 1-8.

HOLLY, Mary Louise. Investigando a vida profissional dos professores: diários biográficos. In: NÓVOA, António (Org). **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1992, p. 79-110.

HUBERMAN, Michaël. O Ciclo de Vida Profissional dos Professores. In: NÓVOA, António (Org). **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1992, p. 31-61.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. 2006. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/ieclb.html>>. Acesso em: 08 fev. 2012.

JOLY, Ilza Zenker Leme. Música e Educação: reflexões sobre a importância da música nos processos educativos. In: SANTIAGO, Diana; BROOCK, Angelita; CARVALHO, Tiago. **Educação Musical Infantil**. Salvador: PPGMUS UFBA, 2011, p. 15-37.

JOSSO, Marie-Christine. As instâncias da expressão do biográfico singular plural: junção de uma abordagem intelectual à abordagem sensível na busca de doações do corpo biográfico. In: BOIS, Danis; JOSSO, Marie-Christine; HUMPICH, Marc (Orgs.). **Sujeito sensível e renovação do eu**. As contribuições da Fasciaterapia e da Somato-psicopedagogia. São Paulo: Paulus, Centro Universitário São Camilo, 2008, p. 13-40.

LANDSKRON, Lílian Marx Flor; SPERB, Tania Mara. Narrativas de professoras sobre o TDAH: um estudo de caso coletivo. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v. 12, n. 1, jan./jun. 2008, p. 153-167.

MASCHLER, Elisabeth. **De longe também se ama**. Recordações de uma vida no sul do Brasil e Alemanha. São Leopoldo: Rotermond/Sinodal, 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Língua e religião como instituintes da nacionalidade. In: DA CUNHA, Jorge Luiz; GÄRTNER, Angelika (Orgs.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**: história, linguagem, educação. Santa Maria: Ed. UFSM, 2003, p. 187-213.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, António (Org). **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1992, p. 111-140.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (Org). **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1992, p. 11-30.

OLIVEIRA, Ana Carla Menezes de. Economia doméstica: origem, desenvolvimento e campo de atuação profissional. In: **VÉRTICES**, v. 8, n. 1/3, jan./dez. 2006, p. 77-88.

OLIVEIRA, Valeska F. de (Org). **Imagens de Professor**: significações do trabalho docente. 2ª ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004a.

_____ ; OLIVEIRA, Vânia Fortes de; FABRÍCIO, Laura Elise de Oliveira. O oral e a fotografia na pesquisa qualitativa. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto)biográfica**: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004b, p. 163-180.

PASSEGGI, Maria Conceição et al. Formação e pesquisa autobiográfica. In: SOUZA, E. (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS, Salvador: EDUNEB, 2006, p. 256-268.

PAULA, Eunice; CAMPOS, Joana. História de Vida: relação entre as vivências pessoais e profissionais na configuração das concepções e práticas em Educação de Infância. In: **Interacções**, Lisboa, v. 7, n. 18, 2011, p. 24-53.

PAULILO, Maria Angela Silveira. A pesquisa qualitativa e a história de vida. In: **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 2, n. 1, Jul/Dez 1999, p. 135-148. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/ssrevista/n1v2.pdf>>. Acesso em: 09 mai. 2011.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

_____. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. In: **Liinc em Revista**, v.1, n.1, março 2005, p. 3 -15. <<http://www.ibict.br/liinc>>. Acesso em: 02 fev. 2013.

RAMBO, Arthur Blásio. Nacionalidade e cidadania. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Orgs.). **Os alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade, história. Canoas: Ed. ULBRA, 1994, p. 43-53.

RAMBO, Arthur Blásio. A história da imprensa teuto-brasileira. In: DA CUNHA, Jorge Luiz; GÄRTNER, Angelika (Orgs.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**: história, linguagem, educação. Santa Maria: Ed. UFSM, 2003, p. 59-79.

SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. In: **MANA**, 3(1): 1997, 95-131.

SONORIDAD, Grupo Instrumental. Disponível em: <<http://sonoridad.150m.com/historico.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2011.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Histórias de Vida e Formação de Professores. In: **Salto para o Futuro - TV Escola SEED-MEC**. Boletim 1, Março 2007, p. 4. Disponível em: <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/165212Historias.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2012.

_____. (Auto) Biografia, Identidades e Alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na Pós-Graduação. In: **Revista Fórum Identidades**, Sergipe, Ano 2, v. 4, Jul./Dez. 2008, p. 37-50.

_____. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão -narrar a vida. In: **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, mai./ago. 2011, p. 213-220.

SOUZA, Willian Eduardo Righini de; CRIPPA, Giulia. Limites e contribuições da História Oral: a memória e a história nas interseções entre o individual e o coletivo. In: **SÆCULUM - REVISTA DE HISTÓRIA**, n. 23, João Pessoa, jul./dez. 2010, p. 75-89.

TASQUETTO, Angélica D'Avila. **Memória Docente**: uma construção a partir de narrativas com relação a educação das Artes Visuais em Escolas Rurais. Dissertação de Mestrado - PPGE. Santa Maria: UFSM, 2009.

WITT, Osmar Luiz. Breve História do Instituto Pré-Teológico. In: DROSTE, Rolf (Org.). **Uma escola singular**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1996, p. 13-44.

Reportagens de jornal

HASENACK, Ingeburg. **Sinodal abre ponte entre RS e Alemanha**. Jornal Vale do Sinos – ABC Documento. São Leopoldo, 1997, p. 3.

Ela viveu a Guerra. Jornal Vale do Sinos – 180 Anos da Imigração Alemã. São Leopoldo, 25 de julho de 2004.

Ela fez da música sua história de vida. Jornal Vale do Sinos – 185 da Imigração Alemã. São Leopoldo, 25 de julho de 2009.

Canto da Terra. Revista Rua Grande. São Leopoldo, 11 a 24 de junho de 2004.

APÊNDICES

Apêndice 1**ESBOÇO DE ROTEIRO PARA ENTREVISTA NARRATIVA**

1. Vivências de infância, adolescência e início da vida adulta

- Filiação, local de nascimento, infância
- Família e relação com a música
- A igreja e a cultura germânica
- Casamento: a casa, o marido e os filhos

2. Formação musical: vivências como aluna

- Professores de música da infância
- O período junto a Max Maschler
- Momentos de formação na Alemanha
- Influência dos mestres
- Escolha profissional

3. Início da carreira docente

- Os primeiros anos na profissão
- Espaços nos quais trabalhou
- Entrada no Colégio Sinodal: ano, condições, funções

4. Construção dos anos dedicados ao magistério

- Cursos de formação complementar
- Dificuldades e dilemas na docência
- Mudanças na realidade escolar
- O ensino de música como paixão

5. Fundação de um grupo musical:

- Surgimento
- Ensaios
- Lembranças das viagens
- O grupo
- Dilemas, realizações e frustrações na profissão;

6. Prática profissional em sala de aula

- Conteúdo, instrumentos, atividades desenvolvidas, alunos,
- A metodologia de trabalho
- Fatos marcantes

7. A comunidade de São Leopoldo

- Funções exercidas junto à comunidade, atuação na igreja, na escola;
- Repercussões do trabalho na comunidade
- O que permaneceu

8. A hora de se afastar

- Momento de desinvestimento?
- Término de uma trajetória?
- Música hoje

Apêndice 2
CARTA DE CESSÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E ARTES
FAPEM: FORMAÇÃO, AÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO MUSICAL

Mestranda: Janaína Machado Asseburg Lima

Pesquisadora Responsável: Prof^a. Dr^a. Luciane Wilke Freitas Garbosa

Título do Projeto: Ingeburg Hasenack: Memórias de uma educadora musical

São Leopoldo, março de 2013.

Eu, Ingeburg Hasenack, casada, RG 8021554467, residente no endereço Rua América, 612, Bairro Morro do Espelho - São Leopoldo/RS - CEP 93030-110, cedo os direitos autorais de minhas entrevistas, realizadas nos dias 26 e 27 de maio e 08 e 09 de junho de 2012, para fins de pesquisa, com uso integral ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, abdicando de direitos meus e de meus descendentes. Da mesma forma autorizo o uso das imagens.



Ingeburg Hasenack

ANEXOS

Ela viveu a guerra

A professora e maestra do Conjunto Instrumental Sonoridade de São Leopoldo, Ingeburg Hasenasck, 70 anos, mora há mais de 50 anos no bairro Morro do Espelho, em São Leopoldo. Mas antes de chegar ao Brasil com a família, ela viveu os horrores da 2ª Guerra Mundial, na Alemanha. Ainda criança se jogava no chão cada vez que os aviões passavam atirando. Viu o pai ir para guerra, fugiu e passou fome com a mãe e o irmão numa cidade próxima a Berlin. Acha o Brasil o País mais lindo do mundo, mas afirma sentir o mesmo medo do pós-guerra na violência urbana de hoje.

Tante Inge, como é chamada, nasceu em 13 de dezembro de 1933, por acaso em Carazinho, onde o pai trabalhava como pastor. Sua família estava no Brasil havia seis anos e, em 1938, voltou para a Europa. Alguns meses depois de terem regressado à Alemanha explodiu a guerra. "Eu era uma criança, mas lembro do dia 1º de setembro de 1939, quando passou um avião próximo a nossa casa e alguém gritou: guerra! Minha mãe chorou e disse



Tante Inge, o irmão e a mãe passaram até fome na Alemanha

que não poderíamos voltar ao Brasil. Eu não sabia o que era guerra e não sabia o que teria que passar. O pai foi logo enviado para a Rússia", conta emocionada.

Durante os anos de guerra, ela, o irmão e a mãe ficaram sozinhos em casa, rezando para que o pai voltasse. "Uma noite uma vizinha nos deu quatro ovos e a mãe falou: como seria bom se o pai estivesse aqui. Naquela mesma noite alguém tentou abrir a porta. Foi então, que reconheci a voz do meu pai e gritei de alegria", lembra.

Entre as lembranças da professora está o fim da guerra. Ela garante que sua casa estava cheia de soldados russos que atiravam para cima, bebiam e comiam para comemorar. Inge não gosta muito de lembrar desses dias e prefere não falar, mas deixa escapar que os russos fizeram

muita maldade para os vizinhos. Sua família foi poupada porque sua mãe ajudava escondido os soldados.

Mesmo com o fim da guerra, a família de Tante Inge ainda teve que passar por outras provações. Ameaçados de morte e de serem enviados para a Sibéria, a família fugiu da Alemanha em um navio. O destino era Santa Rosa, no Rio Grande do Sul. Depois dos bombardeios, a menina dedicada à cultura e às tradições alemãs, que cultivava a arte e a música, se deparou com outra realidade. No interior do Estado, não havia as opções culturais da Europa. Foi então, que Inge foi estudar no Instituto Pré-Teológico, no Morro do Espelho, em São Leopoldo.

A adaptação em um lugar diferente também não foi fácil. Inge comenta que usava seus trajes típicos alemães e não entendia uma pala-

vra em português. Hoje, Inge diz que vive em dois mundos, embora se considere brasileira, mas fale alemão com os de casa. "Não posso perder a minha língua. Houve um tempo em que eu não sabia mais quem era", completa.

O perigo alemão

Os períodos das duas guerras mundiais foram os mais difíceis para os descendentes de alemães que viviam no Brasil. Com o Estado Novo e a campanha de nacionalização, em 1937, a língua, o ensino e a imprensa foram proibidos e os descendentes enfrentaram uma crise de identidade. A situação se complicou ainda mais durante a 2ª Guerra Mundial, quando o germanismo era interpretado como algo negativo pelos brasileiros, embora muito desse medo fosse baseado em boatos.

Aqueles foram tempos marcados pela repressão, prisões, fechamento de escolas e proibição do idioma alemão. Segundo o historiador Lúcio Kreutz, o fechamento das escolas alemãs fez uma geração de analfabetos. Ele afirma que o nível do ensino decresceu neste período, pois os professores só falavam português e o método de ensino era outro.

A perseguição era tanta, que conforme livros históricos, os policiais brasileiros chegaram aos extremos de se esconder embaixo das casas para ouvir se o casal iria falar alemão no quarto. Para tentar fugir da pressão brasileira, muitos descendentes ficaram ao lado do governo. Além de não se incomodar, a ascensão dos descendentes se dava nas igrejas e no exército.

"Queriam um Brasil homogêneo. Aprendi a seriedade sob o peso da proibição. O clima de guerra infestava tudo. Longe de bombardeios, a guerra estava no ar que respirávamos. Território neutro não existia. Não se sabia quem tinha criado as oposições."

Donaldo Schüller, descendente de alemães, professor aposentado da Ufrgs e escritor, sobre a campanha de nacionalização.

Ingeburg E. Hasenack trouxe a arte a São Leopoldo

Ela fez da música sua HISTÓRIA DE VIDA



COLÉGIO SINODAL: na classe de música as crianças aprendiam a tocar instrumentos

É uma senhora sorridente que abre a porta e recepciona com um abraço o visitante. Ansiosa para descobrir o que a repórter quer saber de sua vida, Ingeburg E. B. Hasenack, ou Tante Inge (tia Inge) como prefere ser chamada, começa a falar de si em uma mistura de português e palavras soltas em alemão.

A trilha da entrevista são músicas dos CD's que gravou com o grupo Sonoridad, o qual fundou e voltará a reger assim que estiver plenamente recuperada de uma trombose na perna. Transbordando sentimentos, Tante Inge perpassa o repertório de sua vida, ora com sorrisos de alegria, ora com lágrimas de comoção. São quase 76 anos vividos em meio à música, cultura, religião e doação (o pai e marido, pastores luteranos; a mãe, diaconisa).

Grande parte do que o Colégio Sinodal vivenciou em termos de música e teatro foi praticado pela brasileira que teve também na Alemanha sua formação cultural e

cívica. Nascida no Brasil, ela viveu dez anos na terra de seus pais de onde trouxe grande bagagem cultural e o amor por música e teatro. Durante os 50 anos que lecionou, viu na música uma maneira de cativar os alunos para uma participação alegre e produtiva.

ALMA - "Só a música é linguagem universal, que não precisa ser traduzida, pois fala de alma para alma", diz ela, citando Berthold Auerbach. E foram justamente os ritmos, as lendas e o folclore que acabaram por fazê-la uma brasileira de coração.

A língua foi o menor dos entraves. Em São Leopoldo, Tante Inge encontrou espaço para falar em alemão, tal como fazia com seus pais e ainda o faz com sua família. A distância das amigas e dos amigos em Frankena, onde havia crescido, deixou saudade. "Hoje vejo que meu destino é o Brasil", afirma. A terra povoada por tantos imigrantes alemães também lhe deu espaço pa-

ra aprimorar e expressar sua arte.

"A música é meu chão". Com essa frase ela define o sentimento que motivou sua vida e todo o trabalho que realizou e ainda executa. Em São Leopoldo, Tante Inge passou a usar a pedagogia musical de Carl Orff para reproduzir os ritmos do folclore brasileiro. O resultado disso foram 50 anos como professora de música e ensino religioso bem como a regência do grupo Sonoridad.

Como atividades extraclasses fez excursões com alunos do Sinodal para Gramado e Alemanha, participando de seminários de música e abrindo os horizontes culturais por visitas a museus e lugares históricos. Assim também se estabeleceu um intercâmbio de alunos. Com o grupo Sonoridad fez várias turnês, gravou quatro CD's e lançou o livro "Melodias da Infância", que resgata músicas infantis para serem cantadas e tocadas com os pais.

Texto em alemão

Sie machte aus der Musik ihre Lebensgeschichte

Eine lächelnde Frau öffnet die Tür und empfängt die Besucherin mit einer Umarmung. Ingeburg E. B. Hasenack oder Tante Inge, wie sie lieber genannt wird, ist neugierig auf die Fragen der Journalistin und beginnt, von ihrem Leben zu erzählen in einem Gemisch von Portugiesisch und einigen deutschen Wörtern.

Im Hintergrund spielt eine CD mit Musik, die von der Gruppe Sonoridad aufgenommen wurde; Tante Inge hat diese Gruppe gegründet und wird sie wieder dirigieren sobald sie sich von einer Thrombose am Bein erholt hat. Gefühlsvoll erzählt sie von ihrem Leben, bald mit frohem Lachen, bald mit Tränen in den Augen. Es sind fast 76 Jahre, die stark geprägt wurden von der Religion der Vater war evangelischer Pfarrer, der Ehemann ist evangelischer Pfarrer und die Mutter war Diakonin, der Hingabe, Musik und Kultur.

Tante Inge hat durch ihre kulturelle Ausbil-

dung in Deutschland viel zur musikalischen Bildung im Colégio Sinodal beigetragen. Sie wurde in Brasilien geboren und lebte zehn Jahre in Deutschland die Heimat ihrer Eltern; von dort brachte sie nicht nur die kulturelle Erfahrung, sondern auch die Liebe zur Musik und zum Theater. Im Laufe der 50 Jahre ihres Lehramtes sah sie in der Musik eine Möglichkeit, Liebe zu vermitteln.

Die Musik ist die einzige Ausdrucksform, die nicht übersetzt werden muss sie ist universell, sagt sie. Und es waren die Rhythmen, Legenden und Folklore Brasiliens, die ihr Herz für Brasilien gewonnen haben.

Die Sprache war nicht das Problem; in São Leopoldo konnte Tante Inge Deutsch sprechen, wie sie es zu Hause bei ihren Eltern und danach auch in ihrer eigenen Familie gewohnt war. Die Entfernung von den Freunden und von dem Land, das sie für ihre Heimat hielt, machten ihr am meisten zu schaffen. Nachdem

ich älter wurde stellte ich fest, dass Brasilien meine Heimat ist, behauptet sie.

AUSDRUCK - Die Musik ist meine Gabe. Mit diesem Satz definiert Tante Inge das Gefühl, das ihrem Leben Sinn gegeben hat und all ihre Arbeit motiviert. Sie brachte Referenzen und Instrumente, die sie in Deutschland erlernt hat, nach São Leopoldo und mischte sie mit den brasilianischen Rhythmen und Folklore. Das Resultat davon waren 50 Jahre als Musik- und Religionslehrerin.

Wenn ich zusammenfassen sollte, was ich für São Leopoldo getan habe, war es die Musik, gibt sie zu. Mit der Gruppe Sonoridad CD-Aufnahmen, unternahm unzählige Reisen und Austauschprogramme mit Deutschland und brachte ein Buch heraus, in dem sie den Kindern die ältesten Kinderlieder beibringt, welche die Eltern auch ihren Kindern beibringen können.

São 76 anos de idas e vindas



INGE: há 60 anos no Brasil

Prestes a completar 76 anos, Ingeburg Hasenack acumula uma trajetória de idas e vindas. Elegeu São Leopoldo para ser seu ponto de partida, ou melhor, ponto de retorno.

Nasceu por acaso no Brasil, em Carazinho, e aos cinco anos, partiu com a família para uma viagem de férias para a Alemanha, onde ficou retida por causa da II Guerra Mundial, voltando só em fins de 1948, já com 15 anos.

A família voltou a lo-

calidade de 15 de Novembro, colônia de Santa Rosa de onde havia partido. A região povoada por agricultores, sem eletricidade e impregnada por um pó vermelho proporcionou um verdadeiro choque cultural para a então adolescente Ingeburg.

Através dos estudos, teve a oportunidade morar no Morro do Espelho. Na casa do professor de música Max Maschler encontrou uma segunda família.

ENTREVISTA



Canto da terra

O Conjunto Instrumental Sonoridad realiza um importante trabalho cultural para a cidade

Redação RUA GRANDE

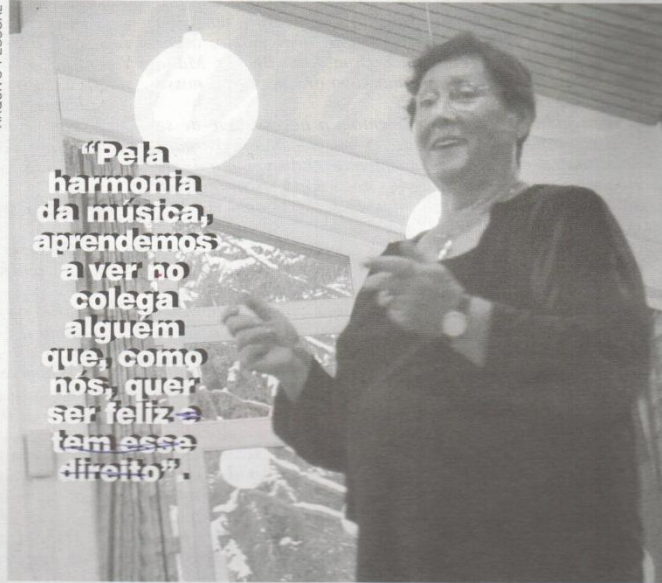
A música é um elemento essencial para todos. Através dela, consegue-se relaxar e curtir momentos de pura inspiração. A noção que atualmente se tem da música como 'uma organização temporal de sons e silêncios' não é nova. Civilizações muito antigas já se aproximaram dela, descobrindo os elementos musicais e ordenando-os de maneira sistematizada.

Os historiadores têm encontrado inscrições indicando que um caráter nitidamente ritualístico impregnava a maior parte da criação musical da Antiguidade. Os povos de origem semita cultivavam a expressão musical, tornando-a bastante elaborada. Os que habitavam a Arábia, principalmente, distinguiram-se pela criatividade. Possuíam uma ampla variedade de instrumentos e dominavam diferentes escalas. Tocavam sobretudo para dançar.

A Bíblia mostra que os judeus tinham a música como hábito. Davi fala sobre ela nos "Salmos" e diversas outras passagens bíblicas contêm menções a respeito. Na China, o peculiar era a própria música, devido à sua monumentalidade. Os chineses utilizavam nada menos que 84 escalas (o sistema tradicional da música ocidental dispunha de apenas 24). Por volta do ano 2255 a.C., o domínio sobre a expressão musical atingia tal perfeição entre eles e sua influência se estendia por todo o Oriente, moldando a música do Japão, da Birmânia, da Tailândia e de Java. A história da música é muito interessante.

Sonoridad é um conjunto muito versátil do Colégio Sinodal. Os autores das músicas interpretadas pelo grupo vão desde os grandes compositores brasileiros, como Zequinha de Abreu, Ari Barroso, Pixinguinha, Tom Jobim e Villa-Lobos, até grandes gênios universais, como Johann Sebastian Bach, George Händel, Ludwig van Beethoven, Franz Schubert, Georges Bizet, entre outros. O grupo, do Colégio Sinodal, executa obras com arranjos do professor Irineu Krüger, e também peças de sua própria autoria. A professora Ingeburg

ARQUIVO PESSOAL



"Pela harmonia da música, aprendemos a ver no colega alguém que, como nós, quer ser feliz e tem esse direito".

Hasenack comanda o conjunto, que é um grande orgulho para todos os leopoldenses. Confira agora a entrevista com a sra. Ingeburg, revelando todos os detalhes sobre o Grupo Sonoridad.

RG - Como e em que oportunidade surgiu o grupo Sonoridad?

TANTE INGE - O Conjunto Instrumental Sonoridad - São Leopoldo, RS, surgiu em 1963, tendo sido criado pela Profª Ingeburg Hasenack com o nome de "Rodinha Alegre". Na época, era formado por poucas flautas, percussão artesanal e um xilofone que hoje se encontra em

museu. Muitos alunos passaram pelo conjunto, que adquiriu instrumentos e experiência. Fez contatos e amadureceu.

RG - A diversidade de ritmos é marca registrada. Quais são eles e o que cada um representa?

TANTE INGE - São características do grupo a alegria de fazer música e a criatividade com que são tocadas composições clássicas, sacras, folclóricas e música brasileira dos mais variados ritmos. Os ritmos básicos são as batidas do nosso coração e todos os demais são expressões da vida, no contexto em que vivemos.

RG - O grupo é formado por quantos integrantes?

TANTE INGE - Somos 18 integrantes, com idade entre os 13 e 31 anos. Estou na idade da sabedoria, 70 anos.

RG - O conjunto se apresenta em quais eventos? Qual foi a apresentação mais marcante e significativa?

TANTE INGE - Já nos apresentamos em eventos como Congresso Internacional de Educação, com Paulo Freire, na Unisinos, em Estrela, nos 100 anos da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas, na Fundação

Os melhores imóveis
com segurança
no seu investimento



Vila Rica
imóveis

Nós temos o imóvel que você procura

Vila Rica Vendas: 592.6899
Rua Independência, 1212

CRDCI 936

Semar/FENAC de Novo Hamburgo. No interior do Estado, estivemos em Panambi, Ijuí, Santo Ângelo, Carazinho, Tramandaí (Festa do Peixe), e em São Leopoldo, no Orpheu, na Câmara dos Vereadores e em vários outros eventos. Fizemos quatro turnês pela Alemanha. A mais recente foi em janeiro e fevereiro deste ano, quando levamos folhetos-convite da festa dos 180 anos da Imigração. Tivemos muitas apresentações significativas, no Brasil e na Alemanha. A mais marcante talvez tenha sido uma, de 1999, quando tocamos na catedral do centro de Berlim.

RG - *Quais são as realizações do grupo para com a comunidade?*

TANTE INGE - Em conexão com apresentações em escolas e comunidades, temos realizado oficinas com crianças e jovens, despertando, entre eles e o público em geral, a fascinação pela música, uma experiência positiva, marcante para a vida.

RG - *A marimba, vibrafone e outros instrumentos singulares são raramente utilizados no Brasil. Qual o diferencial que esses instrumentos causam nas músicas?*

TANTE INGE - Um dos objetivos do grupo é difundir o uso do instrumental Orff, composto por xilofone, metalofone, glockenspiel, vibrafone, marimba, triângulos, placas de contrabaixo e bateria. São instrumentos de sonoridade muito bonita, cujo timbre mexe com a alma das pessoas. Nos primeiros anos, usamos vários instrumentos fabricados por nós mesmos, de bambu e madeira, em aulas de educação artística. Além dos citados, usamos instrumentos de sopro (flauta doce e saxofone) e de cordas, como também instrumentos tipicamente brasileiros, como afoxê, agogô, clavas, reco-reco, maracas, diversos tambores e gongos.

RG - *Como é realizado o trabalho do professor Irineu Krüger, na composição das músicas?*

TANTE INGE - O professor Irineu é o compositor e arranjador do conjunto, prestando também auxílio significativo nos ensaios, principalmente nos aspectos técnicos. Tem grande habilidade para adaptar músicas folclóricas e clássicas para cada instrumento. Seu talento e experiência com o instrumental Orff contribuíram muito para o êxito do Conjunto.

RG - *Quais os projetos para os próximos meses?*

TANTE INGE - Desejamos divulgar a música brasileira e a riqueza de suas facetas no Brasil e nos países vizinhos. Pensamos numa turnê pela Argentina e, quem sabe, pelo Chile. Costumamos fazer os contatos através de colégios,

comunidades e instituições, programando apresentações também em ancionatos e para pessoas portadoras de deficiência. Está sendo analisada a viabilidade de gravar um CD especialmente para crianças. Entre vários outros, temos apresentações agendadas para 26 de maio (lançamento do CD "Sons da Nossa Terra"), para 27 de junho na antiga sede da Unisinos (referente aos 180 anos da imigração alemã) e para setembro uma série de apresentações na serra gaúcha (Soledade, Panambi, Santa Rosa, etc.).

“A música é linguagem universal, que não precisa ser traduzida, pois fala de alma para alma. A música contribui para um melhor entendimento e para a paz entre pessoas e povos”.

RG - *É realizado um intercâmbio entre o Grupo Sonoridad e outros conjuntos?*

TANTE INGE - Atualmente estamos ensaiando com o grupo *The Shames*, de São Leopoldo, prevendo uma apresentação conjunta para o final de setembro. Temos dois convites para tocar com outros conjuntos e corais.

RG - *Como é trabalhado cada um dos integrantes do conjunto, em termos de preparação e psicologicamente?*

TANTE INGE - Sempre acentuamos que somos um grupo coeso e que para realizar uma boa música é indispensável que cada integrante escute e respeite o outro. Pela harmonia da música, aprendemos a ver no colega alguém que, como nós, quer ser feliz e tem esse direito. Temos fé em Deus, a quem oramos e agradecemos e cuja palavra nos serve de orientação: “Servi uns aos

outros cada um conforme o dom que recebeu”. Segundo o nosso entendimento: “A música é linguagem universal, que não precisa ser traduzida, pois fala de alma para alma.” (Auerbach). Temos certeza de que a música contribui para um melhor entendimento e para a paz entre pessoas e povos.

RG - *Como o Grupo divulga o nome da cidade?*

TANTE INGE - Durante as apresentações na Alemanha divulgamos o Vale do Sinos e São Leopoldo como o berço da imigração alemã; também convidamos o público alemão para participar da São Leopoldo Fest, neste ano.

RG - *A música e a cultura, de um modo geral, ajudam na formação de cidadãos de bem, que honram e transformam a sociedade. Qual a sua opinião? Quais os incentivos que as áreas citadas recebem?*

TANTE INGE - Sem dúvida, a música contribui em muito para a formação das pessoas e constitui uma forma de expressão essencial da cultura e da alma de um povo. Acho que nos currículos escolares a música e o canto não estão sendo valorizados como as outras matérias. Segundo a minha experiência, aqueles alunos que praticam música, teatro e dança, também são bons em outras matérias.

RG - *O que deve ser feito para a construção de uma sociedade mais digna. Como a música ajuda nessa construção?*

TANTE INGE - Essa é uma pergunta difícil de responder com poucas palavras, pois mereceria um comentário mais amplo. É lamentável que na sociedade atual (nacional e global) predominem, por demais, os interesses econômicos, a obrigação de concorrer e lutar, a concentração de bens e oportunidades. Em meio a esse doloroso quadro social que conhecemos, a música e a arte têm papel importante para expressar o que as pessoas sentem, de forma não violenta, mas contagiante.

RG - *Quais são os apoios recebidos pelo Grupo Sonoridad?*

TANTE INGE - Durante toda a existência do conjunto, o Colégio Sinodal tem facilitado o trabalho cedendo espaço físico e assumindo determinadas despesas. Em 2003, o conjunto se constituiu como Associação Musical Sonoridad. Foi aprovado um projeto pelo Ministério da Cultura (Lei de Incentivo à Cultura, Lei 8.313/91) e pudemos então buscar doações; recebemos apoio de empresas como Dover, Bins, Tipler e uma significativa doação anônima, que nos possibilitaram realizar a turnê de 2004.



Dr. Paulo Fernando Alves
CRO 7124
CIRURGIÃO - DENTISTA

* Especialista em Prótese Dentária pela UFRGS
* Professor de Odontogeriatría na UFRGS
* Professor de Prótese Dentária e Oclusão na ULBRA

Prótese sobre Implantes Dentários

Consultas com hora marcada
Rua 1º de Março, 433, sala 303 - Fone 592 2407 - S. Leopoldo